UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

O ESPAÇO SAGRADO E O NASCIMENTO DA *POLIS* EM MÉGARA *HYBLAEA*

Ana Carolina Porto Nunes Munhoz

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Orientador: Prof^a. Dr^a. Elaine Farias Veloso Hirata

São Paulo 2006

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

MUSEU DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUEOLOGIA

O ESPAÇO SAGRADO E O NASCIMENTO DA *POLIS* EM MÉGARA *HYBLAEA*

Ana Carolina Porto Nunes Munhoz

São Paulo 2006

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu avô Luiz (em memória), à minha avó Terezinha e principalmente ao meu namorado William.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à admirável professora Elaine Farias Veloso Hirata, que orientou essa pesquisa. Agradeço por sua dedicação, apoio, compreensão e por todos os ensinamentos que me foram passados nestes quatro maravilhosos anos de convivência.

Agradeço a todos os professores do Museu de Arqueologia e Etnologia, especialmente à professora Maria Beatriz Borba Florenzano.

Agradeço a todos os funcionários do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Agradeço os funcionários e ex-funcionários da biblioteca do MAE pela grande contribuição às nossas pesquisas. Um agradecimento especial a Eleuza e Vera. Muito obrigada pelo carinho e apoio.

Agradeço a CNPq, instituição responsável pelo apoio financeiro à pesquisa.

Agradeço a todos meus atuais colegas de trabalho, especialmente aos funcionários e professores da EMEF Amélio de Paula Coelho.

Agradeço a meus ex-professores e eternos mestres e amigos da UNESP de Franca Moacir Gigante e Maria Celeste Fachin, cujo apoio e ensinamentos passados foram fundamentais desde o início de minha trajetória como estudante universitária e assim o serão pra sempre. Muito obrigada por tudo.

Agradeço aos meus queridos amigos e colegas de pesquisa. Um agradecimento especial a minha amiga Lílian e a meu amigo Danilo. Agradeço também a Vanessa e Cibele, pela enorme ajuda na elaboração do abstract.

Agradeço a toda família Guimarães Munhoz, especialmente a meu pai Rafael e a minha avó Maria Cecília, grandes entusiastas de meus estudos.

Agradeço a toda família Nunes, especialmente a minha mãe, Maria Tereza, que sempre compreendeu a importância dos meus estudos e a minha querida avó Terezinha, que sempre me apoiou.

Agradeço, enfim, ao meu grande e eterno amor William, que me fez acreditar em mim mesma e me incentivou como ninguém a lutar pelos meus objetivos. Muito brigada pelo carinho, pelo amor incondicional e por transformar minha vida em algo muito melhor. Muito obrigada por existir.

SUMÁRIO

Resumo	ii
Abstract	iii
Índice	iv
Índice de Figuras	v
Introdução	01
Capítulo I	06
Capítulo II	27
Capítulo III	46
Capítulo IV	103
Conclusão	143
Referências Bibliográficas	150

RESUMO

Esta pesquisa apresenta dois objetivos principais. O primeiro consiste na elaboração de uma análise da organização espacial de Mégara Hyblaea com base nos resultados publicados das escavações e em outras obras que tratam do tema. Será dada ênfase especial aos espaços sagrados. A partir do levantamento das áreas cultuais e das transformações ocorridas nos locais de prática religiosa pretendemos analisar como se deu o desenvolvimento sociopolítico da cidade e buscar elementos para entender como ocorreu a emergência da polis nesse local. O segundo objetivo de nossa pesquisa é verificar, no caso de Mégara Hyblaea, como se comporta o modelo de surgimento da polis elaborado por François de Polignac. Pesquisador da Escola de Paris, Polignac promoveu uma revisão nos estudos relativos à cidade-estado grega antiga, ao apresentar a religião como elemento fomentador dos laços entre os indivíduos. De acordo com o pesquisador francês, na obra "La naissance de la cité grecque", os espaços sagrados comunitários teriam promovido a integração dos habitantes de um determinado local fomentando o nascimento da polis.

Palavras-chave: Mégara *Hyblaea* – Espaço – Religião – *Polis* – Polignac

ABSTRACT

This research presents two main objectives. The first one consists of an analysis of space organization at Mégara Hyblaia based on the published results of archaeological excavations and other written sources that discuss this subject. Special emphasis will be given to sacred spaces. From the survey of these areas of cult and the transformations which occured in these places of religious practice, we intend to analyze the social and political developments of the city and also the polis'emergence in this place. The second objective of this research is to verify the polis emergence model elaborated by François de Polignac in the case of Mégara Hyblaia. As a researcher from the School of Paris, Polignac provided a revision on studies concerning the ancient Greek polis, and presented religion as the main element promoting interaction among individuals. According to this French researcher, in his book "La naissance de la cité grecque", the communal sacred spaces would promote integration among the inhabitants of a specific territory fostering the the birth of the polis.

Key-words: Megara Hyblaia – Space – Religion – Polis – Polignac.

<u>ÍNDICE</u>

I-	Introdução	02
II-	Capítulo I	06
III-	Capítulo II	27
IV-	Capítulo III	46
V-	Capítulo IV	103
VI-	Conclusão	143
VII-	Referências Bibliográficas	150

ÍNDICE DE FIGURAS

I-	Figura 1: Mapa do sul da península itálica e Sicília	49
II-	Figura 2: Provável território megarense	51
III-	Figura 3: Área intra-mural de Mégara <i>Hyblaea</i>	61
IV-	Figura 4: Área urbana central de Mégara Hyblaea no início do século VI	[
	a.C	65
V-	Figura 5: Área urbana central de Mégara Hyblaea no início do século VI	
	a.C	70
VI-	Figura 6: Área urbana central de Mégara Hyblaea no início do século	
	V a.C	4
VII-	Figura 7: Localização dos edifícios religiosos do bairro da agorá	76
VIII-	Figura 8: Templo oeste (edifício c)	18
IX-	Figura 9: Heroon (edifício d)	30
X -	Figura 10: Templo sul (edifício g)	83
XI-	Figura 11: Templo sul com colunata central (edifício h)	85
XII-	Figura 12: Pequeno templo norte (edifício j)	37
XIII-	Figura 13: Edifício k	39
XIV-	Figura 14: Templo sudeste (edifício l))1
XV-	Figura 15: Setor nordeste do sítio com áreas cultuais em destaque)3
XVI-	Figura 16: Locais de prática religiosa da área intra-mural de Mégara	
	Hyblaea	5
XVII-	Figura 17: Localização do templo extra-urbano nas margens do rio	
	Molinello9	9

INTRODUÇÃO

Mégara *Hyblaea* foi fundada na costa oriental da Sicília, por volta do ano de 728 a.C. Tal informação nos é fornecida pela tradição textual grega, a qual segue os relatos de Estrabão e Tucídides¹. A metrópole, de onde partira a expedição de colonos, foi a cidade de Mégara *Nisaia*, localizada no ístimo de Corinto, entre a Ática e o Peloponeso. Mégara *Hyblaea* não foi a única colônia a surgir nesse período: entre o segundo quartel do século VIII a.C e o final do século VII a.C, dezenas de expedições saíram da Hélade em direção à várias regiões da costa do Mar Mediterrâneo, em especial ao sul da península Itálica e à Sicília. O resultado deste processo foi a fundação de inúmeras *apoikiai*, como os gregos chamavam suas colônias. Uma ampla expansão territorial estava sendo empreendida.

A cidade de Mégara *Hyblaea* é o foco da pesquisa que temos desenvolvido nos últimos anos, a qual resultou na presente dissertação. Reveladas principalmente a partir do século XIX², as ruínas de Mégara suscitaram o interesse de vários estudiosos. A descoberta de um traçado urbano bastante organizado, datado do final do século VIII a.C., contribuiu substancialmente para as pesquisas espaciais e urbanísticas, bem como para os estudos relativos à *polis*, instituição grega típica dos períodos arcaico, clássico e helenístico³.

A partir da década de 50, Mégara *Hyblaea* passou a ser escavada por pesquisadores da Escola Francesa de Roma, liderados por Georges Vallet, François Villard e Paul Auberson⁴. Estas escavações revelaram detalhes arqueológicos do setor urbano da cidade, fomentando novos estudos. Graças à disponibilidade de dados arqueológicos publicados pelos arqueólogos da Escola Francesa de Roma, foi possível a realização desta dissertação de mestrado, sem a realização de trabalho de campo.

Nossa pesquisa orientou-se a partir de dois objetivos principais. O primeiro consiste na elaboração de uma análise da organização espacial de Mégara Hyblaea, com base nos

¹ TUCÍDIDES, VI, 3-5; ESTRABÃO, VI, 2,2.

As pesquisas realizadas no século XIX foram realizadas pelo museu de Siracusa, sob a liderança dos pesquisadores Francesco Cavallari e Paolo Orsi. Ver: IACOVELLA, Andréa. Les premières fouilles à Mégara Hyblaea (1860-1897), dans MEFRA, 113-1-2001, p. 401-469.

³ No período helenístico a *polis* sofreu reestruturações.

Os trabalhos em Mégara foram iniciados pelo Museu Nacional de Siracusa (atual Museu Paolo Orsi), ainda no século XIX, sob a liderança dos pesquisadores Francesco Cavallari e Paolo Orsi. (Sobre o primeiro período de escavações em Mégara Hyblaea ver o artigo: IACOVELLA, Andréa. Les premières fouilles à Mégara Hyblaea (1860-1897), dans MEFRA, 113-1-2001, p. 401-469). As escavações foram reiniciadas na década de 50, sob a coordenação dos pesquisadores da Escola Francesa de Roma, Georges Vallet, François Villard e Paul Auberson. Os trabalhos foram retomados na década de 80, sob a coordenação de Michael Gras, Henri Tréziny e Henri Broise.

resultados publicados das escavações e em outras obras que tratam do tema. Será dada ênfase especial aos espaços sagrados. A partir da análise das áreas cultuais e das transformações ocorridas nos locais de prática religiosa pretendemos verificar como se deu a evolução sóciopolítica da cidade e buscar elementos para entender como ocorreu a emergência da *polis* no local⁵.

O segundo objetivo de nossa pesquisa é verificar, no caso de Mégara *Hyblaea*, como se comporta o modelo de surgimento da *polis* elaborado por François de Polignac. Pesquisador da Escola de Paris, Polignac promoveu uma revisão nos estudos relativos à cidade-estado grega antiga, ao apresentar a religião como elemento fomentador dos laços entre os indivíduos e, por conseqüência, da *polis*. De acordo com o pesquisador francês, na obra "*La naissance de la cité grcque*" ⁶, os espaços sagrados comunitários teriam promovido a integração dos habitantes de um determinado local. A partir dessa integração foram se estabelecendo hierarquias e contratos, os quais regiam relações entre os integrantes do grupo e entre estes e as comunidades vizinhas⁷.

Pretendemos assim analisar, no caso de Mégara *Hyblaea*, a importância das práticas cultuais e dos locais de culto no processo de organização sócio-política da comunidade. Tendo em vista este objetivo, pretendemos discutir, entre outras questões, qual teria sido o papel da religião na estruturação das relações sociais entre os habitantes de Mégara; se as

⁵ Entre os séculos VIII e VII, a polis encontrava-se em processo de formação, tanto na Hélade quanto no universo colonial. É importante ressaltar que nem todas as comunidades gregas do período estavam se tornando poleis. A polis consiste em uma organização social específica, na qual os integrantes encontram-se unidos não apenas por contratos políticos ou por viverem em um mesmo território. A integração políade é consequência da existência de laços culturais entre os indivíduos, principalmente devido a uma unidade religiosa. Essa identificação religiosa teria promovido o surgimento de acordos sociais. Nas palavras de François de Polignac: "... polis é o resultado de uma colocação progressiva de coesões e hierarquizações sociais sob a forma de uma busca de acordos sobre a escolha dos cultos mediadores e das modalidades de participação nos ritos. No mundo greco-egeu a pressão exercida pela crise de crescimento impôs a realização de um novo gerenciamento da base territorial pela defesa das terras, no mundo colonial essa conquista se fez igualmente necessária". POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 125. É importante ressaltar ainda que uma comunidade recém fundada, como é o caso de uma colônia, pode não se organizar como uma polis imediatamente. Isso é especialmente relevante no caso das colônias fundadas ainda no século VIII a.C como Mégara Hyblaea -, momento em que a polis encontrava-se em vias de estruturação na própria Grécia. O mais provável neste caso é que, após a chegada dos colonos, ocorresse a organização de uma comunidade que pouco a pouco fosse sofrendo transformações, as quais resultariam na emergência da polis. Retomaremos esta discussão no quarto capítulo da dissertação.

⁶ POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984.

⁷ Retomaremos as observações sobre o Modelo de Polignac no quarto capítulo da dissertação.

práticas cultuais teriam fomentado processo de emergência da polis na colônia siciliota, e se os cultos teriam contribuído para no processo de aquisição do território.

A dissertação encontra-se dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo é teórico e propõe uma discussão acerca dos estudos espaciais no contexto das ciências humanas, principalmente no que concerne à Arqueologia Clássica. Consideramos este capítulo de fundamental importância, pois a análise do espaço - e das relações entre este e a sociedade – foi um dos elementos primordiais para o desenvolvimento dos objetivos de nossa pesquisa.

Este capítulo inicial pretende, num primeiro momento, analisar a importância que o estudo do espaço tem adquirido no contexto das disciplinas humanísticas. Sabemos que a preocupação com o entendimento do meio, tanto o meio natural, quanto o meio transformado pelo homem, remonta a autores da Antiguidade, como Tucídides e Aristóteles. Entretanto, foi a partir da segunda metade do século XIX, que os estudos espaciais receberam um forte impulso, devido à ampliação de pesquisas antropológicas e etnológicas, e à transformação nos estudos históricos.

No decorrer do século XX, principalmente após o desenvolvimento da *New Archaeology*, na década de 60, uma nova perspectiva de trabalho pode ser observada na Arqueologia. A preocupação com *o objeto em si*, típica das pesquisas do século XIX, foi sendo pouco a pouco abandonada. Em seu lugar foram se desenvolvendo análises focadas na *relação entre o objeto e o ser humano*, ou, em outras palavras, no significado do objeto em relação à sociedade que o produziu. Ao mesmo tempo, o espaço transformado pelo homem passou a ser visto como um documento de fundamental importância para o entendimento das sociedades, as quais passaram a ser analisadas não apenas como sujeitos transformadores do meio ambiente, mas também como receptores de influências deste espaço transformado.

Nossa pesquisa, "O espaço sagrado e o nascimento da polis em Mégara Hyblaea", portanto, está inserida no âmbito dos estudos espaciais. A preocupação com a relação entre o espaço e a sociedade está explícita principalmente em nosso primeiro objetivo, a saber, analisar a organização do espaço sagrado em Mégara Hyblaea.

No segundo capítulo da dissertação empreenderemos uma análise histórica do processo de fundação de Mégara *Hyblaea*. Abordaremos desde as transformações sociais ocorridas na Hélade no século VIII a.C até o episódio de fundação da colônia megarense. Nossa ênfase recairá sobre o processo de emergência da *polis* entre os séculos VIII e VII a.C,

a importância da religião no contexto de formação da organização políade e sobre o movimento colonizatório grego.

O terceiro capítulo da dissertação foi elaborado em torno de um repertório de imagens, formado por mapas, plantas e estruturas de Mégara *Hyblaea*. Serão apresentados mapas e plantas referentes a vários momentos da história de Mégara, dentro de um intervalo entre o início do século VII a.C até o final do século V a.C. Também apresentaremos as plantas dos edifícios e estruturas de caráter religioso da colônia. O objetivo desse capítulo é traçar um panorama da evolução urbanística megarense para, em seguida, analisar o desenvolvimento religioso e sócio-econômico da cidade e discutir o processo de emergência da *polis* no local.

O quarto e último capítulo da dissertação apresentará uma discussão sobre as possibilidades de aplicação do Modelo de Polignac ao caso de Mégara *Hyblaea*. Num primeiro momento serão analisadas as principais características do modelo em si, enfatizando a hipótese explicativa elaborada pelo pesquisador francês para o nascimento da *polis*. Em seguida apresentaremos a visão de Polignac acerca do movimento colonizatório e do nascimento da organização políade no contexto colonial. Por fim, mediante os dados apresentados no capítulo três, realizaremos uma comparação entre as informações obtidas sobre Mégara e as propostas interpretativas do Modelo de Polignac.

Capítulo I

Os Estudos Espaciais e a Arqueologia Clássica

1. 1. O Espaço como documento para as Ciências Humanas.

O interesse pela ocupação e transformação do espaço físico pelo homem tem sido um dos temas mais abordados pelos estudiosos nas últimas décadas. Tal tendência começou a se delinear a partir da segunda metade do século XIX, período de desenvolvimento de novas disciplinas humanísticas, como a Sociologia e a Antropologia, e de reformulação de outras, como a História, a Arqueologia e a Geografia.

Não se trata de afirmar que tal preocupação tenha se restringido aos estudos contemporâneos. Desde a Antiguidade, pensadores como Tucídides e Aristóteles - para nos limitarmos à tradição grega clássica – demonstram interesse em compreender de que formas os indivíduos se agregam em grupos e como estes se distribuem e promovem a ocupação dos territórios. Durante os séculos que se seguiram, tais questionamentos não deixaram de fazer parte de estudos de historiadores, filósofos e outros eruditos. Entretanto, foi a partir do processo de renovação e ampliação dos estudos humanísticos que o interesse pela relação homem-espaço ganharia um novo impulso.

As pesquisas antropológicas e etnográficas podem ser consideradas como pioneiras em se tratando de analisar o espaço construído como uma expressão plena da ação cultural humana. Tal tema seria foco de estudos realizados na segunda metade do século XIX, por autores como Lewis Morgan, Marcel Mauss e Franz Boas⁸. As várias formas de transformação do ambiente pelos grupos humanos adquiriram então o estatuto de elemento fundamental para a compreensão holística de qualquer sociedade. Segundo estes autores, o desenvolvimento das comunidades depende do tipo de interação estabelecida entre o indivíduo, a sociedade e o espaço. Nesse sentido, o ambiente construído refletiria as modalidades de organização dos grupos, sendo as próprias construções elementos ativos no processo de reprodução das formas sociais.

A partir destes primeiros trabalhos, o interesse pelo estudo do ambiente construído iria

Dentre os pioneiros estudos de caso utilizando este viés está o realizado por Morgan (publicado em 1881)
"Houses and house-life of the american aborigene". Marcel Mauss realizou um estudo entre os esquimós
mostrando como estes adaptavam suas moradias não apenas pelas transformações climáticas ocorridas
durante o ano, mas também por fatores sócio-culturais: no inverno, por exemplo, eram construídas casas
maiores, entre outros fatores, pelos rituais coletivos tradicionalmente realizados nesse período. Já Franz
Boas, juntamente com seus colaboradores, reuniu um enorme material etnográfico sobre a relação homemespaço em inúmeras populações tradicionais. WEATLEY, Paul. *The concept of urbanism* in UCKO, Peter;
TRINGHAM, Ruth; DIMBLEBY, G.W. (ed.) Man, settlement and urbanism. Londres, Duckworth, 1972.

vivenciar uma fase de grande expansão, não apenas entre antropólogos e etnólogos, mas também entre estudiosos de outras áreas como geografia, sociologia e arqueologia. Na primeira metade do século XX, tais estudos tiveram como característica principal a tendência ao desenvolvimento de modelos. O mais proeminente deles foi o chamado "fit model" (modelo adaptativo), que parte da existência de uma relação direta entre as formas de organização social e os elementos espaciais desenvolvidos pelas comunidades humanas, desde moradias e construções até as marcas de ocupação do território de modo geral. Em outras palavras, o ambiente construído seria o reflexo das necessidades funcionais e culturais de grupos humanos.

Os estudos etnológicos focados na análise das moradias humanas utilizaram amplamente o "fit model". A partir destes estudos tentou-se elaborar regras para a relação homem-habitat. Como exemplo, temos a proposição, hoje totalmente questionável, de que construções circulares seriam típicas de populações nômades enquanto as retangulares, tidas como uma expressão de maior complexidade social, seriam próprias de comunidades sedentárias⁹. Também se buscou estabelecer regras análogas que relacionassem as formas de divisão familiar do trabalho com a organização do espaço interno das habitações, principalmente no que se refere à questão do gênero. Nesse sentido, os estudiosos tentavam identificar setores das moradias ou objetos que fossem a expressão direta da atuação feminina ou masculina no ambiente.

A partir das décadas de 40 e 50, inúmeras objeções passaram a ser feitas ao "fit model". Criticava-se principalmente o apego excessivo à elaboração de modelos rígidos, os quais não conseguiam explicar a enorme complexidade da relação homem-espaço. O caráter determinista e evolucionista destes modelos, claramente influenciado pelas tendências teórico-filosóficas do século XIX, mostrava-se inapropriado diante da enorme variabilidade apresentada pelos estudos de caso. Esta rigidez acabou levando estudiosos a superinterpretações e inadequações.

Consequentemente, uma nova perspectiva foi desenvolvida nos estudos espaciais em oposição ao "fit model", procurando mostrar que as relações entre organização social, cultura

⁹ O professor Dr.º Rolf Winkes, da Brown University, em palestra ministrada em Novembro de 2002 no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, apresentou o caso de Tongobriga. Trata-se de um sítio de ocupação inicial celta e, posteriormente, romana, localizado no norte de Portugal. Neste local encontramos um exemplo de uma sociedade sedentária habitando construções circulares.

e ocupação do meio não seguiam normas rígidas e que o habitat humano era fruto de um processo pluricausal, cuja compreensão apenas se daria a partir de um amplo estudo de casos. A complexidade da interação espaço-sociedade tornava inviáveis os modelos mais generalistas.

Como crítica aos modelos deterministas, iriam ser desenvolvidas várias tendências de estudo. Tais tendências parecem concordar no que ser refere à inviabilidade de se buscar regras gerais para a relação homem-espaço. Entretanto, cada corrente teórica iria enfatizar um ou outro aspecto, como fator principal, para explicar as variações entre as sociedades. Assim, para alguns estudiosos um papel determinante caberia às estruturas mentais; já para outros pesquisadores as variações decorrentes dos diferentes contextos histórico seriam os principais fatores atuantes.

No seio destas novas perspectivas estão as análises espaciais simbólico/cognitivas. Aqui o foco de interesse está em verificar os mecanismos pelos quais uma sociedade se reproduz por intermédio do espaço. Em outras palavras, embora o espaço construído continue a ser entendido como uma expressão das estruturas culturais dos grupos humanos, não se trataria de algo direto e constante, mas de um processo intermediado por códigos (em outras palavras, por um tipo de linguagem própria), os quais apresentam variações decorrentes de fatores culturais e históricos.

As correntes teóricas simbólico/cognitivas se desenvolveram principalmente a partir da influencia do Estruturalismo, cujo principal expoente foi Claude Lévi-Strauss¹⁰. O antropólogo francês apregoava a existência de estruturas mentais coletivas inconscientes, as quais se manifestariam sob várias formas no universo sócio-cultual dos grupos e constituiriam a base dos modelos de comportamento, atuando, conseqüentemente, nas formas de ocupação do espaço¹¹. Os trabalhos estruturalistas mais ortodoxos, porém, tendiam a desconsiderar a práxis e as transformações históricas das sociedades, o que se refletia em uma análise estática. Como conseqüência, sofreu inúmeras críticas, principalmente entre historiadores, cujo pensamento diacrônico opunha-se a perspectiva sincrônica das abordagens antropológicas e etnológicas. O debate entre antropólogos estruturalistas e historiadores traria, entretanto,

¹⁰ LAWRENCE, Denise; LOW, Setha. The built environment and spatial form. **Annual Review Anthropology**, 1990.19, p. 453-505.

Lévi-Strauss apregoa a existência de estruturas mentais, compostas de um sistema binário de oposição (macho-fêmea, interno-externo, indivíduo-grupo, etc.), que seriam os componentes básicos do universo mental humano.

consequências bastante positivas, já que promoveu uma revisão teórica em ambas as disciplinas e fomentou o surgimento de abordagens que levavam em consideração os dois pontos de vista aparentemente dissidentes.

Dentre tais abordagens merece destaque a de Pierre Bourdieu, que em seus estudos espaciais e urbanísticos defendeu a importância da *práxis* na produção e reprodução das estruturas mentais no plano sócio-espacial. Para compreender a "linguagem" do ambiente seria preciso levar em conta tanto os componentes estruturais de uma determinada cultura, entendidos como um tipo de predisposição ou inclinação, quanto as condições por meio das quais tais tendências seriam colocadas em prática. A interação entre estes dois elementos seria denominada, por Bourdieu, *hábito*. Deste modo, o autor estabelece uma ligação entre as relações espaço-sociedade e o contexto histórico, desenvolvendo uma abordagem simultaneamente estruturalista e histórica.

Após a proposta cognitivo-simbólica, uma nova linha de estudos seria desenvolvida a partir da segunda metade de XX. A ênfase cairia agora sobre as forças sociais, políticas e econômicas, como os elementos preponderantes na transformação do espaço. Esta perspectiva se diferencia das anteriores, pois vê a cultura não como um reflexo imediato dos elementos do inconsciente compartilhados pelos integrantes de um grupo, mas como uma categoria social, que resulta, antes de tudo, do contexto no qual a sociedade está inserida. Esta tendência histórico-social produziu importantes estudos relativos aos rearranjos urbanísticos gerados pelas transformações inerentes à evolução do sistema capitalista. Dentre estes estudos está o trabalho de Davis Epsteins sobre a cidade de Brasília, cuja estruturação urbana é vista como um emblema do novo contexto sócio-político brasileiro 12.

O historiador Anthony King apresenta o espaço construído como um produto sóciocultural. Sua configuração decorre não apenas da necessidade de adaptação ao meio físico (clima, matéria prima, topografia), mas também de elementos sociais, como distribuição de recursos, organização política, crenças e valores de um grupo. Em outras palavras, King vê no espaço construído uma expressão das relações de produção e, conseqüentemente, das relações de poder¹³.

¹² LAWRENCE, Denise; LOW, Setha. The built environment and spatial form. **Annual Review Anthropology**, 1990.19, p. 453-505.

¹³ LAWRENCE, Denise; LOW, Setha. The built environment and spatial form. **Annual Review Anthropology**, 1990.19, p. 453-505..

As relações entre poder e espaço construído também seriam foco de estudos de Michel Foucault. Segundo o estudioso, a Arquitetura possui a função de "tecnologia política", um mecanismo voltado para o controle e a submissão dos indivíduos. De acordo com Foucault, a construção do espaço visando à manipulação da massa por um grupo dominante seria um elemento fundamental no exercício do poder dentro das sociedades¹⁴.

Para Anthony Giddens, toda e qualquer teoria social deve incluir estudos voltados para o espaço humanizado, visto não como um simples meio ou entorno, mas como uma ocorrência integral do comportamento humano. Todavia, segundo Giddens, também se deve levar em consideração ainda o papel do indivíduo: a "macroanálise" (análise das estruturas sociais) deve ser complementada pela "microanálise" (análise individual). O ambiente construído é, de acordo com a perspectiva deste autor, um elemento de socialização, ou seja, de interação entre indivíduo e sociedade¹⁵.

Completando esta apresentação das teorias de estudo do espaço histórico-sociais, temos os trabalhos de Fernand Braudel¹⁶. Com uma linha de pesquisa que guarda uma certa proximidade com as análises de Giddens, King, e Foucault, o referido historiador vê na organização do espaço um reflexo das normas sociais e das relações de poder. Todavia, segundo Braudel, as transformações do ambiente construído ocorreriam em vários níveis, de acordo com o tipo de processo histórico. Os de curta duração (mudanças de âmbito político, por exemplo) trariam transformações mais superficiais. Já os de longa duração (como uma alteração nos meios de subsistência) atuariam mais profundamente no espaço habitado, trazendo mudanças mais duradouras.

Dentre os estudiosos do ambiente construído, é fundamental ainda destacar a contribuição de Amos Rapoport. Apesar de sua formação em Arquitetura, os estudos deste pesquisador mantêm uma grande proximidade com a Arqueologia e a Antropologia. Rapoport é autor de uma vasta bibliografia, centrada, basicamente, nos significados do processo de adaptação, apropriação e construção do espaço. Sua abordagem pode ser considerada tanto de influência cognitivo-simbólica, quanto de influência histórico-social, visto que, para este

¹⁴ LAWRENCE, Denise; LOW, Setha. The built environment and spatial form. **Annual Review Anthropology**, 1990.19, p. 453-505.

¹⁵ LAWRENCE, Denise; LOW, Setha. The built environment and spatial form. **Annual Review Anthropology**, 1990.19, p. 453-505.

¹⁶ LAWRENCE, Denise; LOW, Setha. The built environment and spatial form. **Annual Review Anthropology**, 1990.19, p. 453-505.

autor, o contexto temporal exerce um papel determinante sobre as relações entre sociedade e meio-ambiente e, consequentemente, sobre os códigos desenvolvidos.

Segundo Rapoport, no ambiente construído estariam encerrados códigos, os quais, quando decodificados pelo usuário, promoveriam a interação entre o meio e as comunidades. Tais códigos seriam desenvolvidos a partir das relações sociais. Por conseguinte, temos que o significado das "coisas" (no nosso caso, o significado do espaço) depende de um tipo de interação social que é chamado pelo autor de "interacionismo simbólico" Em outras palavras: os diferentes espaços não teriam um significado intrínseco, mas algo determinado histórico e culturalmente.

A interação entre o espaço, o indivíduo e a sociedade expressa um tipo de retroalimentação. Ao mesmo tempo em que o ambiente encerra marcas da história e da cultura de um indivíduo ou um grupo, ele também os influencia. De acordo com Rapoport, o ambiente construído teria algumas formas básicas de atuação e pode ser considerado: um instrumento de aprendizado; um instrumento de memorização, e, finalmente, um mecanismo que constrange a ação dos indivíduos, definindo normas de comportamento e estabelecendo hierarquias sociais, ao mesmo tempo em que expressa materialmente os valores do grupo. O espaço se torna assim um importante elemento de *enculturação* (ou, em um processo contrário, de *aculturação*), travando com a sociedade uma espécie de comunicação não verbal¹⁸.

Todavia, como já indicamos acima, para que este processo de comunicação ocorra adequadamente é necessário que o usuário seja capaz de decodificar as mensagens encerradas pelo ambiente. Na prática isso significa compreender as normas de funcionamento de uma determinada cultura. Numa situação em que isso não ocorra, teríamos uma ausência plena de ambientação: é o que ocorre quando um indivíduo toma contato com uma sociedade cujos padrões de comportamento diferem totalmente daqueles de seu grupo.

A proposição de Rapoport de que a organização sócio-cultural e a expressão material de uma sociedade se constroem mutuamente vai ao encontro de nossa proposta neste trabalho. Acreditamos ser possível chegar às relações sociais por meio dos códigos encerrados pelo

¹⁷ RAPOPORT, Amos. The meaning of built environment: an non verbal communication approach" Univ. of Arizona, 1982, p. 59.

¹⁸ RAPOPORT, Amos. The meaning of built environment: an non verbal communication approach" Univ. of Arizona, 1982, p. 65.

espaço. É o que nos propomos a realizar no caso de Mégara *Hyblaea*. Obviamente, no caso do estudo da sociedade grega antiga, a existência de outras pesquisas e a presença da documentação escrita colocam-se como um ponto a favor deste tipo de investigação. Porém, mesmo partindo do princípio de que existe uma relação intrínseca entre cultura material e cultura escrita (ambas são formas de expressão de uma sociedade), reiteramos a necessidade de lembrar que documentos com diferentes naturezas exigem métodos distintos de interpretação.

Passemos, então, agora às especificidades dos estudos espaciais em nossa área, a Arqueologia.

1. 2. Espaço, Urbanismo e Arqueologia Clássica.

O ambiente construído como documento arqueológico pode nos parecer algo óbvio e inquestionável. Todavia, somente após mais de um século de pesquisas sistemáticas, teve sua importância devidamente reconhecida: apenas no século XX as relações entre o espaço físico e as sociedades humanas tornaram-se alvo de debates e questionamentos teórico-metodológicos por parte dos arqueólogos.

Não se trata de dizer que o ambiente construído - ou o espaço humanizado - não tivesse importância para os eruditos de períodos anteriores. Mesmo porque, tal descaso seria plenamente contraditório, uma vez que a cultura material, objeto de estudo da Arqueologia, decorre justamente da interação do homem com o meio. No entanto, durante décadas as atenções permaneceram voltadas para o artefato em si, muitas vezes desvinculado de seu contexto, tanto o histórico quanto material. Era a exaltação da obra de arte, dos espécimes raros do mundo antigo, do exótico, que após ser recolhido, analisado em suas qualidades artísticas e catalogado, era exposto nas grandes coleções e nos grandes museus, que em pouco se diferenciavam de antiquários. Era o estudo do objeto pelo objeto.

Contudo, em meio a essa tendência dominante, alguns estudiosos passaram a questionar a limitação das pesquisas à coleta e a classificação dos dados, propondo o estudo do material escavado não como um fim, mas como um meio para a compreensão do universo social. Em consequência, uma nova postura arqueológica começou a se delinear a partir do primeiro quartel do século XX, explodindo na década de 60 com o surgimento da *New Archaeology*, também conhecida como *Arqueologia Processual*.

Esta corrente era marcada por uma preocupação cada vez mais intensa com questões teórico-metodológicas relativas à relação cultura material /sociedade. Os estudiosos assumiam uma nova postura diante do conjunto documental: a preocupação não era mais com *o objeto em si*, mas com o seu *significado em relação à sociedade que o produziu*. O desenvolvimento de novas técnicas, como o *survey* (prospecção), também ampliou o conceito de cultura material: todo o meio-ambiente que tivesse sofrido a ação do homem passou a ser considerado documento. É necessário salientar que tal constatação não foi exatamente uma inovação da Nova Arqueologia: pesquisadores mais antigos, como Gordon Childe, já haviam alertado que, para o arqueólogo, não apenas o artefato devia ser considerado uma fonte de estudo, mas tudo

aquilo que se revelasse uma ação ou uma intenção humana, ou, nas palavras do próprio autor, "uma idéia fossilizada".

A postura teórica segundo a qual todo o espaço modificado pelo homem era um documento arqueológico em potencial foi mister para o desenvolvimento dos estudos espaciais, o que iria fomentar uma diversificação ainda maior nas áreas de atuação do arqueólogo. A Arqueologia passou a se ocupar de contextos antes desprezados pelos estudos tradicionais, como, por exemplo, regiões cuja ocupação fora escassa (como áreas extensivas de cultivo, pecuária ou extrativismo), que não ofereciam uma quantidade significativa de artefatos, sendo, porém, riquíssimas nos chamados ecofatos¹⁹. Deste modo, tornar-se-iam foco de interesse sociedades caracterizadas pelo nomadismo ou por uma baixa produção artefatual como grupos de caçadores/coletores ou pequenas comunidades agrícolas.

A renovação proporcionada pela *New Archaeology*, ficou, a princípio restrita a áreas de desenvolvimento mais recente, como a arqueologia da América Pré-Colombiana e os estudos pré-históricos de um modo geral. Setores mais tradicionais, como a Arqueologia Clássica foram mais resistentes às novas propostas, retardando, para o contexto grecoromano, o pleno desenvolvimento dos estudos espaciais e urbanísticos.

A resistência da Arqueologia Clássica aos argumentos teóricos processualistas foi determinada principalmente pela sua tradicional proximidade com a História Antiga e a Filologia, compondo com estas disciplinas os chamados Estudos Clássicos. Por outro lado, os estudiosos de tendência processualista estavam cada vez mais próximos da Antropologia e das Ciências Naturais, cujos métodos se tornaram uma fonte de inspiração. Consequentemente a *New Archaeology* difundiu-se principalmente em áreas de desenvolvimento mais recente, as quais, diferente da Arqueologia Clássica, não traziam o peso de uma longa tradição.

Contudo, a partir do final da década de 60, críticas e os questionamentos elaborados por estudiosos como Anthony Snodgrass e Colin Renfrew, direcionadas tanto à Arqueologia tradicional quanto aos processualistas, iriam proporcionar uma evolução teórico-metodológica significativa na Arqueologia Clássica. Por um lado, era criticado o apego ao objeto e a ausência de uma análise mais sistêmica entre os estudiosos tradicionais. Por outro, no que se refere à *New Archaeology*, foram feitas objeções ao cientificismo exacerbado, ao afastamento

¹⁹ Por ecofatos entendemos os vestígios da atuação do homem no meio ambiente.

em relação à História e ao apego excessivo aos aspectos materiais das sociedades, já que os processualistas rejeitavam o estudo dos aspectos superestruturais (em especial a religião), considerados praticamente inatingíveis por meio da documentação material.

Todavia, a despeito das críticas acima, certos elementos metodológicos da *New Archaeology* foram assimilados pela Arqueologia Clássica. Podemos citar como exemplo os estudos estatísticos, amplamente presentes nos trabalhos de Anthony Snodgrass e de outros pesquisadores como Ian Morris e Catherine Morgan. Já outros elementos processualistas seriam reformulados: o descaso em relação ao estudo da superestrutura, por exemplo, iria servir de estimulo para que Colin Renfrew desenvolvesse uma metodologia arqueológica específica para o estudo dos aspectos cognitivos das sociedades.

É fundamental reiterar que não se trata de afirmar que os estudos sobre a cidade-estado grega apenas passaram a ter importância entre os pesquisadores da Antiguidade Clássica a partir da aproximação com as propostas da *New Archaeology*. Basta lembrar que a *polis* grega, desde a Antiguidade, desperta o interesse de estudiosos, tendo se tornando, entre fins do século XIX e começo do século XX, objeto de análise de autores clássicos como Max Weber, Fustel de Coulanges e Gustave Glotz. Todavia, tais análises abordavam a *polis* como uma instituição, relegando a segundo plano a organização espacial e suas relações com a sociedade. Houve ainda estudos especificamente urbanísticos, com destaque para os de P. Lavedan e A. Von Gerkan, que já na década de vinte pesquisavam o traçado urbano das cidades gregas²⁰. A abordagem de Lavedan, entretanto, pautou-se na documentação escrita, em especial em autores antigos como Aristóteles, Platão e Políbio. Já Von Gerkan pode ser considerado um inovador no campo, já que se utilizou também de documentação arqueológica.

A partir de fins da década de 40 um nome passa a ter grande destaque: o do arqueólogo francês Roland Martin. Dentre suas inúmeras obras, está "L'Urbanisme dans la Grèce antique"²¹ a qual se tornaria um clássico da Arqueologia Grega, incentivando ainda mais pesquisas e publicações acerca deste tema. Todavia, é importante ressaltar que os trabalhos de Roland Martin estiveram centrados nos aspetos técnicos da arquitetura grega e

A. von Gerkan e P. Lavedan, que trataram de temas relativos ao urbanismo grego, como a disposição de templos e santuários em relação ao traçado das cidades gregas. GERKAN, A. von. Griech. Staedteanlagen, 1924 e LAVEDAN, P. Histoire de l'urbanisme, 1926. Apud: MARTIN, R. L'Urbanisme dans la Grèce Antique. Paris, 1969

²¹ MARTIN, R. L'Urbanisme dans la Grèce Antique. Paris, 1974.

não na organização do espaço ou nas relações sociais nele embutidas.

Por outro lado, o crescimento dos trabalhos de campo iriam ampliar os dados acerca do urbanismo antigo. Como exemplo, temos a escavação realizada no sítio de Priene, cidade grega do período clássico e helenístico, a qual iria fornecer informações inéditas sobre o traçado urbano das *poleis*. Seguindo esta tendência, na década de 60 novos trabalhos são desenvolvidos acerca do urbanismo grego. Nesta fase desenvolve-se uma tendência a elaboração de teorias e modelos, como o de David Ashieri²² sobre a distribuição territorial nas cidades gregas. Também merecem destaque os trabalhos efetuados por pesquisadores do leste europeu nas áreas coloniais do Mar Negro, como a arqueóloga polonesa Aleksandra Wassowicz²³, que, além de um amplo trabalho sobre a cidade de Ólbia, tratou, em vários artigos, dos modos de arranjo territorial das colônias gregas do Ponto. Wassowicz ainda realizou estudos comparativos entre as colônias gregas os quais incluíam não apenas as cidades da costa do mar negro como também as colônias localizadas na Sicília e na Magna Grécia.

No que concerne aos métodos e às técnicas, os anos 70 e 80 foram marcados por um significativo desenvolvimento na Arqueologia Clássica. Até então predominavam os métodos tradicionais de escavação, os trabalhos centrados em áreas urbanas e em locais arquitetonicamente imponentes, como templos, teatros, ginásios, portos e edifícios administrativos, e a supervalorização de estudos tipológicos e cronológicos. Dentre as transformações mais significativas ocorridas a partir da década de 70 está a incorporação de métodos e técnicas da Geografia Histórica às pesquisas arqueológicas, o que contribuiu para o desenvolvimento do *survey* ou prospecção. O *survey* na Arqueologia Clássica pode ser considerado uma inovação das escolas anglo-saxônicas, mais especificamente da Escola Inglesa, que desde meados da década de cinqüenta tem aplicado esta técnica nas Penínsulas Itálica e Balcânica. Um dos pioneiros no estudo da organização urbanística das cidades gregas a partir das técnicas do *survey* é o estudioso inglês Ward-Parkins²⁴

Conforme afirma Renfrew e Bahn, "nas últimas décadas a prospecção deixou de ser simplesmente uma etapa previa da escavação para se tornar um tipo de estudo relativamente

²² ASHERI, D. **Distribuzioni di terre nell'antica Grécia**, Memoria dell'Accademia della Scienze di Torino, Série 4, n°. 10, 1966.

²³ WASOWICZ, Aleksandra. Problèmes du plan régulier dans lês colonies de la mer Noire. *Dans* La colonisation grecque en Mediterranée ocidentale (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999.

²⁴ WARD-PERKINS, J.B. Cities of ancient greece and Italy. Sdgwick and Jackson, London, 1974

independente"²⁵. Em muitos casos a escavação não pode ser realizada, seja por falta de permissão, seja por falta de tempo ou dinheiro. O *survey* ("inspeção, levantamento") é um método muito mais barato, mais rápido e relativamente menos destrutivo. Atualmente, estando em voga os estudos regionais, o *survey* tem sido um dos métodos mais utilizados, principalmente por proporcionar a investigação de questões específicas que não podem ser resolvidas pela escavação.

O survey é um método de pesquisa que consiste basicamente na averiguação minuciosa da superfície de uma área pré-definida. Sua prática envolve várias etapas: identificação do assentamento e registro dos artefatos superficiais, sendo que, muitas vezes, é realizado também um estudo de amostras dos recursos naturais do terreno, como pedras, terra, argila, etc. Aqui não há a chamada pesquisa vertical, ou seja, escavações, a não ser que se trate de um desdobramento da técnica em questão, no caso de algum local específico ser considerado adequado a tal procedimento.

O survey oferece inúmeras vantagens. Em primeiro lugar trata-se de um método de pesquisa relativamente barato, não exigindo mais que um corpo de profissionais capacitados, instrumentação simples e assistência básica aos pesquisadores. Em segundo lugar, o survey, ao contrário da escavação, não destrói o registro arqueológico. Em geral os vestígios encontrados são mantidos em seu local de origem, apenas mapeados e identificados para posterior estudo. Outro aspecto positivo do método, decorrente de seu caráter não destrutivo, é que ele permite a reinterpretação dos dados sempre que necessário. Porém, a mais significativa das vantagens talvez seja o fato deste método promover um tipo de conhecimento distinto - e, de certo modo, exclusivo - com relação às sociedades estudadas.

A Arqueologia Clássica tradicional, assim como a História Antiga, estava voltada principalmente ao universo das cidades. É bem possível que a imagem da Grécia Antiga como uma sociedade de caráter basicamente urbano, decorra, em grande parte, da metodologia de pesquisa dos estudos clássicos, focados nos grandes centros. Os conhecimentos acerca dos setores extra-urbanos (zonas de cultivo e pastoreio e áreas não domesticadas como bosques e montanhas) permaneciam limitados, restringindo-se a (escassas) referências textuais e a escavações realizadas em algumas áreas, como sedes de propriedades rurais e edificações de caráter religioso.

²⁵ RENFREW, C; BAHN, P. **Arqueología. Teorias, métodos y prática.** Trad. Esp. Madrid, 1993. (1ª ed. 1991), p. 67-73.

Todavia, a maior parte das informações necessárias ao conhecimento dos contextos não-urbanos permanecia na obscuridade. Como obter informações sobre as atividades agrícolas, os limites territoriais e a estrutura populacional de certas áreas, cujos documentos textuais são praticamente inexistentes ou, quando muito, de caráter duvidoso ou contraditório? A Arqueologia e a História tradicionais pareciam impossibilitadas de solucionar tais questões, aparentemente tão elementares. Nesse sentido a aproximação com a Geografia Histórica e o desenvolvimento do survey revelaram-se extremamente vantajosos. As questões acima citadas deixariam, enfim, de ser barreiras intransponíveis aos estudiosos.

O survey promove um conhecimento mais aprofundado de aspectos fundamentais como a distribuição populacional de uma determinada área ao longo do tempo, os padrões de assentamento, as formas de ocupação e utilização do solo, as fronteiras políticas e culturais, os contatos e trocas culturais e comerciais e os processos migratórios. É importante ressaltar, todavia, que maiores benefícios podem ser obtidos com a aplicação de recursos variados. A utilização do survey de forma alguma invalida a técnica da escavação. Ao contrário: o survey pode ser um guia para eventuais escavações, orientando melhor o pesquisador e evitando gastos desnecessários. Todavia, devemos lembrar, reiterando a afirmação de Renfrew e Bahn, que a prospecção não deve ser vista como uma técnica acessória a escavação: o survey, por si só, oferece inúmeras possibilidades de estudo.

De acordo com Antony Snodgrass²⁶ é praticamente inquestionável a necessidade, na Arqueologia Mediterrânica, da realização do survey. Como parece ser ponto passivo entre os estudiosos que a cidade-estado grega era formada por uma unidade indissociável cidadecampo (asty-chora), qualquer compreensão holística do fenômeno polis deve incorporar ao seu campo de análise os setores extra-urbanos das comunidades.

Voltamos a destacar aqui a pertinência da utilização da Geografia Histórica, como fonte de dados complementares àqueles oferecidos pela escavação e pelo survey. Tal interdisciplinaridade possibilita um conhecimento mais aprofundado dos aspectos físicos dos sítios (relevo do terreno, tipo de solo, clima - incluindo as transformação climáticas ao longo do tempo, fauna e flora, atividades tectônicas, eólicas e marítimas), tornando possível compreender o desenvolvimento das sociedades.

É importante lembrar que não se trata de considerar a paisagem como um elemento

²⁶ SNODGRASS, A. M. Arqueología de Grecia: Presente y futuro de una disciplina. Editorial Crítica, Barcelona, 1990, p. 135.

determinante. O meio ambiente (como defende autores como Rapoport²⁷) coloca possibilidades - ou mesmo algumas restrições - ao desenvolvimento das sociedades. Pode ser considerado um palco de ação para o comportamento humano, o qual pode ser averiguado mediante a identificação e posterior interpretação dos códigos encerrados no espaço. Todavia, como estes códigos têm origem sócio-cultural, não é procedente analisar a influência do meio como um fator isolado.

Retornemos à contribuição dos métodos da Geografia Histórica na Arqueologia Clássica. Um estudo detalhado das características físicas do sítio (principalmente no que se refere às transformações climáticas e geológicas ocorridas no decorrer do tempo) torna possível ao arqueólogo criar hipóteses plausíveis acerca das formas de ocupação do solo, do estabelecimento de fronteiras e do relacionamento com povos visinhos, gregos ou autóctones. (Por exemplo, ao identificar o local de onde possivelmente foi retirado o material utilizado na construção de um determinado edifício, é possível concluir a presença no local da comunidade em questão; conseguimos, desta forma, mapear áreas de influência do Estado – seja ele uma *polis* ou um *ethnos* – em questão).

No caso da presente pesquisa, os dados oriundos de métodos e técnicas da Geografia Histórica foram de extrema importância. O sítio de Mégara *Hyblaea* foi estudado, predominantemente, seguindo uma linha arqueológica mais tradicional. Consequentemente, os trabalhos se concentraram no setor urbano, nas necrópoles e em algumas edificações distantes da região central. Foram efetuadas algumas prospecções; porém, voltadas para estabelecer pontos de escavação. Até o momento, nenhum *survey* mais intensivo foi realizado. Esta é a razão pela qual possuímos poucas informações relativas à maneira como esta comunidade grega organizava e ocupava sua *chora*.

Todavia, contamos com algumas informações acerca dos setores extra-urbanos megarenses, oriundas principalmente das pesquisas realizadas por Franco De Angelis, pesquisador da Universidade de Columbia, que, em 2003, publicou uma obra dedicada ao desenvolvimento de duas *poleis* gregas na Sicília, Selinunte e Mégara *Hyblaea*²⁸. Em detrimento de ter se apoiado em pesquisas arqueológicas (como a realizada a partir da década

²⁷ RAPOPORT, Amos. **The meaning of built environment: an non verbal communication approach"** Univ. of Arizona, 1982.

²⁸ DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003.

de 50 pela Escola Francesa de Roma) e de ter ainda partido de uma pesquisa exaustiva na documentação literária, a grande inovação de De Angelis foi a utilização dos métodos da Geografia Histórica. Desta forma, o autor conseguiu realizar um estudo bastante pertinente sobre o território megarense.

Nossa atual pesquisa de mestrado está inserida no âmbito dos estudos espaciais, ao quais, juntamente com a Arqueologia Cognitiva, constituem os dois pilares fundamentais da nossa pesquisa. Assim como foi apresentado no projeto inicial, pretendemos analisar o processo de elaboração da *polis* de Mégara *Hyblaea*, tendo em vista sua organização espacial, principalmente no que se refere à organização dos espaços cultuais. Partimos da hipótese de que a religião atuou como um dos mais importantes elementos fomentadores da estruturação políade. Acreditamos ainda que a atuação da religiosidade é passível de ser verificada a partir de elementos espaciais, mais especificamente da análise cronológica da disposição das áreas.

Tal perspectiva já norteara trabalhos de estudiosos, entre os quais se encontra François de Polignac²⁹. O arqueólogo, pesquisador da Escola de Paris, realizou uma pesquisa bastante detalhada, reunindo dados arqueológicos oriundos de escavações e prospecções. Tais dados são relativos às principais áreas de prática cultual da Hélade, bem como das regiões coloniais, referentes aos séculos VIII e VII a.C.

Utilizando esta documentação, bem como fontes textuais, o estudioso passou a investigar particularidades sobre a prática religiosa destes locais. Tal investigação resultou na elaboração da obra "La Naissance de la cité Greque",na qual é apresentada uma hipótese explicativa para o nascimento das cidades-estado gregas. De acordo com Polignac, a religiosidade teria sido o elemento fomentador da união e da identificação entre os indivíduos. Até este ponto, a obra em questão não pode ser considerada inovadora. O diferencial da hipótese de Polignac está na elaboração de um Modelo Bipolar para o desenvolvimento da *Polis*.

Segundo o autor, o ponto de partida para o processo de *sinoecismo* políade foi o surgimento simultâneo de dois complexos de áreas cultuais, um localizada no núcleo principal de habitação (*asty*) e a outro no setor extra-urbano (*chora*), o que integrou as populações do campo e da cidade. De acordo com o autor a tendência organizacional exposta no modelo teria validade não apenas para o caso das cidades-estados metropolitanas (Hélade), mas

²⁹ POLIGNAC, F. La naissance de la cité grcque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984.

também, com algumas particularidades, para as colônias da Magna Grécia e da Sicília. Nos casos coloniais, de acordo com Polignac, a princípio ocorreria a organização de um assentamento provisório. Em seguida, concomitantemente à organização do complexo religioso comunitário (formado principalmente pelos santuários urbanos e extra-urbanos), teria ocorrido a emergência da *polis*.

A aplicação do modelo de Polignac ao caso das colônias gregas dos séculos VIII e VII a.C foi criticada pelo estudioso suíço Irad Malkin³⁰. De acordo com este autor, no caso específico das fundações, não pode ter havido simultaneidade no estabelecimento dos santuários urbanos e periféricos, já que o setor extra-urbano destas comunidades foi se estruturando paulatinamente³¹. Além disso, para Malkin, a organização do complexo sagrado teria sido posterior à emergência da *polis*. Malkin defende que a organização políade teria surgido imediatamente depois da fundação partindo do centro em direção à periferia.

Franco De Angelis³² afirma que o processo de definição dos limites de Mégara *Hyblaea* teria sido gradual, já que o território foi sendo ocupado aos poucos no decorrer do tempo. Nesse sentido, os santuários centrais poderiam ter sido estabelecidos antes do surgimento de áreas sagradas no setor periférico. Entretanto, para o autor, o processo de formação da *polis* no local também teria ocorrido gradualmente, não tendo ocorrido imediatamente posterior à fundação da colônia.

A discussão entre os autores acima será retomada mais adiante. Todavia, o que é importante ressaltar neste momento é que, independente dos resultados obtidos por estes estudiosos, nos três casos a organização do espaço foi o "fio condutor" das pesquisas, o documento principal utilizado. E ainda, nos casos específicos de Polignac e Malkin, temos ainda outra especificidade: a análise das áreas sagradas. Relegada por muitos autores a segundo plano, a Arqueologia Cognitiva (e aqui talvez poderíamos falar de uma "Arqueologia Espacial Cognitiva") apresenta-se como uma metodologia de análise consistente, responsável hoje pelas mais pertinentes discussões acerca do processo de elaboração da *polis*.

³⁰ MALKIN, Irad. **Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara** *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002.

³¹ Tornaremos a abordar, no quarto capítulo da presente dissertação, as diferenças entre as análises de Polignac e Malkin acerca da configuração espacial e do processo de formação das *poleis* coloniais.

³² DE ANGELIS, Franco. **Mégara Hyblaea and Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003.

1. 4. A Arqueologia Cognitiva e o estudo do espaço sagrado

Compõem os chamados elementos cognitivos das sociedades temas como religião, valores sociais, ideologia e demais formas de pensamento e expressão cultural. Tais aspectos são mais difíceis de serem identificados e compreendidos pelo estudioso, pois são, de um modo geral, fruto de processos intelectuais mais complexos. Portanto, seu entendimento passa necessariamente pela análise do discurso e dos símbolos que os intermedeiam.

A análise dos elementos cognitivos a partir da utilização da documentação arqueológica, foi alvo, na década de 60, de inúmeras críticas, vindas principalmente de estudiosos ligados à *Nova Arqueologia* (também conhecida como *Arqueologia Processual*). Temas como religião, ideologia e valores eram tidos como inacessíveis por meio da análise exclusiva dos dados materiais, passando então a serem considerados impróprios a qualquer arqueólogo que se propusesse a realizar um estudo "científico", sério e coerente. Para os processualistas, em primeiro plano estavam as pesquisas voltadas para temas como economia e subsistência.

No que concerne aos estudos processualistas espaciais, a análise deveria se limitar à ocupação e a organização do espaço, sem buscar relações entre estas e os elementos culturais das sociedades. Por conseguinte, qualquer explicação de caráter simbólico era rechaçada. Na análise da ocupação de uma determinada área por um grupo populacional, as razões destacadas deveriam ser predominantemente infra-estruturais, ou seja, relacionadas à localização, às características geográficas do sítio e às necessidades econômicas da comunidade em questão.

A partir de fins da década de 60, todavia, esta tendência materialista foi pertinentemente questionada pelo arqueólogo Colin Renfrew, conceituado estudioso do Mediterrâneo Antigo. Este autor reiterou a importância do conhecimento dos aspectos cognitivos para o entendimento das sociedades, defendendo, nesta área, o potencial explicativo da Arqueologia. Para este autor, mediante a utilização de uma metodologia adequada, o arqueólogo seria sim capaz de "desvendar" padrões morais ou religiosos de uma cultura.

O enorme comprometimento de Renfrew com a defesa dos estudos cognitivos em Arqueologia fez com que ele não se limitasse à argumentação teórica. O pesquisador

compreendia que, diante das tendências da disciplina arqueológica, qualquer análise que não fosse embasada em estudos práticos estaria sujeita as inúmeras críticas. Seria necessário fundamentar sua teoria na análise de um contexto específico, lembrando que esta não poderia se restringir a um único estudo de caso.

Renfrew desenvolveu sua argumentação em favor dos estudos cognitivos a partir de trabalhos de escavação realizados no santuário de *Philakopi*, sítio pertencente à Idade do Bronze, localizado na ilha de Melos. As pesquisas neste local permitiram a elaboração de um detalhado corpo metodológico, o qual se tornaria uma referência fundamental para os estudos arqueológico-cognitivos subseqüentes. Apresentaremos agora sucintamente as conclusões às quais chegou este autor a partir das pesquisas em *Philakopi*.

Para Renfrew o ponto de partida para qualquer análise do universo religioso de uma sociedade deve sempre ser o reconhecimento da existência do elemento ritual. Em outras palavras, a pergunta inicial não deve ser "Que tipo de culto era realizado" e sim "Era realizado algum tipo de culto?". Partindo de um reconhecimento meticuloso do caráter do sítio, é mantida a objetividade do estudo, objetividade esta tão questionada pelos críticos processualistas no caso dos estudos cognitivos. O universo cognitivo – e, inserido neste, o universo religioso – possui suas especificidades. O estudioso deve estar prontamente atento a estas, sob o risco de comprometer a seriedade de sua pesquisa. Porém, neste ponto encontramos o aspecto mais problemático: como identificar um contexto cognitivo-religioso?

A religião, de acordo com Renfrew, se constitui em ações e condutas humanas que pressupõem a existência de uma crença, assim como o desejo de agradar o poder divino dominante. "Ela impõe um marco de crenças que se refere a seres ou forças sobrenaturais ou humanas que transcendem o mundo material cotidiano"³³. A religião também pode ser vista como uma instituição social, reafirmando as idéias coletivas e contribuindo para a composição da personalidade do grupo. A religião também é um importante elemento de poder: é comum os lideres manipularem as crenças para sua própria finalidade³⁴.

A religiosidade, indiscutivelmente, é um aspecto fundamental para o conhecimento das sociedades. Entretanto, o estudo da prática religiosa impõe dificuldades aos arqueólogos.

³³ RENFREW, C; BAHN, P. **Arqueología. Teorias, métodos y prática.** Trad. Esp. Madrid, 1993. (1ª ed. 1991), p. 375.

³⁴ RENFREW, C; BAHN, P. Arqueología. Teorias, métodos y prática. Trad. Esp. Madrid, 1993. (1° ed. 1991), p. 375.

Nem sempre a atividade cultual tem expressão na cultura material e, quando tem, esta pode estar imbricada às atividades cotidianas, dificultando sua diferenciação. Além disso, por pertencer ao âmbito da superestrutura, a expressão da religiosidade na cultura material é indireta, intermediada por símbolos. Isso significa que, mais importante que verificar o valor utilitário dos objetos, é compreender seu valor simbólico e a partir deste tentar atingir o universo mental das sociedades.

Por outro lado, como identificar o símbolo sem conhecer a cultura, tratando-se este de um produto cultural? Tal questionamento abre espaço para um círculo vicioso: se existe a necessidade de conhecer a cultura para interpretar o símbolo, como utiliza-lo no processo de análise de uma sociedade mal conhecida? Foram essas as dificuldades que levaram Renfrew a preconizar a adoção de uma teoria e de uma metodologia específica para o estudo da religiosidade por meio da documentação material.

De acordo com esta metodologia, a primeira etapa do trabalho é o reconhecimento dos elementos arqueologicamente verificáveis que permitam a identificação de um contexto cultual. É importante ressaltar que estes elementos devem ter um caráter universal, ou seja, não poderia ser válido para uma cultura específica, mas para as sociedades humanas de uma maneira geral. Os "indicadores arqueológicos" do ritual, segundo Renfrew, estariam divididos em quatro categorias: elementos ou espaços que atuem como focos de atenção, com o objetivo de atrair o cultuante; elementos que enfatizem o local como uma zona limítrofe entre o universo secular (humano) e o universo sagrado (divino); elementos que representem o transcendente – a entidade cultuada - ou que sejam simbólicos deste; elementos que indiquem participação do cultuante, já que um ato religioso pressupõe a existência de uma relação entre o humano e o divino intermediada pelos ritos³⁵.

Segue, abaixo, os principais "indicadores arqueológicos do ritual" de acordo com Renfrew:

É comum o ritual ocorrer em locais com características naturais diferenciadas (como cume de montanhas, grutas ou florestas) ou em edifícios reservados para funções sagradas (templos, igrejas). Nestes locais podem ser encontradas instalações arquitetônicas específicas (altares, bancos), bem como objetos a serem utilizados durante o ritual.

Os rituais podem implicar tanto em exibição pública quanto em eventos altamente

³⁵ RENFREW, C; BAHN, P. Arqueología. Teorias, métodos y prática. Trad. Esp. Madrid, 1993. (1ª ed. 1991), p. 78-83.

reservados. Por conseguinte, tal caráter estará refletido na organização arquitetônica do local. Instalações como pias e fontes também são elementos comuns, sendo que seu propósito no contexto ritualístico seria manter a pureza do ambiente. Um dos indicadores mais importantes é a presença de estátuas e outras representações simbólicas das divindades cultuadas.

Gestos de adoração, largamente utilizados durante os cultos, podem se refletir na iconografia. É comum encontrarmos objetos utilizados para induzir a experiência religiosa nos fiéis, como instrumentos musicais e recipientes para drogas ou bebidas alcoólicas. Sendo o sacrifício (humano ou animal) algo comum em contextos ritualísticos, podemos encontrar objetos ou estruturas arquitetônicas associadas a essa prática. Os votos podem estar presentes sobre a forma de oferendas, desde alimentos (que podem ser queimados em um altar ou consumidos durante o ritual) até os mais variados tipos de objetos.

Além dos indicadores acima o estudioso também deve atentar para um outro indício, tradicionalmente característico da expressão religiosa: a utilização reiterada de símbolos, ou seja, dos elementos que indique a presença do transcendente. Como exemplos podemos citar: a cruz em ambientes cultuais das religiões cristãs ou, no caso especifico do contexto do Mediterrâneo Antigo, nos sítios minóicos, a constante presença do machado duplo.

A análise destes atributos compõe o cerne do corpo teórico-metodológico desenvolvido por Colin Renfrew, a partir do qual surgiu a linha teórica denominada pelo próprio estudioso de *Arqueologia Processual Cognitiva*. Os estudos cognitivos vêm sendo utilizados em pesquisas arqueológicas referentes aos mais variados contextos.

Como afirmou o próprio Renfrew, a compreensão de qualquer sociedade passa obrigatoriamente pelo entendimento de seu universo cognitivo. Esta perspectiva é especialmente adequada ao contexto grego antigo, no qual a religiosidade encontrava-se profundamente entrelaçada aos demais aspectos (economia, política, etc.). Nesse sentido o estudo da religiosidade (e, conseqüentemente, do espaço sagrado) é indissociável de qualquer tentativa de compreensão do fenômeno da *polis*.

Capítulo 2

Uma cidade-estado grega arcaica: o caso de Mégara *Hyblaea*

2.1. O século VIII a.C. e o contexto de desenvolvimento da polis grega.

Instituição política típica do mundo grego antigo, a *polis* teve um desenvolvimento paulatino, que se iniciou no final do período geométrico³⁶ e atravessou toda a época arcaica. Especificamente, podemos apontar o século VIII a.C. como aquele no qual as principais características desta instituição se estruturaram entre as comunidades helênicas.

É fundamental evitar incorrer no erro de tratar da *polis* como algo único e estático. Em primeiro lugar, havia uma grande heterogeneidade entre as comunidades gregas. Além disso, nem todos os grupos helênicos se estruturaram como *poleis*, e, mesmo naqueles que assim se estruturaram, persistiam diferenças organizacionais decorrentes de vários fatores histórico-culturais. Devemos ainda atentar para as transformações que inevitavelmente ocorreram em menor ou maior grau sobre qualquer instituição política; a *polis* não atravessou seus três séculos de estruturação (assim como seus períodos de maturidade e reestruturação) sem ter sofrido uma série de transformações, ocasionadas por conflitos sociais e políticos ou mesmo por adversidades materiais.

A *polis* grega, mais do que um estágio no desenvolvimento das aglomerações urbanas, constituiu uma instituição temporalmente e espacialmente bem definida, seu surgimento e permanência tendo sido decorrente de um contexto histórico específico, o da Grécia dos períodos arcaico, clássico e helenístico. Entretanto, também é fundamental levar em consideração o dinamismo e a diversidade políade. Apesar disso, neste trabalho, ao usarmos o termo *polis*, estaremos nos referindo a uma instituição grega *par excellence*.

Na historiografia existem inúmeras comparações entre o contexto grego e o romano ou o das cidades italianas medievais, as quais incluem as *poleis* num segmento mais amplo, o das cidades-estado. Porém não se trata da nossa perspectiva, já que não é nossa pretensão a analisar a instituição cidade-estado em todas as suas variante e sim a *polis* propriamente dita. Além disso, como nossa proposta é um estudo de caso, não abarcaremos todo o contexto temporal da instituição, mas apenas o período de estruturação deste modelo político, ou seja,

_

³⁶ A nomenclatura para a cronologia da história grega antiga não é totalmente uniforme, especialmente no que se refere ao período intermediário entre a Idade do Bronze e a Idade Arcaica. Alguns estudiosos partem dos estudos sobre a cerâmica ateniense, realizados por Coldstream e classificam, respectivamente, o século XII, os séculos XI e X e o intervalo entre o início do XI e a primeira metade do VIII de períodos submicênico, protogeométrico e geométrico, o qual também é conhecido como Auto-arcaico ou proto-arcaico. Já o termo Idade do Ferro é aplicado a todo o intervalo entre o XII e o VIII.

os séculos VIII, VII e VI a.C.

Como afirmamos acima, a estruturação em *poleis* não ocorreria em todas as comunidades gregas proto-arcaicas. Em muitos locais se desenvolveu uma outra forma de estado, o *ethnos*, que consistia em uma confederação de agrupamentos populacionais relativamente homogêneos, cuja unidade se mantinha principalmente por meio de vínculos de ordem cultural e religiosa.

De acordo com Catherine Morgan³⁷, não é fácil definir a instituição política *ethnos*, o que se deve não só à carência de estudos mas também a uma certa arbitrariedade classificatória: os estudiosos tendiam a considerar *ethne* praticamente toda comunidade grega que não podia ser enquadrada na categoria *polis*. Outra tendência era estabelecer uma relação evolucionista entre estas duas formas de organização política: o *ethnos* chegou a ser considerado como um estágio primitivo do desenvolvimento da *polis*. Atualmente, após serem realizadas pesquisas mais aprofundadas em várias regiões da Hélade, essa posição tem sido progressivamente abandonada pelos helenistas.

Os mesmos vínculos culturais e religiosos que contribuíram para a formação das *ethne* na antiga Hélade, também foram determinantes para o desenvolvimento da organização estatal que é foco deste estudo: a *polis*. Todavia, cada Estado trilharia caminhos diferentes, desenvolvendo arranjos políticos e espaciais e formas de sociabilização bastante distintas.

Podemos afirmar que os fatores que determinaram o nascimento da *polis* (e de modo geral, das organizações estatais na Hélade) foram múltiplos e têm raízes longínquas. Assim sendo, para que tal processo seja abordado adequadamente, é necessário fazer uma rápida retrospectiva da história grega, desde os eventos que desestruturaram a ordem social existente na Idade do Bronze (séculos XIII e XII a.C) até as transformações que foram germinando no decorrer dos séculos XI a IX a.C e que explodiram no início da Idade Arcaica.

Os estudos arqueológicos parecem mostrar que, após a desagregação dos estados micênicos (séculos XII e XI a.C.), os habitantes da Hélade vivenciaram um período no qual imperava a heterogeneidade entre as regiões³⁸, a desorganização política³⁹ e a restrição dos

MORGAN, Catherine. Sanctuaries and the rise of the Greek state. In **Athletes and oracles.** The formation of Olimpia and Delphi ai the eight century BC. London: Cambridge University Press, 1994. Pp. 1-25.

Em alguns locais (como a Argólida) os antigos estados micênicos sofreram uma desestruturação violenta, enquanto em outros (como a Ática) a desagregação das antigas formas de poder foi mais lenta e paulatina.

contatos econômicos e culturais - muito dinâmicos na fase anterior - com outros povos do Mediterrâneo⁴⁰. Chegou-se a falar em uma "idade das trevas" grega, idéia gerada principalmente pela ausência de documentação escrita oriunda deste período. Todavia, principalmente após a década de 80, essa visão tem sido questionada. Por um lado, a ampliação dos estudos arqueológicos voltados para estes séculos revelou que, apesar de ter realmente ocorrido um certo empobrecimento material (possivelmente causado pelo enfraquecimento do comércio marítimo o qual fomentava a alta produção artesanal micênica), este retrocesso não foi tão significativo, sendo que em certas atividades, como a produção cerâmica, houve o desenvolvimento de novos estilos e técnicas. Foi também nesta época que se aprimorou e se difundiu o uso do ferro em substituição ao bronze.

Quanto ao o rompimento das relações culturais e comerciais, sabe-se atualmente que esta deve ter se dado apenas por um curto período – e em certas áreas como a Ática e a Eubéia talvez tal ruptura nem tenha ocorrido. Já no século IX a.C temos uma prova de retomada dos contatos com a Anatólia: neste momento ocorreria a ocupação da costa leste da Ásia Menor por comunidades gregas. No século seguinte explodiria o movimento colonizatório em direção à Sicília e à Península Itálica, além do estabelecimento de entrepostos comerciais na costa oriental do Mediterrâneo.

Assim sendo a atual tendência entre os estudiosos é acreditar que o intervalo entre os séculos XI, X e IX a.C tenha sido uma fase de reestruturação. Embora tenha ocorrido um rompimento com os muitos elementos políticos, sociais, materiais e culturais da Idade do Bronze, tal processo foi desigual e não tão abrupto como já se chegou a imaginar. Ruptura e continuidade se deram lado a lado, direcionando a Hélade para uma nova etapa organizacional.

Em temos sócio-políticos a Grécia pós-micênica (séculos XI, X e IX a.C) se caracterizou por uma estrutura de poder aristocrática. Porém trata-se de uma organização

Pesquisas arqueológicas e estudos históricos indicam que entre os séculos XIII e X uma intensa movimentação populacional assolaria a península balcânica. Também são levantadas hipóteses de catástrofes naturais. Estas possibilidades, unidas ao conhecido quadro de desagregação político-social, nos fornecem uma imagem caótica do período.

É importante ressaltar que, como mostram os achados arqueológicos, durante a idade do bronze os gregos mantiveram uma intensa atividade comercial com regiões como Anatólia, Egito, Mesopotâmia (e outros estados orientais), além de povos ao longo de toda costa do Mediterrâneo e ainda da Europa Setentrional. Após a desagregação da estrutura palacial micênica esses contatos iriam diminuir consideravelmente, chegando a cessar em alguns casos. Isso agravaria ainda mais o quadro de decadência material dos séculos subseqüentes.

social muito diferente do estado altamente centralizado e burocrático do período anterior. Uma hipótese bastante pertinente entre os especialistas é a de que a desagregação palacial micênica possa ter atingido somente as altas camadas de poder, tendo a baixa aristocracia mantido seus privilégios e formado a elite social subseqüente. De qualquer modo, os grandes palácios, símbolos de um poder forte e de uma organização estatal requintada, desapareceriam paulatinamente, dando lugar a chefias regionais, cuja atuação parece ter sido espacialmente bastante limitada.

Tal situação tem sido comprovada pelas pesquisas arqueológicas, que revelam uma proeminência, desde o século X a.C. das moradas dos chefes regionais, as quais pareciam exercer também a função de centro político e religioso⁴¹. Tal organização social iria se sustentar até fins do século IX a.C, quando teve início uma série de transformações, as quais desencadeariam no desenvolvimento das formas estatais *polis* e *ethnos*. Não podemos deixar de considerar, todavia, que a estrutura de poder aristocrática típica da Idade do Ferro grega deixou inúmeros reflexos nos períodos posteriores, especialmente na Idade Arcaica. Embora a esfera de participação política tivesse se ampliado e a *polis* e suas leis tenham se tornado as autoridades máximas, a antiga aristocracia ainda manteria privilégios, principalmente em decorrência da posse majoritária da terra, símbolo absoluto de riqueza durante o arcaísmo grego.

Não pretendemos ordenar cronologicamente (tampouco em termos de importância) as mudanças estruturais ocorridas na Grécia do século VIII a.C. Assim, apenas nos limitaremos a citá-las e estabelecer relações entre elas, conforme os objetivos deste trabalho.

Comecemos pela transformação mais evidente, vista a partir dos dados materiais, o crescimento populacional. Anthony Snodgrass⁴² realizou estudos que mostram que, em regiões como a Argólida e a Ática, a população no decorrer do VIII a.C se multiplicou num coeficiente sete. Mesmo considerando a falibilidade dos dados arqueológicos, trata-se de valores significativos. Obviamente, muitos estudos ainda devem ser feitos para que um panorama realmente esclarecedor do contexto seja formulado.

⁴¹ Sobre o papel político e religioso das antigas moradias de chefes da Idade do ferro ver: MAZARAKIS AINIAN, A.J. *Early Greek Temples: Their Origin and Function In* HAGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G. **Early Greek Cult Pratice.** Athens, 1986, Stockolm, 1988.

⁴² SNODGRASS, A. M. Archaic Greece: The age of Experiment. Londres, 1981.

Ao mesmo tempo ocorria uma alteração das bases de subsistência em várias comunidades: o pastoreio seria substituído, como atividade econômica principal, pela agricultura. Classificamos esta relação entre crescimento demográfico e desenvolvimento agrícola como de retroalimentação: por um lado, uma população mais numerosa exige uma forma de abastecimento mais produtiva, que permita o armazenamento de estoques de suprimentos. Por outro lado, a agricultura, um modo de subsistência mais estável e propício a sedentarização que o pastoreio, induzia ao aumento da população.

Paralelamente a estas mudanças estruturais, desde o século IX a.C - e durante todo o VIII a.C, os gregos ampliaram os contatos comerciais e culturais com outros povos, principalmente do Mediterrâneo Oriental e Ocidental, o que é demonstrado pela constante presença de objetos de origem grega em vários sítios mediterrânicos e do Oriente Próximo e Médio, com destaque para a cerâmica coríntia. Ao mesmo tempo, o oriente passou a exercer forte influencia estilística em vários ramos da arte grega, como é o caso da estatuária e da pintura cerâmica.

Outro elemento que explicita a influência cultural dos povos do Mediterrâneo Oriental é o reaparecimento da escrita na Grécia, a partir da adaptação do alfabeto fenício para o idioma grego. Tal evento parece estar relacionado às necessidades surgidas a partir da intensificação nas trocas comerciais. Trata-se de uma transformação da maior importância para a historiografia, que passa a contar com a documentação escrita, tanto sob a forma de obras literárias quanto sob a forma de inscrições.

A ampliação das trocas mercantis e culturais também guarda relações com os movimentos migratórios, ocorridos desde o IX a.c em direção à Ásia Menor e, já na primeira metade do VIII a.C, em direção ao Ocidente, onde foram fundadas inúmeras colônias, a princípio na Península Itálica e, logo em seqüência, na Sicília. É importante citar ainda, como demonstrativo da ampliação dos contatos helênicos, o estabelecimento de pontos de troca comercial na litoral oriental do Mediterrâneo, como é o caso de Al Mina e Tell Sukas.

A empreitada colonial grega estava indubitavelmente vinculada ao aumento demográfico e ao incremento das práticas agrícolas. Talvez mais que a ampliação das oportunidades comerciais seu objetivo era a aquisição de terras, a qual se tornara o mais precioso dos bens para os gregos. O solo fértil passou a ser alvo de disputas entre os aristocratas e entre estes e os grupos materialmente menos privilegiados, principalmente

pequenos camponeses. Diante deste conflito, uma das saídas encontradas foi a migração para outras regiões. O caso do estabelecimento de Mégara *Hyblaea*, foco deste trabalho, insere-se neste processo.

2.2. Sociedade e Religião no universo políade.

Na base do desenvolvimento da *polis* estão o conjunto de eventos que transformaram a sociedade grega entre os séculos IX e VII a.C. Não pretendemos tratar de nenhum fator como sendo o principal: acreditamos que a emergência dos estados na Hélade tenha decorrido de um processo cujas causas foram inúmeras. Todavia, neste tópico, acentuaremos a importância das disputas envolvendo a posse da terra, as quais fomentaram conflitos, tanto entre as comunidades gregas, quanto entre grupos sociais antagônicos.

Estes conflitos promoveriam desavenças e crises políticas e, ao mesmo tempo, a necessidade de que se estabelecessem acordos entre os indivíduos: era um primeiro passo para a elaboração de normas comuns. Principalmente devido ao crescente descontentamento dos grupos menos favorecidos diante dos privilégios dos aristocratas, que contavam com a posse das melhores terras, impunha-se a necessidade de se chegar a um consenso, a fim de que as disputas fossem apaziguadas. O depoimento de Hesíodo⁴³ em *Os Trabalhos e os Dias* é, sem dúvida, a melhor expressão da insatisfação dos pequenos camponeses em relação à aristocracia grega. Além disso, diante de ameaças de comunidades vizinhas, fazia-se necessário unir esforços para a manutenção do território.

A união de um grupo de pessoas em torno de um objetivo comum, somada à necessidade de se buscar um consenso em relação à questão da posse da terra, traduziu-se, em grande parte do território grego, no desenvolvimento de uma estrutura política específica, a *polis*. Era necessário, entretanto, um elemento aglutinador, que exercesse uma ação centrípeta, enfraquecendo as forças centrífugas decorrentes dos conflitos sociais. Tal papel parece ter sido exercido pela religião, que tem sido apontada por estudiosos, como François de Polignac⁴⁴, como um dos principais fatores que propiciaram o *sinoecismo* políade. Nesse sentido, a população, que se encontrava muitas vezes dispersa, formando vários pequenos núcleos de habitação, teve como ponto de integração, além do centro político, as áreas destinadas à atividade religiosa comunitária.

De acordo com Polignac, a Grécia, até fins do século IX a.C, não dispunha de locais delimitados, restritos à atividade cultual. O autor se baseia, para tal afirmação, na ausência de

⁴³ HESIODO. **Os Trabalhos e os dias.** São Paulo: Iluminuras, 1991.

⁴⁴ POLIGNAC, F. La naissance de la cité grcque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984.

documentação arqueológica – e também literária - que indique a existência de áreas sagradas definidas⁴⁵. Porém, essa idéia foi contestada por alguns estudiosos. Segundo Christiane Sourvinou-Inwood⁴⁶ a escassez de dados não permite fazer uma afirmação tão categórica: o fato destes locais não serem indicados nos documentos escritos e não terem sido detectados arqueologicamente não comprova sua inexistência.

O arqueólogo grego A. J. Mazarakis Ainian⁴⁷ também tratou das transformações ocorridas no espaço sagrado grego a partir do século IX a.C. Especificamente, o autor analisou locais que tiveram certa relevância durante a Idade do Ferro, e que teriam servido de moradia para indivíduos socialmente proeminentes. Ainian verificou que, até o século IX a.C, as práticas cultuais não eram realizadas em locais específicos, mas nestas "casas de chefes". É mister acentuar ainda que essa atividade cultual parece ter se restringido a alguns indivíduos, pertencentes a uma elite guerreira. Posteriormente, no século VIII a.C, algumas destas construções seriam substituídas por templos, edifícios de caráter estritamente religioso⁴⁸.

Com o progressivo fim das antigas estruturas de poder e com a aceleração do processo de *sinoecismo* políade, as práticas cultuais foram paulatinamente passando do controle monárquico ao coletivo. Surgiriam áreas com funções sagradas definidas, não vinculadas a outros propósitos e à aristocracia dominante, processo que não apenas coincide com o nascimento da *polis* como se encontra estreitamente vinculado a ele. Retomando Polignac, a Grécia do século VIII teria vivenciado "la passage d'une souveraineté humaine à une souveraineté divine, les attributs de la monarchie éclatée ayant été disperses dans le corps civique mais symboliquement rassemblés dans les mains du dieu ou de la déesse devenu seul maître de la nouvelle communauté" ⁴⁹.

-

Nas épicas homéricas, por exemplo, sequer há menção do altar, estrutura principal dos rituais religiosos da Grécia arcaica e clássica.

SORVINOU-INWOOD, Ch. The Greek city from Homer to Alexander (O. Muray e S. Prince, eds.) Oxford, 1990, pp. 295-322.

⁴⁷ AINIAN, A. M. Early Greek temples: their origin and function *In* HAGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G. **Early Greek Cult Pratice.** Athens, 1986.

⁴⁸ De acordo com Ainian, em certos locais as casas de chefes foram adaptadas para templos, enquanto outras foram totalmente substituídas por eles. Há casos ainda de edifícios abandonados, muitas vezes simultaneamente a construção de um templo em um outro local, relativamente próximo.

[&]quot;(...) a passagem de uma soberania humana a uma soberania divina, os atributos da monarquia desestruturada se dispersavam no corpo cívico, porém, simbolicamente, estavam reunidos nas mãos do deus ou da deusa tornados mestres únicos da nova comunidade". POLIGNAC, F. Introdução In La naissance de la cité grecque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 16.

2.3. A organização do espaço sagrado.

Ao tratarmos da *polis* grega estamos nos referindo acima de tudo a uma forma de organização política que se expressava pela reunião de grupos de indivíduos, ligados pela origem e por crenças e valores semelhantes, os quais compartilhavam interesses comuns acerca de um determinado território. Por outro lado, as comunidades apresentavam diferenças em vários aspectos, entre os quais está a maneira de organizar o espaço.

Tradicionalmente os estudos urbanísticos referentes às cidades gregas antigas dividem-nas em duas categorias. A primeira é composta basicamente de comunidades estabelecidas há um longo período de tempo em determinados locais, o que abarcava praticamente todas as *poleis* do território helênico. Os traçados urbanos deste grupo, cujas plantas recebem entre os estudiosos a denominação de "plantas orgânicas", têm como características principais: inexistência de planejamento; vias de acesso não retilíneas, e ausência de áreas especializadas (locais públicos como a *agorá* reuniam sem muito critério diversos tipos de atividades). O resultado era uma aparência desorganizada, evidenciada ainda mais pela aglomeração de novas construções em torno de estruturas anteriores. Trata-se do caso de locais como Atenas e Delos.

Num segundo grupo está a maior parte das colônias da Magna Grécia e da Sicília, cidades oriundas da realocação de grupos populacionais, como Priene, e ainda algumas *poleis* com setores reconstruídos, como Mileto e o principal porto ateniense, o Pireu. As características mais evidentes desta categoria são: traçado urbano regular (algumas vezes ortogonal); existência de áreas bem definidas, especializadas para atividades políticas, religiosas ou econômicas; divisão regular dos lotes, e relativa homogeneidade entre as moradias. Estudiosos, baseados apenas na documentação escrita, acreditavam que o plano ortogonal tivesse sido uma inovação do século V, especificamente do arquiteto Hopodâmo de Mileto. Todavia, as pesquisas arqueológicas mostraram que o traçado urbano regular tem uma origem mais antiga, tendo sido usado nas primeiras colônias gregas estabelecidas no ocidente, como mostra o caso de Mégara *Hyblaea*.

Acreditamos, todavia, que tal divisão possui algumas deficiências. Em primeiro lugar, ela considera somente o modelo espacial da área "urbana" (asty ou cidadela), não trazendo esclarecimentos a respeito da área "rural" ou *chora*. Além disso, este modelo explicativo

oferece poucas possibilidades no que se refere ao entendimento do processo de emergência da *polis*, já que propõe uma análise estática das comunidades gregas, relegando a segundo plano as transformações sofridas no decorrer do tempo.

A partir da década de 80, com o aprofundamento das pesquisas espaciais em Arqueologia Clássica, foram desenvolvidos estudos que tinham por objetivo entender o nascimento da *polis* a partir do processo de ocupação e transformação do território pelas comunidades. Segundo tal perspectiva, a maneira com que o espaço (tanto o urbano quanto o rural) era estruturado expressava as relações sociais entre os indivíduos e incorporava alguns elementos simbólicos, provenientes do universo cultural e religioso dos gregos.

Dentre estes estudos está o realizado por François de Polignac, segundo o qual o surgimento de áreas de convívio coletivo, em especial daquelas destinadas à atividade cultual, foi um dos fatores que promoveram o *sinoecismo* entre as comunidades, expressando, ao mesmo tempo o surgimento do ideal de *polis*. A grande contribuição de Polignac, todavia, está na contestação de um modelo bastante difundido, o **monocêntrico**, o qual toma por referência apenas o caso da cidade de Atenas. Segundo a teoria monocêntrica, também conhecida como Modelo Ateniense, as *poleis* gregas apresentavam uma organização centrípeta, em torno de um núcleo principal de habitação (localizado em torno da acrópole) o qual era, ao mesmo tempo, centro político e cultual. Este padrão foi questionado por Polignac a partir da verificação de que as demais localidades gregas apresentavam, ao contrário, uma estruturação **bipolar** no tocante à religiosidade.

O complexo religioso das comunidades gregas era formado, além dos santuários e templos urbanos, pelas áreas de culto da periferia da *asty* e além de outras, localizadas na *chora*. Neste conjunto destacava-se o *témenos* urbano principal, dedicado à divindade patrona da cidade e estabelecido no centro político (na acrópole ou, em alguns raros casos, na *agorá*), e o grande santuário extra-urbano, localizado em geral numa região de fronteira com uma *polis* vizinha e rival. A importância do santuário rural era mais acentuada no que toca à integração entre as comunidades urbana e rural e à afirmação da posse do território políade.

Revisões historiográficas como a realizada por Polignac fariam com que uma nova perspectiva da *polis* grega fosse desenvolvida. Mais do que uma conseqüência de inovações políticas, esta forma de organização estatal passou a ser encarada como um reflexo dos valores e crenças compartilhados pela comunidade e da ligação desta com o território

habitado. No plano espacial, a cidade-estado grega se expressava pela complementaridade entre a *chora* e a *asty*. Sendo a posse de terra uma das condições para o exercer da cidadania, as áreas de cultivo das cidades gregas tinham um estatuto praticamente equivalente ao do centro político, a *asty*, onde se localizava a maior parte das habitações.

Eram ainda fundamentais as áreas de convívio, dentre as queis tinham destaque os templos e os locais de culto. A importância das áreas de culto comunistárias para os gregos ia além do fato de serem locais de convivência. Compartilhar das mesmas crenças era compartilhar de uma identidade. Não se trata de dizer que havia uma total homogeneidade religiosa entre os habitantes da polis, havendo divindades reverenciadas por grupos específicos de cidadãos. Entretanto, era fundamental a participação nos cultos oficiais, uma das condições básica para o pleno exercer da cidadania. Lembremos que, para os gregos antigos, civismo era sinônimo não apenas de politização mas de religiosidade. A existência de rituais realizados nos templos extra-urbanos acentuava ainda mais a importância da *chora* e de seus *temenoi* como áreas de convívio, dentre as quais tinham destaque os templos e os locais de culto.

2.4. A Fundação de Mégara Hyblaea.

2.4.1. A colonização grega.

A partir do século VIII os gregos fundaram várias cidades fora da Hélade, buscando novas oportunidades comerciais, novas terras ou simplesmente fugindo dos conflitos sociais e políticos que assolavam suas comunidades de origem. Vemos, portanto, que as razões que determinaram a colonização ⁵⁰ grega foram variadas, embora todas elas fossem fruto de uma mesma conjuntura social. Assim como no caso da emergência da *polis*, rejeitamos apontar um único fator como determinante para o movimento colonizatório, e adotamos um viés de análise pluricausal, levando em consideração as peculiaridades das regiões de emigração e também dos locais colonizados.

A partir do século VIII teve início um amplo processo migratório oriundo da Grécia em direção a várias regiões nas proximidades do mar Mediterrâneo. Foram fundadas colônias na Ásia Menor, Síria, norte da África e em boa parte da costa do mar Negro. Entretanto esta colonização ocorreu de forma mais intensa em regiões do Mediterrâneo Ocidental, principalmente na península Itálica e na Sicília. Tratou-se de uma verdadeira expansão territorial grega a qual proporcionou não apenas a difusão da cultura helênica como também a assimilação de características culturais de outros povos.

As primeiras instalações gregas no Mediterrâneo ocidental ocorreram ainda na primeira metade do século VIII a.C: *Pithekussai*, entre 775 e 760 a.C e Naxos entre 760 e 750 a.C (757 a.C, segundo a cronologia tradicional), ambas possivelmente fundadas por gregos originários da Eubéia. Logo na segunda metade do mesmo século e na primeira metade do seguinte, as colônias se multiplicaram: Cumae, Sibaris, Régio, Tarento, Metaponto, Locres e Siris, na Magna Grécia, e Mégara *Hyblaea*, Siracusa, Leontinos, Catânia, Zancle e Gela, na Sicília. Houve um segundo movimento de colonização, partido das próprias fundações iniciais, que deu origem a cidades como Poseidônia, Himera, Cirene, Agrigento e Selinunte⁵¹.

Ao usarmos o termo *colonização*, estamos nos referindo à colonização grega dos séculos VIII a VI, sem o intuito de compara-la a outros movimentos colonizatórios, como, por exemplo, o efetuado pelas nações européias no início da Idade Moderna. Assim, neste trabalho, *colônia* é usada como sinônimo de *apoikia*, termo usado pelos gregos para nomear as fundações.

⁵¹ POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 93.

O interesse em fortalecer vínculos comerciais (por exemplo, com povos da península Itálica) parece ter sido um fator relevante, já que os contatos com comunidades estrangeiras vinham crescendo desde fins do século IX aC. Informações arqueológicas que remontam a este período atestam frequentes relações culturais entre os gregos e as comunidades da costa sírio-palestina. Com relação ao Mediterrâneo Ocidental, foi encontrado, em sítios etruscos, exemplares de cerâmica grega datada do início do século VIII a.C. Alguns estudiosos acreditam que o estabelecimento grego na ilha de Ischia (*Pithekussai*) foi impulsionado pelo comércio com a Etrúria.

No entanto, somente a relação mercantil não parece ser suficiente para explicar a expansão territorial grega. Se o estabelecimento de *Pithekussai* expressava ter um caráter comercial, as fundações que se seguiram demonstravam, por outro lado, tratar-se de expedições de realocação populacional, interessada não apenas em oportunidades mercantis, mas também na exploração do território e em uma estadia permanente. É importante ressaltar ainda que, durante a Idade do Bronze, as trocas com os povos do Mediterrâneo Ocidental e Oriental foram freqüentes, o que, contudo, não parece ter determinado o surgimento de estabelecimentos gregos permanentes, mas apenas de entrepostos⁵². Além disso, a parcela populacional que se dedicava ao comércio na Grécia do VIII a.C não era tão ampla a ponto de impulsionar um deslocamento populacional efetivo. Enfim, um mero interesse mercantil poderia ter sido solucionado com o estabelecimento de entrepostos (as chamadas *emporia*) como os criados na costa sírio-palestina nos séculos IX e VIII a.C ou como o estabelecido em *Pithekussai*.

No caso específico da Sicília, o fator mercantil parece ter tido uma importância ainda menor do que na península Itálica. No continente foram atestadas trocas comerciais constantes, desde o início do VIII a.C, com populações nativas, principalmente os etruscos. Por outro lado, praticamente não foram encontrados indícios de atividade comercial com nativos da Sicilia no período precedente às primeiras fundações. Até o momento, a única evidencia tangível de contato pré-colonial entre gregos e siciliotas foi um achado de um vaso, datado do Geométrico médio, encontrado no sítio de *Villas Mundo*, na Sicília oriental, a

_

⁵² POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984p. 100.

noroeste de Mégara *Hyblaea*⁵³. É interessante notar que nenhum material do tipo foi achado nas colônias siciliotas. Os únicos similares a esta peça cerâmica foram achados na Etrúria e em um sítio indígena de Cumae, numa etapa anterior a chegada dos colonizadores gregos no local.

Dentre os fatores determinantes para que as expedições tivessem início, parecem estar os conflitos sociais da Hélade, os quais foram fomentados pela existência de um enorme excedente populacional (decorrente da explosão demográfica do século VIII a.C) e pela falta de terras. ⁵⁴. A fundação das colônias pode ser considerada uma "válvula de escape" para estes conflitos, pois não apenas propiciou novas oportunidades para os migrantes como contribuiu para a estabilidade dos grupos que permaneceriam na Grécia, daí o enorme interesse em apoiar estes empreendimentos por parte das metrópoles, que forneciam até mesmo auxílio financeiro às expedições.

Havia, obviamente, procedimentos necessários ao sucesso de uma expedição de tamanho risco. O passo inicial era a aquisição de informações acerca do local adequado para fundar a colônia (*apoikia*), o que foi possibilitado pela presença cada vez mais freqüente de comerciantes no Mediterrâneo a partir de fins do IX a.C. Estrabão fornece o exemplo de Teocles, mercador que teve um papel importante na fundação de colônias como Naxos e Mégara *Hyblaea*⁵⁵. Segundo a versão do autor, Teocles teria tentado convencer os atenienses a estabelecerem colônias na Sicília, local de população escassa e terra fértil. Não obteve êxito na Ática, mas conseguiu influenciar os calcídicos e os megarenses a se lançarem ao mar.

Era ainda fundamental, além do apoio metropolitano, a aquisição de um "parecer favorável" divino, obtido por meio de uma consulta ao oráculo de Apolo em Delfos. Todavia, o procedimento mais importante para o sucesso da expedição era a escolha do líder, o *oikistes*.

As informações históricas e arqueológicas parecem indicar que o *oikistes* era, em geral, um indivíduo de origem aristocrática, vinculado à alta camada social e política da metrópole⁵⁶. Sua escolha era de suma importância já que partiriam dele as decisões iniciais

⁵³ É interessante notar que nenhum material do tipo foi achado nas colônias siciliotas. Os únicos similares a esta peça cerâmica foram achados na Etrúria e em um sítio indígena de Cumae, anterior a chegada dos gregos.

⁵⁴ SNODGRASS, A. M. **Archaic Greece:** The age of Experiment. Londres, 1981, p. 60.

⁵⁵ ESTRABÃO, VI, 2, 2

MONEDERO, Adolfo J. Dominguez. La Polis y la expansión colonial griega. Siglos VIII-VII. Madrid, Editorial Síntesis, 1993, pp. 107.

mais importantes da expedição, principalmente a organização dos componentes e a escolha do local fundação. Após o estabelecimento, a divisão dos lotes de terra entre os migrantes iniciais também podia ficar a seu encargo, assim como as primeiras medidas legislativas. O *oikistes* também adquiria um status de líder religioso, obtido mediante a aprovação divina, durante a consulta inicial ao oráculo de Delfos.

O alto estatuto do deste indivíduo é atestado tanto pelos dados históricos, quanto pelos arqueológicos. Nos textos antigos, ao serem mencionadas as fundações, figura como informação fundamental o nome do *oikistes*, ao lado de dados geográficos (referentes aos locais de partida e de estabelecimento) e algumas informações cronológicas. A documentação material também é responsável pelo fornecimento de provas significativa da proeminência deste líder: seu túmulo era estabelecido em locais de destaque, em geral, nos arredores da ágora; ali os colonos conservavam a memória do líder por meio de certas práticas religiosas. O culto ao *oikistes* é considerado por alguns estudiosos como uma categoria de culto heróico. O túmulo do *oikistes*, em alguns casos, podia não ser real. Todavia, sua presença, mesmo que simbólica, era de importância fundamental para a colônia, afirmando as origens helênicas, a identidade, a independência da nação e também o direito de posse do território.

O *oikistes* (e, após a morte deste, sua memória, mantida por meio do culto) atuava na manutenção dos laços metropolitanos. É interessante notar que nos casos de refundações (cidades fundadas por colônias) era comum que fosse chamado um indivíduo da comunidade mãe. Por exemplo, quando em Mégara *Hyblaea*foi decidida a criação de uma nova colônia, Selinunte, recorreu-se a Mégara *Nisaia* que enviou como líder Pamilo.

Chegando-se ao local de destino, tinha inicio a escolha do local exato. Os atributos mais importantes buscados pelos gregos eram: terras férteis, existência nas proximidades de um porto natural (daí a preferência pelas áreas costeiras) ou de vias fluviais de acesso, já que os rios, juntamente com as fontes, ainda eram importantes para o abastecimento de água. A coexistência de uma área plana com uma acrópole também era uma característica favorável do ponto de vista defensivo, mas não essencial: Mégara *Hyblaea*, por exemplo, foi fundada sobre dois platôs intermediados por uma depressão, sem nenhuma colina escarpada. Após a fixação, seguiam-se outros encargos, também exercidos pelo *oikistes:* a divisão da terra sob a forma de *cleroi* entre os colonos; o estabelecimento das primeiras normas legais, e as primeiras decisões de caráter religioso, entre quais se destacava a delimitação de áreas destinadas ao

culto das divindades.

Assim como na área metropolitana, foi também mister, no universo colonial, o estabelecimento de locais sagrados destinados aos cultos coletivos. O santuário urbano, localizado no núcleo de habitação, encarnava a ligação da fundação com a cidade mãe por intermédio dos rituais ou mesmo de objetos sagrados transportados, afirmando ainda a helenidade do grupo⁵⁷. Já o santuário da *chora* tinha a importante função de promover a ascensão da terra ocupada ao estatuto de território da *polis*. Na Grécia o sinoecismo políade sofria com as pressões territoriais das comunidades vizinhas e com a dispersão entre os habitantes da região. Já nas áreas coloniais a estabilização era ainda ameaçada pela existência do elemento indígena, determinando uma dificuldade maior em assegurar a posse da terra⁵⁸.

A herança política e cultural que os gregos traziam de sua metrópole exercia uma grande influência sobre as primeiras medidas tomadas, a partir das quais as colônias seriam delineadas. Nas primeiras décadas do processo colonizatório, tal herança explicitava-se por uma organização política ainda em fase de construção. Uma série de transformações e experiências ainda estava em andamento na metrópole, situação que iria se repetir nas fundações. Por outro lado, havia um forte elemento de autonomia entre os colonos, o que fomentou nas novas comunidades experimentações políticas, as quais serviram de modelos para próprias cidades gregas.

-

⁵⁷ POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 103.

⁵⁸ POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p.108.

2.4.2.O caso de Mégara Hyblaea.

Partiu de Mégara Nisaia, cidade localizada no istmo de Corinto, a expedição da qual se originou Mégara *Hyblaea*. Segundo a cronologia tradicional, que segue os relatos de Tucídides e Estrabão⁵⁹, a fundação da colônia teria ocorrido por volta de 728 a.C. Entretanto, o material arqueológico mais antigo encontrado no local aponta para datas um pouco mais recuadas: alguns estudos sugerem que a ocupação grega do sítio teria se iniciado por volta de 750 a.C. Este recuo temporal decorreu de achados efetuados no setor norte do sítio, onde foi encontrada cerâmica geométrica de origem coríntia, cuja datação tem sido repensada pelos estudiosos como sendo da metade do VIII a.C (e não do terceiro quartel, como se acreditava).

De acordo com documentos escritos⁶⁰, o período que se seguiu à chegada na Sicília dos colonos de Mégara foi bastante conturbado. A princípio eles teriam se estabelecido numa área litorânea, cerca de 6 km ao norte do estabelecimento definitivo, denominada *Trotilon* pelos autores antigos. Este local foi identificado como sendo a atual *Brucoli*. Foram encontrados, nesta área, dados materiais (peças e fragmentos de cerâmica) que parecem comprovar uma passagem grega pelo local na metade do VIII a.C.

Em seguida, os megarenses foram incitados por um grupo de colonos de Cálcis a migrarem para a recém fundada Leontinos, a fim de formar uma colônia conjunta. Permaneceram neste local durante cerca de seis meses, ao fim dos quais, devido a desentendimentos com os calcídicos, abandonaram o local. O grupo se dirigiu então para a península de *Thapsos*, também na costa oriental da Sicília. Ali teria ocorrido a morte de Lamis, o suposto *oikistes* megarense. É interessante notar que alguns achados arqueológicos comprovam a passagem de gregos por *Thapsos* por volta da metade do VIII a.C. Ali foram encontrados fragmentos de cerâmica do geométrico tardio, semelhantes aos mais antigos achados em Mégara *Hyblaea*; além disso, uma antiga tumba da Idade do Bronze teria sido reutilizada neste período. Se o próprio Lamis foi enterrado neste local é algo que pode ser cogitado, mas, no atual estagio das pesquisas, dificilmente comprovado. Além disso, a própria existência de um *oikistes* denominado Lamis é incerta. Caso trate-se e algo verídico este

⁵⁹ TUCÍDIDES, VI, 3-5; ESTRABÃO, VI, 2,2.

É interessante ressaltar que, embora a história da Sicília Arcaica apresente um caráter basicamente "préhistórico", ou seja, uma enorme escassez de documentação escrita, há uma razoável quantidade de dados referentes às expedições fundadoras gregas na obra de autores como Tucídides e Estrabão. TUCÍDIDES, VI, 3-5; ESTRABÃO, VI, 2,2.

enterramento simbolisava o *status* do *oikistes*, e indicava a pretensão dos colonos de afirmar a posse daquele território.

Após curta permanência em *Thapsos*, um evento bastante curioso é apontado pelas fontes escritas⁶¹: os megarenses teriam estabelecido um acordo com um rei sículo, o qual teria doado terras para a fundação da colônia. O rei, segundo a tradição, chamava-se *Hyblon*, sendo o segundo nome da cidade uma possível referência a este monarca indígena, seja ele uma figura real ou lendária. Caso trate-se de um evento verídico ou mesmo de uma expressão mítica da realidade, temos uma informação de grande relevância, um demonstrativo da importância das relações entre gregos e nativos para o sucesso do processo colonizatório.

As razões deste acordo nos são bastante intrigantes. Simples benevolência de *Hyblon* parece ser uma hipótese remota. Todavia, um conjunto de dados pode indicar uma possibilidade de entendimento do caso. O reino sículo parece ter se localizado no centro-leste da Sicília, fazendo, portanto, fronteira também com Leontinos e Siracusa. A rivalidade entre os megarenses e seus vizinhos parece ter sido uma constante: Mégara teria se aliado a Siracusa numa guerra contra Leontinos no século VI e, no início do seguinte, foi destruída pela colônia coríntia⁶². Estariam os indígenas preocupados com a ameaça leontina e siracusiana, daí terem se aliado aos megarenses? As fontes indicam ainda que os siracusianos teriam escravizado populações nativas⁶³.

A colônia acabaria, finalmente, sendo estabelecida na costa sudeste da Sicília, ao sul do golfo de Augusta, entre a esfera de influência de Leontinos, ao norte, e de Siracusa, ao sul. Tal localização trouxe alguns inconvenientes para a cidade, já que os megarenses parecem nem sempre ter mantido relações amistosas com seus vizinhos. Sabe-se que no século VI a.C a cidade teria se unido aos siracusianos em guerra contra Leontinos e que em 483 a.C foi destruída por Gelon, tirano da ex-aliada Siracusa. Incrustada entre duas colônias bastante poderosas, Mégara *Hyblaea* pode ter tido obstáculos para seu desenvolvimento e expansão, o que pode ter sido uma das razões para que, cerca de cem anos após o seu estabelecimento, os megarenses siciliotas fundassem a subcolônia de Selinunte.

⁶¹ TUCÍDIDES, VI, 3-5.

⁶² VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 427.

⁶³ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea*1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, p. 427.

Capítulo 3

O desenvolvimento urbanístico de Mégara Hyblaea: repertório de mapas, plantas e estruturas.

3.1. Introdução ao capítulo.

O presente capítulo tem como objetivo fazer uma análise da organização espacial de Mégara *Hyblaea*, a partir de um repertório de mapas, plantas e outras estruturas, que serão apresentadas no decorrer do capítulo. A escolha do repertório foi pautada em dois importantes critérios. O primeiro deles é a disponibilidade. Em conseqüência disso, a maior parte das figuras refere-se a recintos do bairro da *agorá*, setor melhor conhecido pelos estudiosos. O segundo critério fundamental é a adequação ao tema. Como nosso estudo apresenta-se centrado na analise das áreas e recintos de caráter sagrado, a maior parte das imagens referem-se a tais espaços.

Além das imagens, nosso estudo da organização espacial de Mégara também se baseia numa bibliografia específica referente à cidade, a saber: "Le quartier de l'ágora archaique"⁶⁴, da autoria de Georges Vallet, François Villard e Paul Auberson; o artigo "L' Installation des dieux"⁶⁵, de autoria de François de Polignac, presente na obra "La colonisation grecque en Mediterranée ocidentale", e, por fim, a obra "Mégara Hyblaea and Selinous"⁶⁶, da autoria de Franço De Angelis.

-

⁶⁴ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976.

⁶⁵ POLIGNAC, F. L' Installation des dieux. In **La colonisation grecque en Mediterranée Ocidentale** (Collection de L'É cole Française de Rome), 1999, p. 209-229.

⁶⁶ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2004.

3.2. A organização espacial de Mégara Hyblaea.

3.2.1. O território.

Mégara *Hyblaea* foi fundada na costa oriental da Sicília (ver figura 1), imediatamente ao sul do golfo de Augusta. A colônia fez, durante o período arcaico, fronteira com duas outras *poleis* gregas: Leontinos, ao noroeste, e Siracusa, ao sul. Os trabalhos arqueológicos realizados em Mégara *Hyblaea*, iniciados ainda no final do século XIX⁶⁷, estiveram centrados no setor urbano (área constituída por uma depressão central e dois platôs) e nas áreas de necrópoles, localizadas em torno da região central. Como resultado das escavações realizadas a partir da década de 50 pela Escola Francesa de Roma, constituiu-se um catálogo detalhado de dados a respeito do principal núcleo urbano de habitação (denominado "bairro da *agorá*")⁶⁸. Por outro lado, a escassez de trabalhos nos arredores do sítio dificulta projeções acerca da organização da *chora* megarense.

6

⁶⁷ Os trabalhos em Mégara foram iniciados pelo Museu Nacional de Siracusa (atual Museu Paolo Orsi), ainda no século XIX, sob a liderança dos pesquisadores Francesco Cavallari e Paolo Orsi. (Sobre o primeiro período de escavações em Mégara *Hyblaea* ver o artigo: IACOVELLA, Andréa. Les premières fouilles à Mégara *Hyblaea* (1860-1897), *dans* MEFRA, 113-1-2001, p. 401-469). As escavações foram reiniciadas na década de 50, sob a coordenação dos pesquisadores da Escola Francesa de Roma, Georges Vallet, François Villard e Paul Auberson. Os trabalhos foram retomados na década de 80, sob a coordenação de Michael Gras, Henri Tréziny e Henri Broise.

⁶⁸ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976

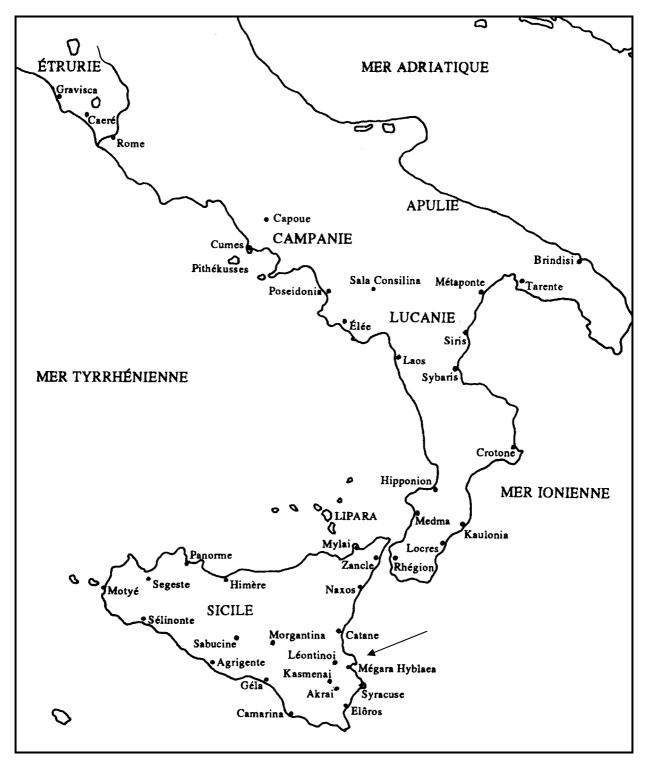


Figura 1: Mapa do sul da península itálica e Sicília.

Modificado de: BOARDMAN, J. **Les Grecs outre-mer.** Colonisation et commerce archaïques. Paris: Centre Jean Bérard, 1973, p. 194.

A quase total ausência de pesquisas arqueológicas na *chora* de Mégara *Hyblaea* impõe alguns empecilhos para o entendimento da organização espacial da cidade. Todavia, em detrimento dessas dificuldades, um grande avanço foi realizado por Franco De Angelis com a publicação da obra "*Mégara Hyblaea and Selinous*. *The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily*", a qual é dedicada ao desenvolvimento de duas *poleis* gregas na Sicília, Selinunte e o foco de nosso interesse, Mégara⁶⁹. Auxiliado pelas pesquisas arqueológicas realizadas na região, partindo de uma pesquisa exaustiva na documentação literária e pautado numa metodologia inspirada na Geografia Histórica, De Angelis conseguiu realizar um estudo bastante pertinente sobre a *polis* em questão, apresentando dados sobre o setor extra urbano, tais quais: formas de ocupação do solo, estabelecimento de fronteiras e o relacionamento com povos que viviam nas regiões próximas, sejam eles gregos ou nativos da Sicília.

O território de Mégara *Hyblaea*, de acordo com a projeção realizada por De Angelis (ver figura 2), possivelmente ocupou, no auge de sua expansão territorial, uma área de cerca de 400 Km², o que representa aproximadamente 0,02% da área total da Sicília. Topograficamente, trata-se de uma região com altitude variando entre 100m a 300m nas proximidades do litoral e entre 300m e 600 m na área interiorana. A área é banhada por cinco cursos de água, de norte para sul, o *Porcária*, o *Molinello*, o *Marcellino*, o *Cantera*, o *San Cusumano* e o *Anapo*, sendo que apenas o último mantém-se cheio durante todo o ano. O clima provavelmente se caracterizava por verões secos e quentes, com temperaturas entre 20° e 30°, e invernos frios e úmidos (variação de 4° a 10° centígrados) ⁷⁰.

-

⁶⁹ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003.

⁷⁰ DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003., p. 78.

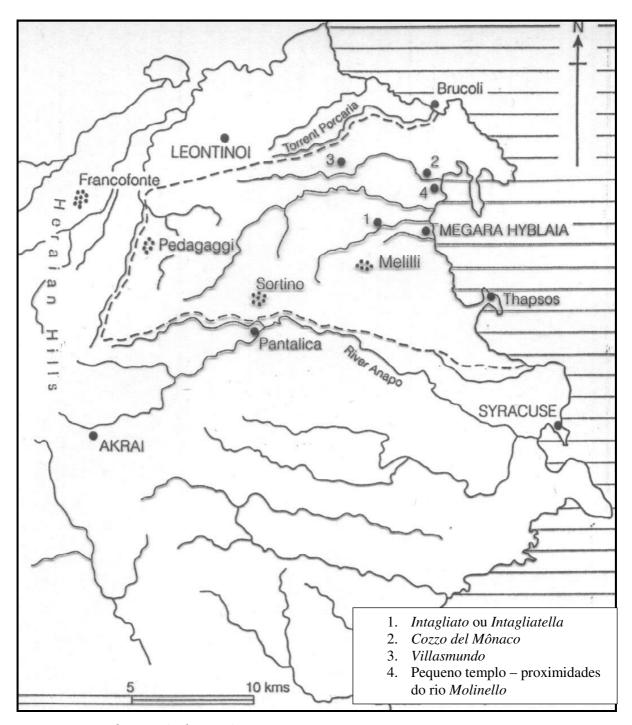


Figura 2: Provável território megarense.

Fonte do mapa e da legenda (modificada): DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2004, p.75.

A vegetação - e por consequência a fauna - provavelmente sofreu uma intensa transformação desde a antiguidade até os dias atuais, em decorrência da ação antrópica. Na antiguidade pode ter existido no território de Mégara *Hyblaea* uma boa quantidade de áreas de pastagens, o que atualmente é raro. Já o solo, derivado de rochas vulcânicas, parece ter sido bastante fértil. Calcula-se que, em média, 78% da área fosse agricultável, ou seja, cerca de 31,2 hectares dos 40 totais. Segundo parâmetros agrícolas, esta área fértil podia garantir a subsistência de 39 a 52 mil pessoas (3 a 4 he para cada grupo de 5 indivíduos)⁷¹.

Nas fontes literárias é possível encontrar algumas informações que trazem indícios sobre a conformação territorial de Mégara *Hyblaea*. Poliano⁷² menciona a existência, já no final do século VII a.C, de disputas territoriais entre os megarenses e Leontinos, cidade esta então sob o governo do tirano Panaitios. Tal informação parece indicar que Mégara, nesse período, já tinha em curso sua expansão territorial, entrando em choque com a cidade vizinha. Já Stephanos de Bizâncio⁷³, baseado possivelmente nos escritos de Philistos⁷⁴, aponta para a existência, no território megarense, de três centros principais de habitação, sendo que m deles, *Styella*, seria um local fortificado. As pesquisas atuais parecem indicar que *Styella* estaria localizada a uma distância de 10 a 11 Km a oeste, do núcleo central, localizado no setor nordeste do sítio (ver figura 2)⁷⁵.

A partir da análise dos recursos naturais, principalmente no tocante a extração de pedras, é possível averiguar os prováveis limites de exploração do território pelos megarenses. Sabemos, por exemplo, que a região explorada possuía boas reservas de rochas, utilizadas abundantemente nas construções de Mégara *Hyblaea*. Com exceção do Mármore, provavelmente vindo de Naxos ou Paros⁷⁶, a *polis* parecia apresentar auto-suficiência em reservas líticas. Cerca de 2 Km a oeste do setor intra-mural, num local denominado *Intagliato* ou *Intagliata* (ver número 1, na figura 2), foi encontrada uma reserva de pedras mais rústicas, adequadas a construções simples como casas e muros. No que concerne a rochas próprias a

-

⁷¹ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 82.

⁷² POLIANO, v. 47.

⁷³ DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 73

⁷⁴ Siracusano, ministro de Dioniso I durante o final do século V a.C.

⁷⁵ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 73-74.

⁷⁶ DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 83.

trabalhos mais elaborados, a fonte mais próxima parece ser *Melilli*, 4 Km a sudoeste da área urbana, havendo ainda outras reservas em locais como *Sortino*, cerca de 7 Km a sudoeste, e *Pedagogi*, 10 Km a oeste da área urbana (ver figura 2).

Embora, conforme foi apontado anteriormente, as pesquisas arqueológicas no território de Mégara *Hyblaea* ainda não tenham atingido proporções adequadas, alguns dados podem ser agregados a partir de trabalhos isolados. Foi constatada, numa região denominada *Cozzo del Monaco*, cerca de 4 Km a noroeste da área intra-mural (ver número 2, na figura 2) a reutilização de tumbas pré-históricas⁷⁷. Trata-se de enterramentos múltiplos, provavelmente da metade do século VI a.C, nos quais foram encontrados peças e fragmentos de cerâmica grega local e importada, além de algumas imitações.

Com exceção do setor urbano, existe uma considerável ausência de dados acerca dos espaços sagrados em Mégara *Hyblaea*. O único *témenos* reconhecido fora da área intra-mural é um pequeno templo (ver número 4, na figura 2), datado do século VI a.C, localizado próximo ao rio *Moninelo*, cerca de 2 Km a norte da área urbana de Mégara Hyblaea. Neste local, assim como é o caso das tumbas de *Cozzo del Mônaco* (número 2, figura 2), foram encontrados indícios da presença, nos arredores, e uma concentração de habitações, podendo indicar a existência de uma aldeia acessória⁷⁸.

No *Monte Carrubba*, cerca de 6 Km ao norte de *Sortino*, (ver figura 2) foi descoberto um assentamento nativo, no qual foi achada cerâmica grega, indicando contatos entre a população local e os gregos⁷⁹. O caso do *Monte Carrubba* parece não ter sido uma exceção: de acordo com a projeção realizada por De Angelis em relação ao território de Mégara *Hyblaea*, a área englobava um importante centro de cultura autóctone, a saber, a região de *Villasmundo* (ver número 3, figura 2). Além disso, Pentálica⁸⁰ (ver figura 2), importante centro da Sicília pré-grega, localizava-se próximo ao território megarense.

⁷⁸ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 76.

_

⁷⁷ DE ANGELIS, Franco. **Mégara Hyblaea and Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 76

O caso do Monte Carrubba foi descoberto por Adamesteanu. Todavia não foi dada continuidade às pesquisas no local. DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 77

Pentalica foi um dos mais importantes centros culturais e políticos da Sicília pré-grega. Ross Holloway, na obra "The Archaeology of Ancient Sicily", aborda estes centros populacionais siciliotas a partir da documentação arqueológica. Ver: HOLLOWAY, Ross. The Archaeology of Ancient Sicily. Routledge, London, 1991.

Por volta da metade do século VII a.C pode ser verificado o abandono de vários sítios nativos na Sicília, inclusive Pentálica e *Vilasmundo*. Paralelamente ocorria um crescimento das colônias gregas⁸¹. Esta informação nos faz imaginar duas hipóteses: pode tratar-se de um processo migratório dos nativos em direção ao interior, pressionados pela expansão das cidades gregas; por outro lado, pode indicar uma incorporação da população nativa nas *poleis* coloniais.

É possível que tenha ocorrido os dois processos e, no caso de Mégara *Hyblaea*, provavelmente a segunda hipótese tenha ocorrido com certa intensidade, conforme indicam os dados referentes ao *Monte Carrubba* e algumas informações sobre enterramentos típicos de nativos no território megarense⁸². Tais dados parecem indicar uma significativa presença indígena no território de Mégara *Hyblaea*. Infelizmente, os estudos nos locais não foram retomados, dificultando a formulação de hipóteses sobre o tipo de relação greco-indígena desenvolvida nestas áreas.

A análise do território das *poleis* vizinhas de Mégara *Hyblaea*, Siracusa e Leontinos, pode fornecer informações importantes para a definição dos limites do território da cidade. Sabemos que a expansão siracusana ocorreu ao longo do rio *Anapo*, antigo rio *Anapos*, o qual pode ter sido uma referência para a fronteira das duas *poleis*. Já com relação à Leontinos os limites naturais mais prováveis parecem ser, ao norte, a torrente *Porcaria* e, a oeste, a torrente *Margi* e o rio *Lentini* (ver figura 2).

O processo de apropriação do território de Mégara *Hyblaea*, de acordo com Franco De Angelis, parece ter ocorrido em três fases principais. Numa primeira etapa, durante o século VIII a.C., a atuação dos colonos esteve provavelmente focada no núcleo central de habitação⁸³. Os vestígios arqueológicos do período estão localizados no setor nordeste do sítio, não havendo indício de ocupação em outras áreas. A utilização dos recursos naturais parece ter se restringido a áreas próximas. É possível que boa parte das pedras utilizadas para a construção das primeiras moradias e muros tivessem sido retiradas da própria área intra-

⁸¹ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 54.

⁸² DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 54.

⁸³ Por "núcleo central de habitação" entendemos o setor noroeste do sítio, local onde parece ter ocorrido a maior concentração urbana de Mégara *Hyblaea*.

mural ou da região de *Intagliato*, localizada cerca de 2 Km a oeste do sítio (ver figura 2, número 1)⁸⁴. Nestas áreas encontram-se disponíveis pedras de caráter mais rústico, o que se coaduna com a simplicidade das residências demonstrada pelos vestígios arqueológicos referentes ao século VIII a.C.

No que se refere à primeira etapa de ocupação, foram descobertas apenas cinco tumbas dispersas onde, séculos depois, seria a necrópole meridional, localizada imediatamente ao sul da área intra-mural⁸⁵. É possível, portanto, que os enterramentos de Mégara *Hyblaea*, referentes ao século VIII a.C, tenham sido realizados nas proximidades do assentamento, ainda sem a organização de uma necrópole comunitária.

Também não existem indícios de contatos e trocas culturais com populações nativas tampouco de disputas territoriais com as *poleis* vizinhas, talvez devido a pequena extensão da área ocupada. No que se refere ao século VIII a.C, não existem indícios de outros assentamentos, alem do principal (futura área intra-mural), no setor noroeste.

Por outro lado, se analisarmos a dimensão dos lotes iniciais (50 a 60 m²), estabelecidos logo de início no assentamento principal, notamos que eles são muito pequenos, portanto insuficientes para o desenvolvimento das atividades agrícolas de subsistência. Seria, portanto, necessária a utilização de terrenos nos arredores. A ausência de vestígios das atividades agrícolas nas áreas em torno do assentamento pode ser explicada pelo fato delas terem sido encobertas por construções de períodos posteriores ou simplesmente pela ausência de atividades arqueológicas sistemáticas para além do setor nordeste.

Mediante os dados apresentados acima, é possível concluir que, durante o final do século VIII a.C, os colonos se concentraram no setor nordeste do sítio, iniciando apenas um tímido processo de expansão, restrito a poucos quilômetros a partir área principal de habitação. Os dados referentes ao bairro da *agorá*, localizado no centro do assentamento (ver figura 3), indicam que os colonos encontravam-se nas etapas preliminares da conformação urbanística da cidade. Retomaremos estes dados mais adiante, quando nossa analise estará centrada especificamente no bairro da *agorá*.

85 DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology. 2003, p. 51.

⁸⁴ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* **and Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology. 2003. p. 75.

As fontes literárias não fornecem grandes contribuições para o melhor entendimento da *polis* nesse primeiro período de ocupação. Autores como Tucídides e Estrabão abordam alguns dentre os principais eventos relacionados à fundação; todavia, não fornecem outros dados sobre o século VIII a.C ⁸⁶.

No século VII a.C Mégara *Hyblaea* vivenciou um amplo processo de urbanização. Tal mudança é visível principalmente nas transformações ocorridas na área intra-mural, mais especificamente no bairro da *agorá*, o setor melhor conhecido arqueologicamente. Neste momento parece ter ocorrido um significativo adensamento populacional, o qual pode ser verificado devido à construção de várias novas moradias, e à ampliação de outras mais. De acordo com uma projeção feita por De Angelis a população da área intra-mural de Mégara parece ter aumentado, no decorrer do século, de cerca de 675 pessoas para 2075 pessoas⁸⁷. Também nessa etapa ocorreu a construção da maior parte das edificações de caráter cívico e religioso, localizadas, em sua maioria, nos arredores da *agorá*.

Paralelamente, ocorrerem também significativas transformações no território. Nos setores extra-urbanos os megarenses vivenciavam sua fase de maior expansão. Tal expansão pode ser verificada a partir da constatação do uso de reservas minerais mais distantes do núcleo central de habitação: *Melilli*, 4 Km a sudoeste, *Sortino*, cerca de 7 Km a sudoeste, e *Pedagogi*, 10 Km a oeste (ver figura 2). Em tais reservas é encontrado um tipo de rocha mais adequado a edifícios mais elaborados. Tal informação coaduna-se com o que foi afirmado anteriormente, que os primeiros templos e edifícios públicos da *polis* em questão foram construídos justamente nesse período.

Neste período parece ter ocorrido a ocupação de uma maior área em torno do núcleo central e provavelmente a *chora* megarense se organizou neste momento. De acordo com De Angelis, "é legítimo pensar que a conformação básica do território ocorreu no início do século VII"88.

Nesta época também foram intensificados os contatos com os povos nativos. Tal informação pode ser constatada a partir da identificação de material grego em sítios indígenas

_

⁸⁶ Para informações nas fontes literárias sobre a fundação de Mégara *Hyblaea*, ver: TUCÍDIDES, VI, 3-5; ESTRABÃO, VI, 2,2.

⁸⁷ De Angelis elaborou uma tabela contendo a estimativa populacional de Mégara *Hyblaea*. Para maiores informações ver: DE ANGELIS, Franco. Mégara *Hyblaea* and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003, p. 44.

⁸⁸ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003. p. 79.

nas proximidades de Mégara *Hyblaea*, por exemplo, o caso já citado do *Monte Carrubba* (ver figura 2)⁸⁹. Além disso, a imigração de nativos pode ser verificada a partir das práticas funerárias: foram encontrados, próximo ao núcleo habitacional megarense, enterramentos onde foram utilizadas práticas pouco comuns aos gregos como a decapitação⁹⁰. A decapitação é uma prática freqüente entre as populações nativas da Sicília, seja com o posterior enterramento da cabeça ou com a cremação da mesma. Infelizmente, não é possível afirmar se corresponde enterramento de indígenas ou de gregos. Caso seja comprovada essa segunda hipótese, temos um dado bastante revelador no que diz respeito a influencia cultural indígena nas colônias gregas da Sicília. Certamente é um tema a ser mais bem pesquisado, podendo promover mudanças no atual estágio do conhecimento sobre as colônias siciliotas.

Durante a ultima etapa da ocupação (entre fins do século VI a.C e início do século V a.C) os contatos greco-indígenas seriam intensificados, com o surgimento de vilas onde provavelmente coexistiram ambas as populações. A evidente expansão megarense ocorrida nesta fase também acabaria por esbarrar nos interesses de *poleis* vizinhas como Siracusa e Leontinos, sendo que com a ultima os Mégara parece ter vivenciado um conflito por razões territoriais⁹¹, conforme é atestado nos escritos de Poliano⁹².

Esta informação nos indica que a delimitação territorial era um dos principais problemas enfrentados pelas *poleis* gregas, não apenas as metropolitanas, mas também as colônias. Tal necessidade (possessão e controle do território), num contexto onde a disputa por terras férteis era condição *sine qua non* para a sobrevivência, impunha-se como determinante nas decisões cívicas da *polis*.

Estariam as relações, aparentemente próximas, em Mégara *Hyblaea*, entre os gregos e os autóctones, relacionadas a esta necessidade de apropriação territorial? Ao que parece, boa parte das fundações gregas na Sicília ocuparam o território mediante disputas com a população local, havendo até mesmo casos de violência e posterior escravização, como

⁸⁹ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003, p. 77.

⁹⁰ DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 54.

⁹¹ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, p. 427.

⁹² POLIANO, V, 47.

demonstra o exemplo de Siracusa⁹³. Todavia, outras estratégias de domínio do território podem ter sido utilizadas, entre elas, a incorporação populacional e a posterior formação de comunidades mistas.

É interessante lembrar que Mégara teve origem, de acordo com fontes textuais, a partir de um evento curioso: o território teria sido doado por um suposto rei local chamado $Hyblon^{94}$. Esta informação, mesmo que se trate de uma lenda, fornece mais um dado em favor de uma estreita relação entre gregos indígenas no local. Tal proximidade pode ter se refletido na constituição não apenas étnica como também cultural da população megarense.

Durante a terceira fase de ocupação também ocorreu a plena organização das necrópoles, localizadas imediatamente no setor externo da área intra-mural, sendo as principais a necrópole sul, as necrópoles oeste e a necrópole norte (ver figura 3). Ao contrário do que se trata dos períodos anteriores, principalmente no que se refere à primeira fase de ocupação (final do século VIII a.C e início do século VII a.C), neste momento já é possível identificar uma diferenciação social mais visível nas necrópoles, a qual já havia se iniciado no decorrer do século VII a.C ⁹⁵

No bairro da *agorá*, como será analisado mais detalhadamente adiante, alguns novos edifícios públicos, templos e moradias foram construídos, principalmente entre o 550 e 525 a.C⁹⁶. Todavia, as novas construções foram em pequeno número se compararmos ao período anterior (século VII a.C). Por outro lado, houve um intenso aprimoramento das construções já existentes e de algumas residências. De acordo com De Angelis, o século VI "*parece ter sido um período de transformação social em Mégara Hyblaea*"⁹⁷.

As disputas territoriais, conforme foi apontado anteriormente, parecem ter se intensificado ainda mais nesta etapa, principalmente com as cidades próximas (Siracusa e Leontinos). Ao final dessa fase Mégara entra em um grave conflito com os siracusianos, sendo, por fim, destruída por Siracusa, que na época era governada por Gelon. Este conflito

⁹⁵ DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003, p. 63.

⁹³ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 427

⁹⁴ TUCÍDIDES, VI, 3-5.

⁹⁶ O pritaneion, edifício público, foi construído neste período, além de dois edifícios de caráter sagrado (edifício k e templo A). DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 65.

⁹⁷ DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003, p. 65.

aparece em várias fontes textuais: é citado por Tucídides, Heródoto e Poliano⁹⁸. Em ambos os autores, encontramos a afirmação de que a população teria sido remanejada para Siracusa e, acordo com Heródoto, os mais pobres, o *demos*, teria sido escravizados. Dentre os indícios arqueológicos que comprovam a existência destes conflitos está a construção da muralha em torno da *asty*, realizada no século VI a.C.

-

⁹⁸ TUCÍDIDES, V, 4.2; HERÓDOTO, VII, 156 1-2; POLIANO, I, 27.3.

3.2.2. O principal núcleo de habitação: o setor noroeste do sítio.

Na figura 3 temos o setor norte-oriental do sítio, no qual se encontra o bairro da *agorá*, escavado principalmente nas décadas de 50 e 60. Estes trabalhos revelaram a existência de uma zona de habitação planejada, formando um traçado urbanístico bastante regular. O resultado das pesquisas revelou o caráter inovador desta fundação (a trama de ruas de Mégara *Hyblaea* remonta ao século VIII a.C), razão pela qual o sítio tem sido alvo de interesses de vários estudiosos da polis e do urbanismo grego⁹⁹.

De acordo com os trabalhos arqueológicos, a área em torno da *agorá* parece ter sido realmente o setor mais densamente povoado do sítio. Todavia, o caráter definitivo deste dado pode vir a ser questionado, já que as demais áreas do platô norte e todo o platô sul ainda não foram bem averiguados arqueologicamente. Pesquisas mais recentes sugerem que estas áreas também faziam parte do complexo urbano megarense, tendo seu povoamento adensado a partir do final do século VII a.C. Assim sendo, podemos supor que o núcleo habitacional principal de Mégara ocupava toda área que no século VI a.C fora amuralhada.

_

Além das obras da Escola Francesa de Roma, publicadas na década de 70 por François Villard, Georges Vallet e Paul Auberson. (VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976). .Mégara Hyblaea também foi foco de interesse de outros estudioso do urbanismo grego, entre os quais Ward-Perkins (WARD-PERKINS, J.B. Cities of ancient greece and Italy. Sdgwick and Jackson, London, 1974). Na década de 80, também pela tutela da Escola Francesa de Roma, foi a vez de Henri Tresine, Henri Broise e Michel Gras realizarem estudos sobre a cidade. (TRÈSINY, Henri. Les ilôts dans Mégara Hyblaea. In La Colonisation Grecque en Mediterranée Occidentale. (Coll. École Française de Rome), 251, 1999). .Na mesma época, François de Polignac publicou a obra La naissance de la cité greque (POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984) Mais recentemente foi a vez de Franco De Angelis realizar um estudo sobre Mégara Hyblaea (DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology).

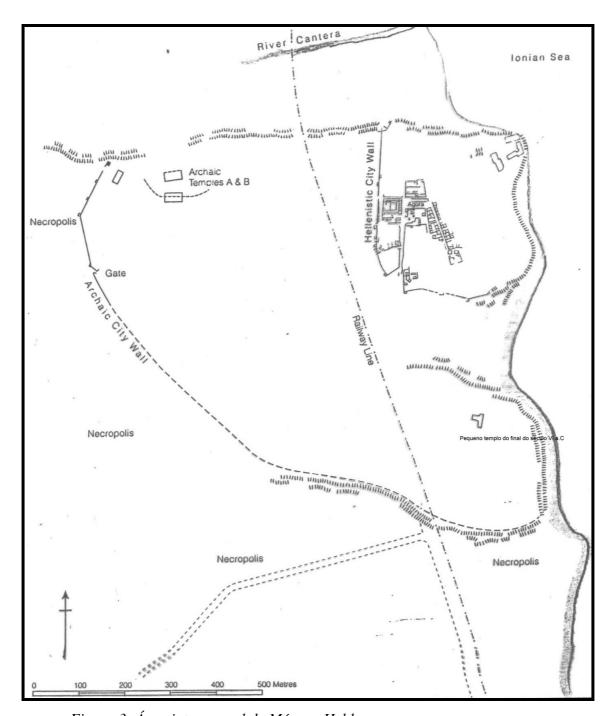


Figura 3: Área intra-mural de Mégara Hyblaea.

Modificado de: DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003.

Devemos considerar, entretanto, que o setor noroeste do sítio provavelmente não foi o único núcleo populacional importante de Mégara *Hyblaea*. O caso mais expressivo é o da vila de *Styella*, provavelmente localizada a 11 Km do núcleo principal, a qual, segundo De Angelis, também pode ter sido amuralhada¹⁰⁰. Já foi mencionado também o caso do *Monte Carroubba*, localizado 6Km ao norte de *Sortino* (ver figura 2) . É possível que, além destes, tenham existido outros núcleos populacionais no território megarense.

No setor ocidental do platô norte há uma quantidade razoável de santuários, incluindo aquele que possivelmente foi o mais suntuoso templo da cidade durante o período arcaico¹⁰¹. Denominado por Villard, Vallet e Auberson como "templo A"¹⁰², está localizado a cerca de 450 m do bairro da *agorá*. Em suas proximidades havia um outro santuário ("Casa Vinci" ¹⁰³), datado do século VI a.C e, mais ao norte, há resquícios de um enterramento de objetos de caráter votivo, datado do final do VIII a.C (ver figura 3).

Imediatamente após estes santuários temos os vestígios da muralha da cidade, a oeste da qual foi escavada, ainda no XIX, por Paulo Orsi, uma necrópole, que foi denominada Necrópole Ocidental. O assentamento de Mégara *Hyblaea* contava ainda com outras áreas de enterramentos, distribuídas, de norte a sul, ao longo da muralha, como indica a figura 3. Estas necrópoles, conforme já afirmamos, foram estruturadas a partir do século VII a.C, encontrando-se plenamente organizadas no século VI a.C (ver, na figura 3, a indicação das necrópoles em torno da área intra-mural).

Atualmente a Escola Francesa de Roma tem realizado escavações no platô sul. Todavia, os resultados finais ainda não foram publicados, havendo apenas algumas informações esparsas. De acordo com estes dados existe a possibilidade da existência de um terceiro setor de ruas também com direção norte-sul. Nesta área têm sido escavadas residências do final do VIII a.C. Os resultados destes trabalhos, todavia, ainda são parciais.

DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2004, p. 73.

Mégara Hyblaea teve dois principais períodos de ocupação: um durante o período arcaico (século VIII ao VI), foco deste estudo e outro durante o período helenístico. O templo em questão, de acordo com o atual estágio das escavações, parece ter sido o mais suntuoso da fase arcaica de ocupação.

Para a momeação dos templos e outras estruturas arquitetônicas, seguimos a nomenclatura apresentada por Georges Vallet, François Villard e Paul Auberson, na obra "Le quartier de l'ágora archaïque". VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976

¹⁰³A denominação "Casa Vinci" é uma referência ao sobrenome do proprietário das terras no local, durante o período em que as escavações foram realizadas.

Na mesma área foram achados, nas proximidades do litoral, vestígios de um complexo sagrado, contendo um pequeno templo do final do VI a.C (ver figura 3). As atividades religiosas neste santuário (vestígios de enterramentos votivos e de altares), entretanto, estão entre as mais antigas do sítio, remontando a fase inicial de ocupação (final do século VIII a.C). É interessante notar a presença de santuários delimitando o setor principal de habitação (setor nordeste) desde o século VIII a.C, antes do momento em que o território encontrava-se estabelecido e organizado.

3. 3. O desenvolvimento urbanístico do bairro da agorá.

3.3.1. Entre fins do século VIII a.C e início do século VII a.C.

Como mostra a planta relativa ao início do século VII a.C (ver figura 4), já é possível verificar, no bairro da *agorá*, a existência de um traçado urbano regular desde a primeira geração de colonos. Este traçado se apresenta dividido em dois eixos de orientação, um a oeste e outro a leste da *agorá*, dispostos, grosso modo, no sentido norte-sul, sendo divergentes em um ângulo de aproximadamente 21°. Embora conflitantes, estes setores parecem ter tido elaboração praticamente contemporânea, aparecendo simultaneamente construções em ambas as direções¹⁰⁴.

A existência desta discrepância entre estes dois eixos de orientação do traçado urbano megarense, já foi considerado como uma conseqüência da organização social da metrópole 105. Mégara *Nisaia*, no início do séc. VIII a.C, era formada por várias aldeias inicialmente independentes. Plutarco menciona cinco aldeias: *Megara, Heraia, Peraia, Kynosoura e Tripodiskos* 106. Em meados do século VIII a.C estas aldeias passaram por um processo de *sinoecismo*. A Unificação, com a emergência da *polis* coincidia também com o fim da monarquia no local 107. Na mesma época também são atestadas rivalidades com Corinto, principalmente no que se refere à disputa pela península de *Perachora* 108. De acordo com De Angelis, há de se considerar a experiência dos colonos antes da fundação em sua cidade de origem no processo de organização espacial e social da colônia 109. É provável que a descentralização, característica marcante de Mégara *Hyblaea* no século VIII a.C, tenha sido, em parte, conseqüência desse processo.

_

Lembramos novamente que as pesquisas arqueológicas que têm sido efetuadas no platô sul levantam a possibilidade da existência de um terceiro setor de ruas também com direção norte-sul.

¹⁰⁵ SVEMBRO, J. "A Mégara *Hyblaea*: le corps géomètre". **Analles ESC** 37, 1982, p. 953-964.

¹⁰⁶ PLUTARCO, **Questões gregas**, 17.

DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003, p. 47.

¹⁰⁸ PLUTARCO, **Questões gregas**, 17.

DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003, p. 47.

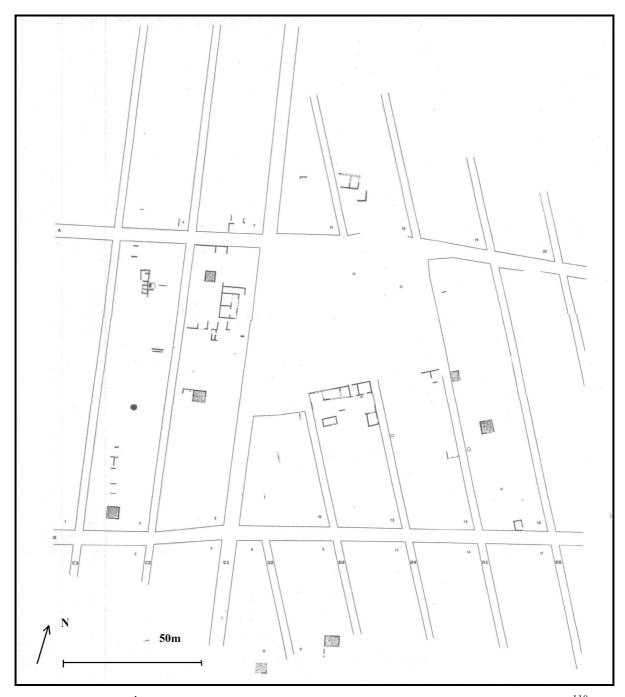


Figura 4: Área urbana central de Mégara Hyblaea no início do século VII a.C. 110

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976.

 $\overline{\ \ }^{110}$ Os locais em destaque nessa planta indicam as possíveis residências do período.

As construções desta fase inicial se encontram em torno da *ágora* de forma relativamente dispersa. As residências escavadas deste período estão localizadas em apenas cinco quarteirões. As moradias formam um conjunto bastante homogêneo e de dimensões restritas: as casas continham um único compartimento quadrado com cerca de 4,5m de lado, com uma média de 15 a 20 m². Os quarteirões delimitados pelo traçado de ruas também possuíam dimensões homogêneas e acredita-se que estes estivessem divididos, cada um, em apenas quatro lotes relativamente iguais. No século VIII a.C, em oposição ao que ocorreria a partir da segunda metade do VII a.C, não é possível verificar indícios de diferenciação social em Mégara *Hyblaea*.

Por outro lado, nota-se que as pequenas dimensões das residências se contrapunham claramente às grandes dimensões dos lotes. Este espaço vazio pode ter sido aproveitado para algumas atividades agrícolas de subsistência ou mesmo para a criação de animais. Todavia, tais atividades devem ter tido um caráter secundário, já que as dimensões dos lotes (50 a 60 m2) - embora amplas em comparação às residências - não parecem ter sido suficientes para a subsistência da colônia. Como já foi afirmado anteriormente, o tamanho dos lotes é um indício de que houve ocupação de terrenos nos arredores do assentamento principal com pretensões agrícolas.

É possível ainda levantar ainda uma outra hipótese quanto à problemática acima: a de que as áreas vazias fossem destinadas a possíveis futuros colonos. Todavia, independente de uma ou outra hipótese, o quadro apresentado pelos dados arqueológicos do fim do VIII a.C e início do VII a.C mostra uma Mégara *Hyblaea* com ocupação dispersa, ocupada por um número pequeno de famílias. De acordo com a projeção de De Angelis, a expedição original deveria ter contado com não menos que 56 pessoas e não mais que 225¹¹¹ Os lotes provavelmente eram ocupados não apenas para habitação, mas também para atividades agropecuárias. Isso nos permite apontar o séc. VIII a.C como uma etapa em que a cidade apresentava uma conformação semi-urbana.

Não há nenhuma estrutura arquitetônica, datada deste período, sobre a área da *agorá*; as primeiras construções só seriam erguidas a partir da segunda metade do século VII a.C. O fato do local ter permanecido vazio, sem estruturas duráveis, por quase um século, pode indicar que a área estava reservada desde o início para uso comunitário. É até mesmo possível

DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003, p. 50.

que, mesmo antes das edificações, o local já fosse utilizado como um tipo de *agorá* primitiva¹¹².

Mesmo considerando outras áreas além do bairro da *agorá*, não há, neste primeiro período de ocupação, nenhum edifício monumental de caráter público ou sagrado (ver figura 4). Há apenas quatro casos de vestígios de atividades cultuais, na área intra-mural, datados do final do VIII a.C e início do VII a.C: duas pequenas construções circulares (possivelmente bases de altares) localizadas no segundo quarteirão a oeste da *agorá* (ver figura 3)¹¹³; um depósito votivo no setor norte do sítio intra-mural, e um santuário no platô sul (ver figura 3).

É provável que estes locais de culto, devido a suas dimensões, tenham sido utilizados por um pequeno grupo de pessoas, não sendo de uso comunitário como as construções que seriam erguidas mais de meio século depois. Seriam altares de uso familiar? Ou, considerando a hipótese de que a organização social de Mégara *Nisaia* tenha prevalecido nas primeiras décadas, seriam estruturas utilizadas por uma comunidade específica? De qualquer forma, não é possível verificar, no século VIII algum traço nítido de atividade religiosa comunitária.

A planta do início do VII a.C mostra que a maior parte das moradias (assim como os muros) encontra-se em adequação ao traçado de ruas da cidade. Acredita-se, portanto, que o espaço foi dividido e planejado logo de início em seus aspectos mais gerais. Apenas quatro casos de construções contrapõem-se a esta tendência, já que não são compatíveis ao traçado de ruas: duas estruturas, de função ainda desconhecida, localizadas em um lote a norte da *agorá*, e duas moradias localizadas a 100 e 110m ao sul do limite da *agora* (ver figura 4).

Alguns autores (por exemplo, E. J. Owens¹¹⁴) acreditam na hipótese de que o traçado oeste foi antecedido pelo leste, devido a uma suposta melhor adequação deste em relação à *agorá*. Todavia, tal hipótese não nos parece pertinente, visto que, a *agorá* parece se alinhar com ambas as orientações. Na verdade seus limites parecem ser uma conseqüência da existência destes dois eixos urbanos. Além disso, há estruturas que se encontram no setor leste e seguem o traçado o oeste, o que pode ser um indicativo da anterioridade do setor ocidental. Esta última hipótese, por sua vez, esbarra no fato de ter havido construções ainda

¹¹² É importante lembrar que, de um modo geral, a princípio, nas cidades gregas arcaicas, a *ágora* grega não apresentava estruturas duráveis

il dispersant destruction de la control de l

¹¹⁴ OWENS, E.J. **The city in the Greek and Roman world**.Cap. 3, London, Routledge, 1992.

no VIII a.C (portanto, entre as mais antigas) que já seguiam a orientação urbanística do traçado oriental. Apenas podemos concluir, portanto que, até o momento, não há dados suficientes para afirmar a primazia temporal de um traçado sobre outro.

Como afirma François Villard¹¹⁵, deve ser ressaltado que o *oikistes*, embora fosse encarregado da divisão dos lotes, não era um especialista em urbanismo. Além disso, o suposto falecimento do *oikistes* de Mégara antes do sítio ser ocupado pode ter dificultado a elaboração de um traçado homogêneo, com um único eixo de orientação. É importante ainda ressaltar, como já foi discutido anteriormente, que a metrópole, Mégara *Nisaia*, ainda estava passando pelo processo de *sinoecismo*; os diferentes grupos (tribos) ainda estavam se articulando em torno de um poder central. É possível, portanto, que com a ausência do *oikistes*, tenham se sobressaído algumas divergências, decorrentes de tal processo, em Mégara *Hyblaea*.

O professor Villard aponta ainda para outra possibilidade do urbanismo megarense, a do traçado urbano desta colônia refletir os elementos estéticos da arte geométrica do Peloponeso. Se bem observada, a trama urbanística tem semelhanças com os motivos decorativos de alguns vasos fabricados no período. Entre eles está um vaso encontrado na península de Tapsos (onde os megarenses permaneceram antes da ocupação final), decorado com várias retas paralelas cortadas por algumas linhas transversais 116.

VILLARD, F. Le cas de Mégara *Hyblaea* est-il exemplaire? *In* La Colonisation Grecque en Mediterranée Occidentale. (Coll. École Française de Rome), 251, 1999, p. 133-140.

VILLARD, F. Le cas de Mégara *Hyblaea* est-il exemplaire? *In* La Colonisation Grecque en Mediterranée Occidentale. (Coll. École Française de Rome), 251, 1999, p. 133-140.

3.3.2. Entre fins do século VII a.C e início do século VI a.C.

A partir da segunda metade do século VII a.C, Mégara *Hyblaea* vivenciou uma fase de grande crescimento populacional, o que se materializou na construção de inúmeras novas moradias. O aumento demográfico também pode ser comprovado pela subdivisão dos lotes iniciais, tal qual mostram os estudos de Henri Trèsiny¹¹⁷, havendo um intenso adensamento da área ocupada.

A partir de seus estudos, Trèziny concluiu que houvesse originalmente quatro lotes por quarteirão, os quais seriam posteriormente (a partir da segunda metade do VII) subdivididos. Foi cogitada a possibilidade de que alguns lotes tivessem sido reservados desde a divisão original para eventuais novos colonos. Todavia, parece mais provável que o crescimento da população (interno ou por migrações originárias da Hélade ou de grupos nativos da Sicília) tivesse tornado necessária a repartição dos lotes, e que, inicialmente, o excedente nos lotes fosse utilizado para agricultura de subsistência¹¹⁸.

Neste período inúmeras novas residências foram construídas e as mais antigas (datadas de fins do VIII a.C e início do VII a.C) foram amplidas. Ao compartimento original foi acoplado mais um ou mesmo dois cômodos, sendo que, em alguns casos, foi incluído um pórtico frontal. Também ocorre neste período um enriquecimento dos depósitos votivos e dos achados de modo geral, com o aparecimento de grande quantidade de cerâmica importada e outros objetos valiosos (em materiais como metal ou marfim).

TRÈSINY, Henri. Les ilôts dans Mégara Hyblaea. In La Colonisation Grecque en Mediterranée Occidentale. (Coll. École Française de Rome), 251, 1999, p. 141-183.

TRÈSINY, Henri. Les ilôts dans Mégara Hyblaea. In La Colonisation Grecque en Mediterranée Occidentale. (Coll. École Française de Rome), 251, 1999, p. 141-183.



Figura 5: Área urbana central de Mégara Hyblaea no início do século VI a.C.

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976.

Tais informações parecem indicar, por um lado, um desenvolvimento econômico na cidade, e, por outro lado, uma maior diferenciação social. A homogeneidade existente entre as moradias do final do século VIII a.C deixa claramente de existir neste período.

No terceiro quartel do século VII a.C teve início ainda a construção dos primeiros edifícios monumentais de caráter sagrado da área: o *Heroon* (datado de cerca de 630 a.C.) construído no cruzamento entre as ruas A e C1; o templo oeste (cerca de 600 a. C), ao longo da rua C2; os dois templos, localizados sobre a *agorá* (templo sul e templo sul com colunada central, respectivamente do terceiro e do último quartel do século VII a.C); o pequeno templo norte (terceiro quartel do VII a.C), e o templo sudeste (também do terceiro quartel do VII a.C). Entre as edificações datadas desta fase ainda está incluído: um edifício de caráter administrativo (denominado edifício i), que ocupava um quarteirão trapezoidal a sudoeste da *agorá*, e as duas *stoai* a norte e a oeste (ver figuras 5 e 7).

Também nesta fase ocorreu a sistematização das três áreas de necrópole de Mégara *Hyblaea*, localizadas a sul, a norte e a oeste da *asty* (ver imagem 3). No que se refere à fase anterior, foram escavados predominantemente enterramentos dispersos. Em suma, podemos destacar as seguintes características do espaço dos mortos de Mégara *Hyblaea*: a primeira necrópole sistematizada foi a meridional sendo que as demais foram organizadas logo em seguida; não há grandes discrepâncias materiais entre as três necrópoles, ou seja, não parecem ter existido áreas de enterramento específicas para os mais ricos ou os mais pobres; quanto ao tipo de ritual funerário, verificou-se a coexistência da cremação e da inumação, sendo que novamente não é possível fazer uma distinção dos métodos a partir das categorias sociais.

Foi também nesta etapa do desenvolvimento de Mégara *Hyblaea* que um grupo partiu da cidade a fim de estabelecer uma nova colônia na costa oeste da Sicília, Selinunte. O episódio de fundação de Selinunte, se analisado conjuntamente com a visível intensificação urbanística ocorrida no assentamento de Mégara *Hyblaea* fortalece a hipótese de que a cidade passou por um significativo desenvolvimento urbanístico e econômico no período.

De acordo com Franco De Angelis, a fundação de Selinunte comprova que Mégara Hyblaea passava por um período de prosperidade econômica e de desenvolvimento do ideal cívico¹¹⁹. No século VII a.C, eram frequentes as disputas entre Mégara e as *poleis* vizinhas, Leontinos e Siracusa. Conquistar territórios era uma forma de demonstrar poder, vitalidade através de um "processo de aquisição"¹²⁰.

É importante ressaltar que o estabelecimento da subcolônia provavelmente não teve como causa a existência de um excedente populacional. De acordo com De Angelis¹²¹, o território da cidade, com cerca de 400 Km² de terras, a maioria férteis, oferecia plenas condições de sobrevivência para a população, mesmo com o significativo crescimento demográfico do período. Nesse sentido, a colonização de Selinonte não parece ter sido conseqüência de uma superpopulação, mas sim de um período de esplendor cívico.

_

¹¹⁹ DE ANGELIS, Franco. *Foundation of Selinous: overpopulation or opportunities? In* **The Archaeology of Greek Colonisation.** Oxford University School of Archaeology, 1994, p. 104.

DE ANGELIS, Franco. Foundation of Selinous: overpopulation or opportunities? In **The Archaeology of Greek Colonisation.** Oxford University School of Archaeology, 1994, p. 105.

DE ANGELIS, Franco. Foundation of Selinous: overpopulation or opportunities? In **The Archaeology of Greek Colonisation.** Oxford University School of Archaeology, 1994, p. 102.

3.3. Entre fins do século VI a.C e início do século V a.C.

A terceira e última fase da ocupação arcaica no bairro da *agorá*, segundo indicam os trabalhos arqueológicos, caracterizou-se pela continuidade em ralação à anterior. As tendências urbanísticas do período precedente foram mantidas, com a construção de algumas novas residências e de edifícios de caráter político e religioso. Conforme já afirmamos anteriormente, para o bairro da *agorá*, o período se caracterizou mais pela ampliação e pelo aprimoramento do que pela edificação de estruturas.

No quarteirão imediatamente a oeste da *agorá* foram erguidos, neste período, dois prédios de possível função político-administrativa: o *hestiatórion* ou pritaneu (edifício b), datado da segunda metade do século VI a.C e um outro edifício de provável caráter cívico (edifício a), denominado "edifício ad ali" (edifício em L), construído no final do VI a.C, cuja função, no entanto, ainda não pôde ser determinada. Na mesma época ocorreu ainda a construções da última das edificações de caráter sagrado do bairro da *agorá*, o edifício k, cuja função (como um templo, ou como um ou outro tipo de edifício cultual) ainda tem sido alvo de discussão dos estudiosos. Retomaremos as considerações sobre o edifício k mais adiante.

No que concerne às residências é notável neste período um intenso aprimoramento. Algumas residências foram consideravelmente ampliadas. Tal informação pode ser um indício de um processo de diferenciação social mais evidente no final século VI a.C. Este tipo de transformação também se evidencia nas necrópoles (ver figura 3), onde algumas tumbas deste período aparecem bem mais suntuosas que as demais¹²².

DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003, p. 63.

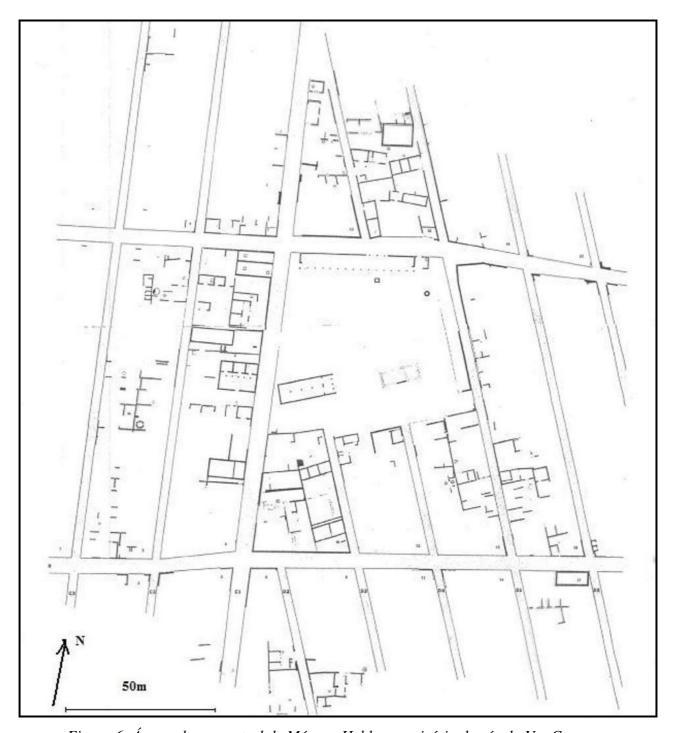


Figura 6: Área urbana central de Mégara Hyblaea no início do século V a.C.

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976.

Ao lado das duas edificações administrativas acima citadas, a mais importante realização arquitetônica desta fase foi a construção de uma muralha (ver figura 3), que provavelmente envolvia todo o perímetro norte-oeste-sudoeste megarense, delineando a área com um formato aproximado de ¼ de círculo. O lado norte, relativamente retilíneo, tinha cerca de 965 m de comprimento e foi construído sobre a área escarpada. Já o lado curvo media por volta de 1500m. É interessante notar que a construção da muralha, no final do século VI a.C, antecedeu em poucas décadas o episódio de destruição de Mégara *Hyblaea* pelos siracusanos (483 a.C.), dado que pode evidenciar que nesta época havia uma maior necessidade de preocupação com a defesa do território.

3. 4. Análise das plantas dos edifícios religiosos do bairro da agorá.



VII. Figura 7: Localização dos edifícios religiosos do bairro da agorá.

Fonte: modificado de: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976

3.4.1. Templo oeste (edifício c).

Estando localizado no quarteirão imediatamente a oeste da *agorá* de Mégara *Hyblaea* (lote 6), o templo oeste (número 1 no mapa da figura 7) foi construído por volta de 600 a.C. Tal datação foi possível, pois, em meio aos fragmentos da fundação, foram recolhidos cacos cerâmicos de todo o século VII a.C de origem local e estrangeira (por exemplo, um fragmento de vaso Jônico do tipo B1). A edificação foi realizada sobre duas construções da segunda metade do século VII a.C, uma casa e um edifício regular de função indefinida.

Edifício retangular sem divisão interna, com 15 m de comprimento e 6 m de largura, o templo oeste não respeita a divisão mediana do quarteirão no qual está localizado, sendo que a área entre ele e a *agorá* (para a qual ele se volta) parece fazer parte de um complexo religioso, na qual há vestígios de atividades cultuais datadas desde fins do século VIII a.C ao início do século VII a.C. A medida utilizada na construção parece ter sido o pé de 0,30 m. Trata-se, portando, de um *semi-hecatompedon* de proporções 1 : 2,5¹²³.

..

¹²³ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 205-206.



Figura 8: Templo oeste (edifício c)

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 204.

3. 4. 2. Heroon (edifício d)

Edifício situado no cruzamento entre as ruas A e C1 (também no quarteirão imediatamente a oeste da *agorá*), o *Heroon* (número 2 no mapa da figura 7) ocupa uma posição claramente privilegiada. As escavações mostram a inexistência de construções anteriores no local, assim como ocorre com toda a área da *agorá*.

Apresenta-se sob a forma de um falso retângulo¹²⁴ dividido no sentido do comprimento em dois compartimentos. A abertura de ambos é voltada para a *agorá*. Quanto as dimensões, o lado norte media 12,80m; o lado sul, 12,60m; o lado oeste do compartimento norte, 3,45m; o lado leste do compartimento norte, 3,65m; o lado oeste do compartimento sul: 4,45m, e o lado leste do compartimento sul media 4,45m.

Foram encontrados vestígios de três bacias no interior do edifício, duas no compartimento sul e uma no compartimento norte; neste foram ainda achados numerosos fragmentos de uma ânfora SOS além de cinzas.

A ânfora acima, juntamente com alguns fragmentos da trincheira de fundação, permitiu datar o edifício com tendo sido construído por volta de 630 a.C.

¹²⁴ Falso retângulo pois apenas os ângulos ao sul são retos. Os ângulos ao norte seguem a orientação das ruas A1 e C1, as quais não são perpendiculares.

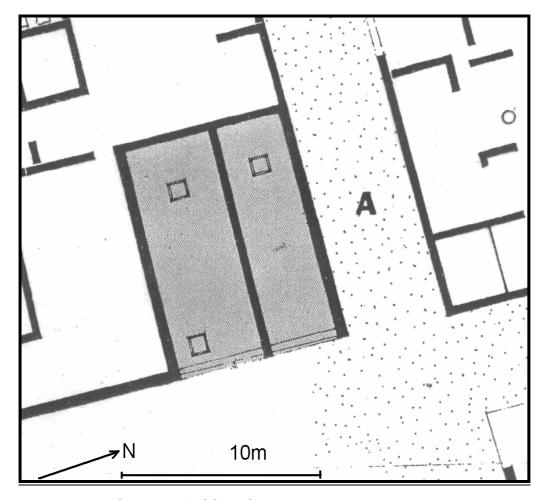


Figura 9: Heroon (edifício d)

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 208.

Alguns detalhes técnicos: a medida de construção utilizada parece ter sido o pé de 0,30m; acredita-se que o edifício seja uma forma de transição entre o *orthostate* irregular do VIII a.C, construído com pedras secas, sem qualquer tipo de argamassa, e o *orthostate* monumental do VII a.C.

A interpretação de Vallet, Villard e Auberson do edifício como *Heroon* deve-se à localização privilegiada e à existência de semelhanças com outros *Heroa*, como o *Heroon* dedicado a *Battos* em Cirene e o *Herakleion* de Tasos¹²⁵. Tal hipótese, todavia, não é um consenso entre os estudiosos; a construção já foi interpretada como uma edificação de função administrativa da cidade¹²⁶.

¹²⁵ A presença de cúpulas na faixada leste, de fronte para a ágora, sugeriu a interpretação. VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, p. 211.

¹²⁶ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 209-211.

3.4.4. Templo sul (edifício g)

Localizado na área sudeste da *agorá*, o templo sul (número 3 no mapa da figura 7) possui orientação leste oeste com ligeira inclinação para o nordeste, não sendo, portanto, totalmente alinhado com o templo h. Encontra-se extremamente mal conservado: os únicos vestígios que restam são cinco blocos do lado sul.

A camada de fundação do edifício corta um estrato do solo da *agorá* no qual foram achados fragmentos da primeira metade do VII a.C. Por outro lado, em seu interior foi recolhido um depósito votivo constituído por terracotas e um fragmento de marfim, ambos em estilo dedálico, além de numerosos fragmentos de aríbalos protocoríntios e fragmentos de um *skyphoi* e de um alabastro coríntio antigo. Estas informações permitiram datar o edifício com sendo do terceiro quartel do século VII a.C.

Quanto às dimensões temos 14 metros de comprimento por 5,7metro de largura. Tratase de um pequeno templo *in antis* de proporções 1:2,5¹²⁷.

¹²⁷ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 223-224.

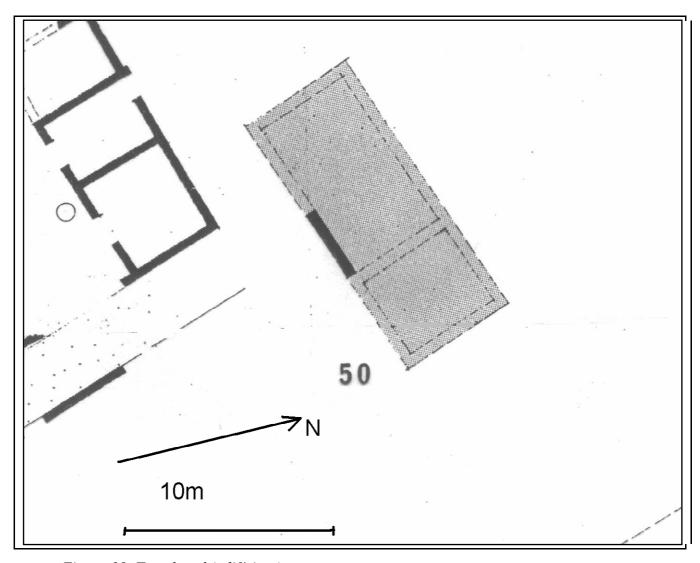


Figura 10: Templo sul (edifício g).

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 222.

3.4.5. Templo sul com colunata central (edifício h)

Está localizado no setor sudoeste da *agorá*. Juntamente com templo sul (edifício g), o templo sul com colunata central (número 4 no mapa da figura 7) impedia o acesso à *agorá* pelo complexo de ruas D. As escavações permitem afirmar que não havia construções anteriores no local, o que parece ser uma regra para toda a ágora.

Os vestígios do templo se encontram em melhor estado que os do templo sul, todavia estão extremamente mal conservados: restam apenas a fundação e a camada imediatamente acima.

A datação do edifício foi possível pela descoberta, abaixo da base do edifício, de fragmentos cerâmicos de até o primeiro quartel do VII a.C. No mesmo nível da camada de fundação foram achados fragmentos de uma hídria e de taças, ambas de fabricação local e datadas da metade do VII a.C. A data proposta pela equipe de escavação é o último quartel do VII a.C.

Um dado interessante sobre a construção do edifício é que parece ter sido usada uma unidade de medida diferente da maior parte das grandes edificações de Mégara *Hyblaea*. Foi utilizado o pé de 0,35m, ao contrário do habitual com 0,30m.

Quanto às dimensões, o templo possuía 7,65 metros de largura por 20,30 metros de comprimento (ou seja, 22 por 56 pés, tomando por base o pé de 0,35 m). A proporção utilizada, portanto foi a de 1:2,7.

Trata-se de um típico exemplar da arquitetura dórica característica da Grécia central e do Peloponeso. Assemelha-se, por exemplo, a um templo de *Poseidon* construído no Ístimo de Corinto, o qual também possui uma colunata central e cuja proporção é de 1:2,85¹²⁸.

_

¹²⁸ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 227-229.

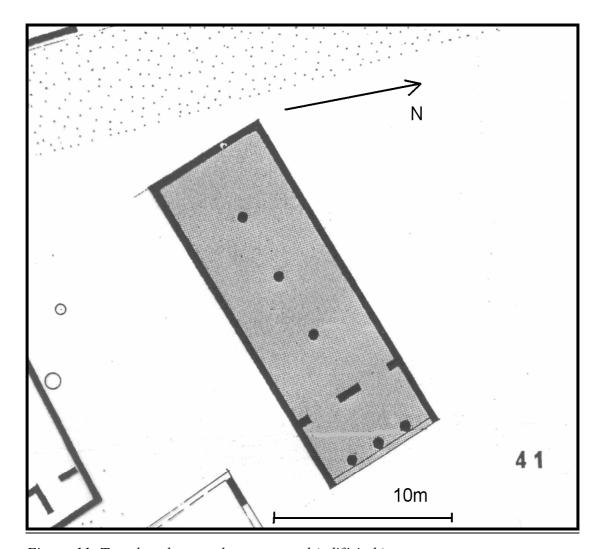


Figura 11: Templo sul com colunata central (edifício h).

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 226.

3.4.6. Pequeno templo norte (edifício j)

O pequeno templo norte (número 4 no mapa da figura 7) localiza-se ao norte do cruzamento entre as ruas A e D1, a 13 m ao norte da *agorá* (quarteirão 16). As escavações não encontraram vestígios de construções anteriores no local. O edifício j possui formato irregular: os dois ângulos sul são retos, mas o lado norte é totalmente oblíquo. O lado oeste mede 3,4m; o lado oeste, 4,2m; o norte, 9,55m, e o sul, 9,6m. O edifício possui a proporção de aproximadamente 1:24.

Na trincheira de fundação do edifício foram recolhidos fragmentos de cerâmica de origem local e de cerâmica protocoríntia, as quais vão desde o início do VII a.C até o terceiro quartel do mesmo século. Ao norte do templo foram achados fragmentos da segunda metade do VII a.C. Data proposta pela equipe de escavação: terceiro quartel do VII a.C.

Este pequeno templo é provavelmente contemporâneo aos primeiros edifícios construídos na *agorá*, sobretudo a *stoa* norte, e ao *Heroon*. Sua orientação e suas formas têm sido alvo de questionamentos dos estudiosos. O templo norte não segue a orientação do traçado de ruas D (o mesmo ocorre com duas casas a oeste, datadas do segundo quartel / metade do VII a.C). É interessante notar que quando foram construídas lojas e um muro ao longo da rua D1, respeitou-se o ângulo nordeste do edifício 129.

_

¹²⁹ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, p. 231-232.

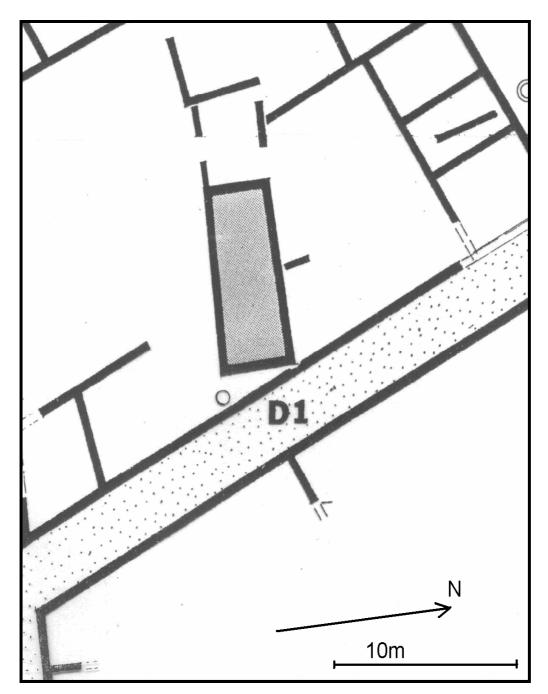


Figura 12: Pequeno templo norte (edifício j).

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976p. 230.

.

3.4.7. Edifício k.

Situado no quarteirão 16, a 40 m da *agorá*, o edifício k (número 6 no mapa indicado pela figura 7), está voltado para a rua D1. Embora as construções do lote acompanhassem o traçado das ruas D, o edifício k segue uma orientação semelhante a estruturas mais antigas, como o templo norte (edifício j). No local onde foi erguido havia duas construções anteriores: dois pequenos muros e, ao sul destes, vestígios de uma edificação. Tais construções, cuja orientação é semelhante a do edifício k, parecem ter sido construídos por volta de fins do VII a.C.

O edifício se apresenta como um trapézio irregular cujas dimensões são: 8,70m no lado oeste; 8,40m no lado leste; 11,25m no lado norte, e 11,60m no lado sul.

O fragmento mais antigo encontrado junto à fundação foi datado de por volta de 540 a.C. Trata-se de um vaso ático de figuras negras. Data provável: 530 a.C - o edifício é, portanto, contemporâneo ao *hestiatorion* (edificação b). A interpretação do edifício como sendo de função sagrada ou cultual deve-se ao fato de terem sido encontradas duas bases simétricas (sugerindo um altar). Por outro lado, as estranhas proporções (1:1,3) afastam a possibilidade de um templo.

A determinação exata do caráter desta edificação ainda permanece em aberto, havendo a possibilidade de ter se tratado de um cercado não coberto. A unidade de medida empregada também é estranha, não sendo provável que tivesse sido utilizado o pé de 0,30m¹³⁰.

¹³⁰ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, p. 235-237.

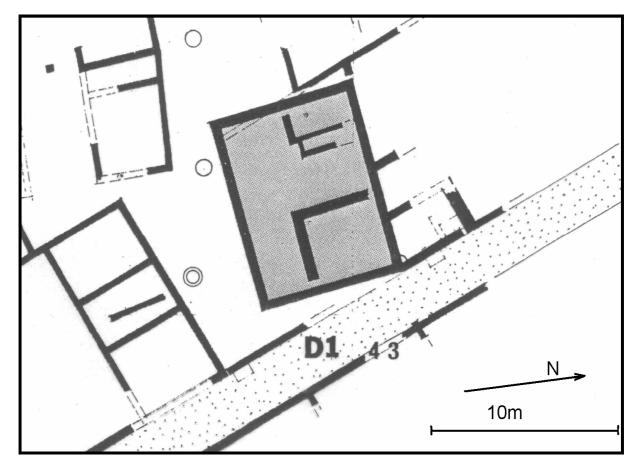


Figura 13: Edifício k.

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 234.

3.4.8. Templo sudeste (edifício l)

Este edifício (número 7 no mapa indicado pela figura 7) está localizado no cruzamento entre as ruas B e D5 (para a qual ele se volta). Até o momento de publicação da obra "Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque" ele não havia sido totalmente escavado, por estar sob um ginásio do período de ocupação helenística. Foi possível, todavia, detectar que não havia construções anteriores no local.

As dimensões do templo são: 12,3m de comprimento por 5,4 m. de largura. O edifício tinha proporção de 1:2,3 (41 por 18 pés de 0,30 m). Isolando-se uma pequena parte da trincheira de fundação, foram recolhidos alguns fragmentos de cerâmica local da segunda metade do VII a.C. A data proposta é a segunda metade do VII a.C. A construção do templo sudeste possivelmente foi contemporânea aos monumentos mais antigos construídos sobre e em torno da agorá.

Assim como o edifício k e o templo norte, o templo sudeste não se alinha com o traçado das ruas D. Talvez isso decorra da necessidade de manter a orientação (padrão, no caso de templos) leste-oeste. O edifício acompanha, ao norte, a rua B e seu comprimento é determinado pela linha intermediária do quarteirão (consequentemente, devido à orientação do templo, o ângulo sudoeste avança na outra metade)¹³¹.

1976, p. 239-240.

¹³¹ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris,

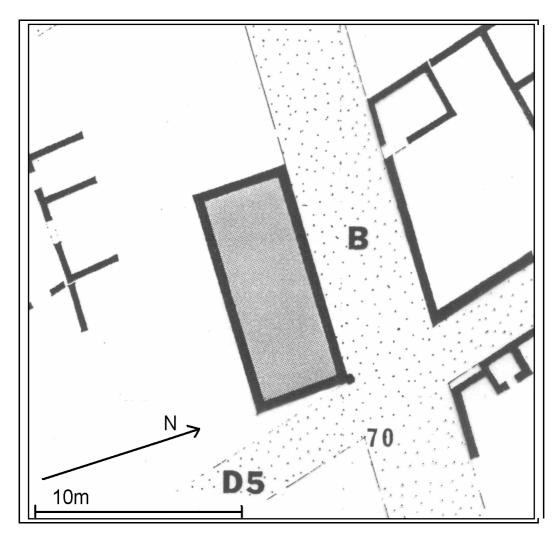


Figura 14: Templo sudeste (edifício l).

Fonte: VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 238.

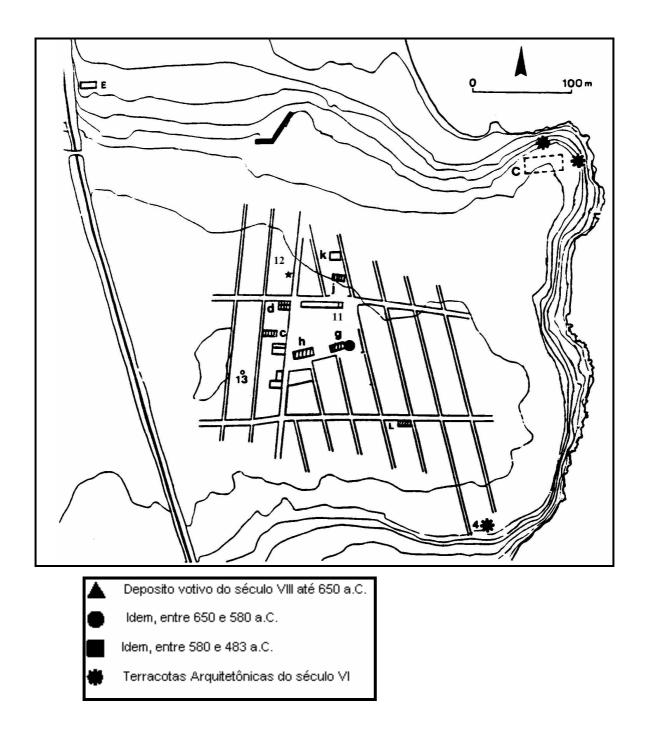
3. 3. 5. Demais estruturas de provável caráter sagrado do bairro da agorá.

Na *agorá*, ao lado da *stoa* norte foi descoberto um pequeno recinto, de dimensões 5,2 x 4,5 m. Contemporâneo ao pórtico ao qual é colado, foi construído entre 650 e 625 a.C. O caráter sagrado do recinto foi interpretado a partir da presença de um pequeno altar em seu interior.

No segundo quarteirão a oeste da *agorá*, foram descobertos vestígios de um cercado pavimentado (estrutura 13 na figura 15), no qual foram encontrados indícios de atividade cultual. O cercado esteve em uso ao longo do século VII a.C.

Dois pequenos altares foram escavados ao longo do lado oeste da rua C1 (ver número 12, na figura 15). O mais antigo foi datado do final do século VII a.C e possui dimensões 3,56 x 1,3m. Cinco metros ao norte foi encontrado um outro altar da metade do VI a.C (dimensões: 2,7 x 1,2 m).

Por fim, há indícios de um outro altar do final do século VIII a.C ao início do século VII a.C, numa área delimitada, na qual, um século depois, seria construído o templo c. Tal informação nos leva a questionar a possibilidade deste local ter recebido, desde os primórdios de Mégara *Hyblaea*, cultos coletivos. Todavia, trata-se apenas de uma suposição. Não há como afirmar que o lugar, que posteriormente assumiu a função de *témenos* políade, tenha sido criado com o mesmo propósito. Apenas é possível afirmar que o local tenha recebido cultos políades no momento da edificação do templo.



XV. Figura 15: Setor nordeste do sítio com áreas cultuais em destaque.

Fonte (mapa e legenda):

Modificado de: POLIGNAC, F. L' Installation des dieux. In **La colonisation grecque en Mediterranée Ocidentale** (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999.

3. 6. Estruturas de provável caráter sagrado do setor periférico da área intramural e do setor extra-urbano (*chora*).

3. 6. 1. Setor noroeste do sítio:

Na falésia norte, imediatamente a leste da atual ferrovia, foi identificado um pequeno templo ("templo E", de dimensões aproximadas 15 x 6m – ver figura 16), no qual não foi encontrado nenhum mobiliário.

A cerca de 120 m a oeste da ferrovia, próximo a falésia que limita o sítio a norte (ver na figura 16, n.º 1), foi encontrada grande quantidade de cerâmica datada desde o final do século VIII até 630-620 a.C. Na maior parte, trata-se de peças de fabricação local; todavia, há ainda peças protocoríntias. A descoberta foi feita em 1951 por George Vallet e François Villard, tratando-se provavelmente de um depósito votivo.

Cerca de 100m a oeste deste achado temos a chamada "Casa Vinci" (ver n.º 2, na figura 16), onde foram feitas várias descobertas desde o século XIX: em 1858 foi encontrado um grupo de peças em terracota: figurinhas, lâmpadas e outras peças sem definição. Apenas algumas figurinhas foram publicadas ¹³² e são datadas do VI a.C. Nas proximidades, esparsamente, foram descobertas ainda outras figurinhas. Em 1893 foram encontrados vários objetos: figurinhas, lâmpadas, prótomos e fragmentos de estátuas. Este conjunto também foi datado do VI a.C.

Em 1889, 250m a oeste da Casa Vinci, foi encontrado um conjunto de terracotas (ver na figura 16, n.º 3) do VI a.C e do início do V a.C. Tipologicamente esta descoberta é bastante próxima da realizada em 1893. Descobertas esparsas (terracotas) foram feitas (em 1873) mais a oeste, a cerca de 1,5 Km da cidade.

_

¹³²POLIGNAC, F. L' Installation des dieux. In **La colonisation grecque en Mediterranée Ocidentale** (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999, p. 212-213.

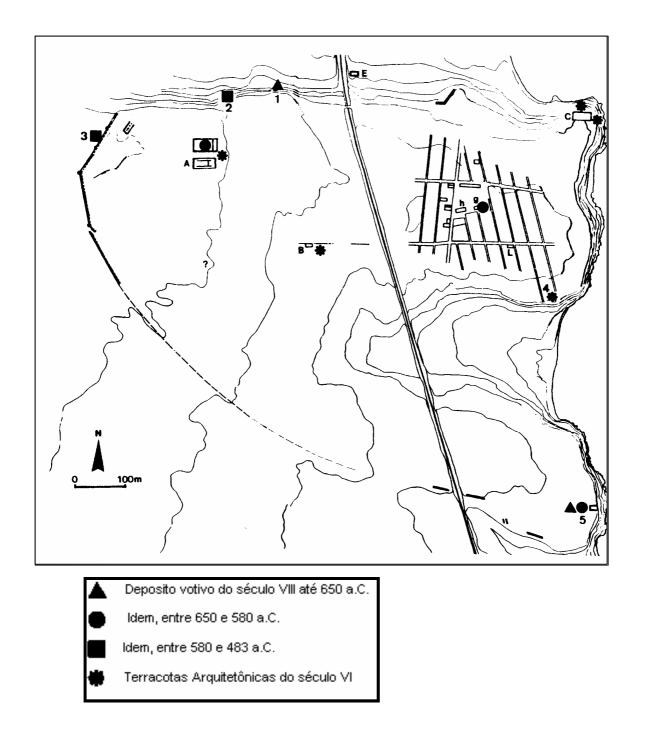


Figura 16: Locais de prática religiosa da área intra-mural de Mégara Hyblaea.

Fonte (mapa e legenda): POLIGNAC, F. L' Installation des dieux. In La colonisation grecque en Mediterranée Ocidentale (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999.

Ainda no setor noroeste, cerca de 100m o sul da Casa Vinci, na área mais elevada do sítio, temos um dos mais importantes complexos cultuais de Mégara *Hyblaea*. Este é constituído por um grande templo dórico ("templo A", cujas dimensões são 40m por 17m), o qual foi escavado por Paolo Orsi em 1917. Ele foi datado como sendo do início do VI a.C.

Imediatamente ao norte há uma segunda estrutura quadrangular (dimensões: 46,25m por 19,80m) a qual Orsi acreditava ser um segundo templo. Todavia, em 1952, trabalhos arqueológicos no local mostraram que se tratava de tipo de cercado destinado a abrigar um rico depósito votivo. Este depósito era composto de cerâmica coríntia datada da segunda metade do VII a.C e do início do VI a.C. Nos arredores desta área foram encontradas numerosas terracotas arquitetônicas do VI a.C, provavelmente proveniente do templo.

Parece ser deste complexo (chamado santuário A), segundo a interpretação de François de Polignac¹³³, que provém o famoso "*xoanon*". Trata-se de um fragmento de estátua calcária do final do VII a.C, mostrando a metade inferior de uma grande estátua feminina com as mãos coladas ao corpo.

3.6.2. Setor litorâneo.

A nordeste do sítio, foi descoberto um templo com dimensões semelhantes ao templo A, chamado "templo C". As terracotas arquitetônicas encontradas permitiram data-lo de cerca de 570 a.C.

Ainda nas proximidades do litoral, a sudeste do bairro da ágora (n.º 4 na figura 16) foram encontradas numerosas terracotas arquitetônicas em uma fossa, o que pode indicar a existência de um outro templo do VI a.C nas proximidades.

Por fim, no extremo sudeste do sítio (n.º 5, na figura 16), foram encontrados vestígios (em razoável estado de conservação) de um santuário em atividade desde o final do VIII a.C até a fase final de ocupação arcaica de Mégara *Hyblaea*. Este complexo é composto por pequenos cercados com altares organizados na primeira metade do VII a.C, os quais estão associados a um edifício com três cômodos o qual, no final do VI a.C foi substituído por um pequeno templo.

POLIGNAC, F. L' Installation des dieux. In **La colonisation grecque en Mediterranée Ocidentale** (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999, p.214.

3.6. 3. Setor Central.

No prolongamento da rua B (a qual parecia se dirigir para uma das portas da muralha), cerca de 400m a oeste do templo l, foi encontrado uma construção (denominada "templo B" – ver figura 16), edificada no final do século VI a.C. As várias terracotas arquitetônicas encontradas nas proximidades do templo B parecem indicar a existência de outros templos um pouco a leste. Isso traz a possibilidade de ter existido um importante complexo religioso no local. O local alinhava-se perfeitamente com o templo l, o que aumenta a possibilidade de ter se tratado de um *témenos*.

3. 7. Setor extra-urbano (chora).

A única área cultual identificada na *chora* megarense é um pequeno templo, datado do século VI a.C, localizado cerca de 2 Km a norte de Mégara Hyblaea, nas proximidades do rio Molinello (ver a figura 17, n°4). Neste local, conforme já foi dito anteriormente, foram encontrados indícios da existência também de uma zona de habitação 134. É possível que tenha se tratado de um complexo religioso extra-urbano pertencente a uma das aldeias do território de Mégara Hyblaea. Quanto à importância do templo dentro do complexo religioso da cidade, diante do atual estágio de conhecimento, não é possível fazer muitas afirmações. Todavia, o local não possui características de um santuário extra-urbano principal¹³⁵, tanto pelas dimensões quanto pela localização.

Infelizmente o setor extra-urbano de Mégara Hyblaea permanece mal estudado. Acreditamos que a não identificação de locais de culto na *chora*, além do templo citado, devese a esta carência documental. Com a ampliação das pesquisas arqueológicas na área, será possível a identificação das áreas sagradas, tornando possível traçar um painel mais amplo da atividade cultual megarense.

¹³⁴ DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford: University School of Archaeology, 2003. p. 76.

¹³⁵ Conforme o modelo de François de Polignac, as poleis gregas, em geral, possuíam um santuário extra-urbano principal, de grandes dimensões, localizado, na maioria dos casos, em regiões de fronteiras. No próximo capitulo trataremos das categorias de áreas sagradas especificadas por François de Polignac.

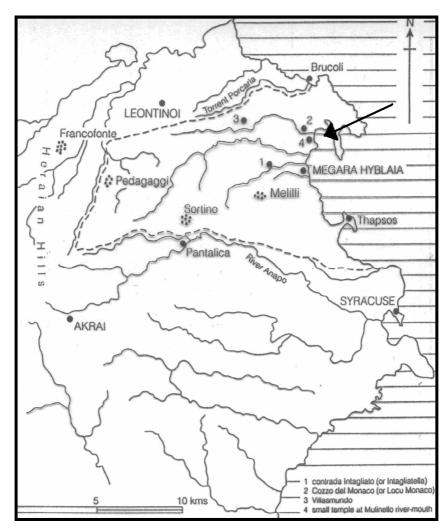


Figura 17: Localização do templo extra-urbano nas margens do rio Molinello.

Fonte:

Modificado de: DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2004.

3.8. Conclusão: organização das áreas de culto em Mégara Hyblaea.

De acordo com os dados apresentados no decorrer do capítulo, podemos afirmar, a princípio, a inexistência de dados completos acerca das áreas de culto em Mégara *Hyblaea*. Como o setor extra-urbano permanece sem receber pesquisas sistemáticas, as informações restringem-se quase unicamente à área intramural, melhor conhecida arqueologicamente.

A única área de culto identificada no território externo às muralhas foi um pequeno templo, datado do século VI a.C, localizado 2Km ao norte da *asty* (ver indicação na figura 17). Existe a possibilidade de ter existido um vilarejo próximo, podendo o templo ser uma área de culto ligada a este centro de habitação. Obviamente, este não deve ter sido o único santuário da *chora*. Todavia, só serão possíveis maiores informações sobre a religiosidade no setor extra-urbano de Mégara mediante novas pesquisas no local.

No setor intramural foram encontrados diversos santuários. A maior parte deles localizados em torno da *agorá*, já que a cidade não possuía uma acrópole. Entre os edifícios identificados estão: um templo (cerca de 600 a.C), denominado pela equipe de escavação como templo oeste ou templo c, localizado no quarteirão imediatamente a oeste da ágora (figura 8); um provável *Heroon*, de cerca de 630 a.C (ver figura 9), localizado no mesmo quarteirão, dois templos sobre a *agorá* (templo sul e templo sul com colunata central, também chamados templo g e h, respectivamente, do terceiro quartel e do último quartel do VII a.C – ver figuras 10 e 11); um outro templo (pequeno templo norte ou templo, terceiro quartel do século VII a.C – ver figura 12) localizado em um quarteirão setentrional a *agorá*, um edifício (podendo ter se tratado de um cercado cultual) localizado pouco acima do pequeno templo norte ou templo j (edifício k, cerca de 530 a.C – ver figura 13); por fim, o templo sudeste ou templo l, localizado a sudeste da *agorá*, datado da segunda metade do século VII a.C (ver figura 14).

Ainda no setor intramural, mas nas regiões periurbanas, foram encontrados vários locais de prática religiosa, cuja datação se estende do século VIII a.C ao século VI a.C. Dentre eles destacam-se: o chamado "templo A" localizado próximo ao limite noroeste (ver na figura 16, letra A), datado do início do século VI a.C, de dimensões 40m de comprimento por 17m de largura. Do outro lado da *asty*, no setor nordeste, próximo ao litoral, foi encontrado um

templo ("templo C", ver letra C na figura 16) datado de cerca de 570 a.C, cujas dimensões são semelhantes às do templo A.

No tocante à organização das áreas de culto ao longo do tempo, podemos afirmar que, entre fins do século VIII a.C e início do século VIII a.C, não foi construída nenhuma edificação monumental de caráter religioso em toda área urbana ou extra-urbana de Mégara *Hyblaea*, segundo é possível afirmar diante do atual estágio das pesquisas arqueológicas. Os únicos indícios de atividade religiosa encontrados para este período são: uma área cultual delimitada, do início do século VII a.C, localizado no segundo quarteirão a oeste da *agorá*; um altar (fins do século VIII a.C ao início do século VII a.C) localizado numa área delimitada, na qual, um século depois, seria construído o templo c; no extremo sul da área intra-mural foram encontrados vestígios de um santuário em atividade desde o final do VIII a.C até a fase final de ocupação arcaica; por fim, um depósito votivo datado do final do século VIII a.C ao início do VII a.C, localizado no extremo norte da área intra-mural.

Tal qual foi afirmado anteriormente, nenhum dos vestígios cultuais, referentes ao primeiro período de ocupação, possui características que nos permitam classificá-los como locais de culto de grande importância comunitária. A movimentação de recursos objetivando a edificação de grandes santuários, evento tipicamente políade, não parece ter ocorrido em Mégara *Hyblaea* entre o final do século VIII a.C e o início do século VII a.C. Temos apenas pequenas áreas de atividade religiosa que possivelmente serviam a um numero não muito grande de famílias, podendo, inclusive, ter se tratado de locais de culto familiares. Assim como é visível para a organização urbanística da cidade de um modo geral, a organização do complexo cultual apresenta-se de forma dispersa.

Entretanto, a presença de atividades cultuais desde o século VIII a.C nos limites norte e sul do setor intra-mural nos parece ser um dado interessante. De acordo com as projeções de Franco De Angelis, nas primeiras décadas os colonos parecem ter ocupado um território bastante pequeno, provavelmente restrito ao setor setor intra-mural. Estes santuários parecem ter delimitado o sítio, podendo tratar-se de uma tentativa de afirmar a posse da área por meio da organização de locais de prática sagrada. Entretanto, mesmo que estes locais de culto estejam relacionados ao processo de apropriação do território, a organização definitiva das áreas religiosas como espaços políades parece ter ocorrido apenas a partir da segunda metade

do século VII a.C. Além disso, a população na época ocupava um assentamento provisório, pois a definição territorial só ocorreria décadas depois.

A partir da segunda metade do século VII a.C ocorreria a estruturação das áreas de culto comunitárias em Megara. Todos os templos descobertos foram datados deste período, principalmente do intervalo entre 650 a.C e 550 a.C. A organização da religiosidade políade megarense ocorreu paralelamente ao processo de estruturação da *polis* como um todo, em seus aspectos sócio-político e territorial. Este fato não é nada surpreendente, dado que a religiosidade constituía-se em um dos elementos fundamentais no processo de coesão do corpo populacional, sendo, por isso, um dos germes da *polis*. Ao mesmo tempo em que surgiam os primeiros grandes santuários ocorria também a definição dos limites territoriais de Mégara *Hyblaea*, ao mesmo tempo em que a ocupação no período anterior restringia-se aparentemente ao setor intra-mural¹³⁶. Também era a época de edificação dos edifícios de caráter administrativo e da organização da *agorá*. Nas últimas décadas de ocupação (final do século VI a.C) também ocorreria a edificação da muralha em torno do núcleo principal.

Enfim, tendo em vista as transformações ocorridas a partir da segunda metade do século VII a.C e as diferenças entre este período e a etapa anterior de ocupação (fins do século VIII a.C e primeira metade do século VII a.C), podemos apontar os seguintes aspectos do processo de organização da atividade cultual em Mégara *Hyblaea*:

Durante as primeiras décadas, até a segunda metade do século VII a.C, os locais de culto existentes ainda não tinham forma de santuários comunitários. Estas áreas parecem ter sido utilizadas por um numero restrito de pessoas, ou mesmo apenas por famílias. A presença de atividades religiosas nos extremos norte e sul do assentamento inicial (área intra-mural) indicam a utilização do culto como forma de promover a posse do território provisório ou simplesmente uma forma de buscar proteger o local recentemente escolhido. Mas, mesmo estes locais não apresentam características de um santuário políade.

Após a segunda metade do século VII a.C ocorre a organização das atividades cultuais em Mégara *Hyblaea*, com a construção dos santuários comunitários. Em todos os aspectos (religiosidade, definição territorial, organização político-administrativa), o que era antes um assentamento populacional havia se tornado uma típica cidade-estado grega arcaica, uma típica *polis*.

-

Até que novas pesquisas sejam realizadas, não existem indícios de ocupação fora da área intra-mural referentes ao período entre fins do século VIII a.C e o início do século VII a.C.

Capítulo IV

O modelo de Polignac e o caso de Mégara *Hyblaea*.

4.1 Introdução.

A presente pesquisa de mestrado, "O Espaço Sagrado e o Nascimento da *Polis* em Mégara *Hyblaea*" encontra-se dividida em duas etapas, de acordo com seus dois objetivos principais. O primeiro destes objetivos é analisar a organização do espaço sagrado na *polis* de Mégara *Hyblaea*. O segundo é verificar, neste caso colonial específico, o modelo de surgimento da *polis* exposto por François de Polignac na obra "*La Naissance de la cité grecque*" 137.

A primeira parte de nossa proposta foi desenvolvida no capítulo três, "O desenvolvimento urbanístico de Mégara Hyblaea: repertório de imagens". Em nossa análise da organização espacial de Mégara, partimos de informações obtidas por meio das escavações realizadas no sítio entre décadas de 50 e 60 pela Escola Francesa de Roma. Estas escavações, lideradas pelos estudiosos Georges Vallet, François Villard e Paul Auberson, enfocaram principalmente o setor central da cidade, conhecido como "bairro da agorá". Seus resultados foram publicados na obra "Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque" ¹³⁸. Utilizamos ainda algumas informações textuais, oriundas de obras de autores antigos como Tucídides, Estrabão e Poliano. Finalmente, foi fundamental para nossa pesquisa a obra publicada em 2004 por Franco De Angelis, "Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily" ¹³⁹. Esta obra apresenta um estudo bastante detalhado sobra a organização espacial e o desenvolvimento social, econômico e político de Mégara Hyblaea.

Nossa pesquisa nestas publicações teve como resultado a elaboração de uma análise acerca da organização espacial da cidade de Mégara *Hyblaea*, com ênfase nos locais de prática cultual. Resultou ainda na organização de repertório de imagens, relativas aos espaços sagrados identificados na *polis* em questão. Nesta primeira etapa do trabalho, procuramos enfocar, principalmente, a transformação espacial ocorrida no complexo religioso megarense,

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984.

¹³⁸ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976.

DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003.

desde as primeiras décadas após a fundação (final do século VIII a.C), até a fase final da cidade (século V a.C).

O segundo objetivo da pesquisa, verificar neste caso colonial específico o modelo de surgimento da *polis* exposto por François de Polignac, será realizado no presente capítulo. O chamado "Modelo de Polignac" apresenta a religião como um elemento fundamental no processo de formação da *polis*. De acordo com o autor, para que as comunidades gregas do período geométrico se articulassem em uma organização populacional do tipo políade, foi necessário algo que atuasse como um elemento aglutinador. Para que tenha se formado uma *polis*, foi fundamental a existência laços de afinidade entre os indivíduos. Estes laços teriam surgido a partir das práticas religiosas realizadas em comum. Os locais de culto eram importantes pontos de encontro e de referência para estas populações.

Neste capítulo, num primeiro momento, será feita uma apresentação dos principais aspectos da teoria elaborada por François de Polignac acerca do processo de formação da *polis* no mundo colonial, os quais se encontram presentes na obra "La Naissance de La Cité Grecque". Em seguida, mediante os dados arqueológicos reunidos sobre a cidade – apresentados no capítulo 3 - analisaremos as possibilidades de aplicação do modelo em questão ao caso de Mégara Hyblaea.

4.2 O Modelo de Polignac.

O modelo para a formação da *polis* proposto por François de Polignac, pesquisador francês ligado à Escola de Paris, trouxe uma grande inovação aos estudos relativos à cidadeestado grega antiga. Desde a década de 80, as publicações de Polignac têm sido referências teóricas importantes para os estudiosos do tema, suscitando tanto elogios quando críticas, mas principalmente inúmeros debates e revisões. Também foram importantes as contribuições deste autor para as discussões relativas à ocupação e utilização do espaço e, particularmente, à constituição do espaço sagrado na cidade-estado grega. Conseqüentemente, foram influenciadas, de um modo geral, um grande número de pesquisas relativas ao universo grego arcaico.

Na obra "La naissance de la cite grècque", publicada originalmente em 1984, Polignac defende que a religiosidade teria sido o principal elemento fomentador da união e da identificação entre os indivíduos habitantes de um mesmo território na Hélade, entre os séculos VIII e VII a.C. Em muitas localidades este processo de agregação populacional teria resultado no surgimento da *polis*, instituição política típica da Hélade desde o proto-arcaísmo¹⁴⁰. É importante lembrar que a organização em *polis* não ocorreu em todas as comunidades gregas da época geométrica: muitas se estruturariam sob a forma de *ethnos*, um tipo de confederação de agrupamentos populacionais relativamente homogêneos, cuja unidade se mantinha principalmente por meio de vínculos de ordem cultural e religiosa.

De acordo com Catherine Morgan¹⁴¹ (conforme ja abordamos no segundo capítulo da dissertação) a carência de estudos, assim como a arbitrariedade classificatória tornam difícil a definição da instituição política *ethnos*. De um modo geral, considerava-se como um *ethnos* praticamente todas as comunidades gregas que não se enquadravam na categoria *polis*. Alguns estudiosos chegaram estabelecer uma relação evolucionista entre estas duas formas de organização política, vendo o *ethnos* como um estágio primitivo do desenvolvimento da polis. Atualmente, entretanto, essa análise evolucionista tem sido abandonada.

¹⁴⁰ Compreendemos por proto-arcaísmo o período correspondente ao intervalo do final do século IX até o início do século VII.

MORGAN, Catherine. *Sanctuaries and the rise of the Greek state. In Athletes and oracles.* The formation of Olimpia and Delphi ai the eight century BC. London: Cambridge University Press, 1994. p. 1 - 25.

Uma das principais particularidades da obra de Polignac é que o autor analisa a cidade-estado grega, a *polis*, a partir do universo cultual. As práticas religiosas teriam incentivado a união dos indivíduos. Assim sendo, os santuários seriam importantes locais de convivência entre os membros da comunidade. *A polis* é apresentada por Polignac como um conjunto de indivíduos assentados num determinado território, unidos por cultos em comum. Nesse sentido, a identificação religiosa e a convivência cultual entre os membros do grupo - e não laços políticos e contratuais - teriam sido os principais elementos aglutinadores.

Além de Polignac, outros autores já haviam analisado a *polis* sob a perspectiva do universo cultual. O pesquisador francês Fustel de Coulanges, autor da obra clássica "A *cidade-estado antiga*" ¹⁴², que trata da formação das cidades-estado nas civilizações grega e romana, já afirmara a necessidade de entender a religiosidade destes povos para compreender a formação de suas instituições, entre elas a *polis*.

A obra "La naissance de la cite grècque", todavia, possui peculiaridades que a distingue dos trabalhos anteriores sobre a polis. Em primeiro lugar, o modelo de Polignac parte da análise da documentação arqueológica. Nesse sentido, o autor se insere, portanto, no âmbito dos estudos de Arqueologia Cognitiva, teoria desenvolvida pelo arqueólogo Colin Renfrew a partir de fins da década de 60¹⁴³.

Tal linha teórica, elaborada a partir dos trabalhos de escavação realizados por Renfrew no santuário de *Philakopi* ¹⁴⁴, reitera a importância do conhecimento do elemento cultual para o entendimento das sociedades. Renfrew ainda se posiciona a favor do potencial explicativo da documentação arqueológica em relação aos aspectos cognitivos, desde que seja utilizada uma metodologia adequada¹⁴⁵.

Devemos ressaltar que a religiosidade compreende um aspecto cultural fundamental para o entendimento de qualquer comunidade. No caso do mundo grego, o universo cultual encontra-se extremamente entrelaçado aos demais, sendo, portanto, indissociável de qualquer discussão sobre a o fenômeno da *polis*. Nesse sentido, acreditamos que a compreensão da sociedade grega passa obrigatoriamente pelo entendimento de suas manifestações religiosas.

¹⁴²COULANGES, Fustel. A Cidade- Estado Antiga. Ediouro, 2004 (primeira edição: La Cité antique: Paris, Hachette, 1864)

¹⁴³ RENFREW, C. **The Archaeology of cult**. The Sanctuary at Phylakopi. Londres, 1995.

Localizado na ilha de Melos, no mar Egeu. Trata-se de um sítio arqueológico pertencente à Idade do Bronze
 Uma abordagem mais aprofundada da teoria cognitiva, de Colin Renfrew foi feita no primeiro capítulo da presente dissertação ("Os estudos espaciais e a Arqueologia").

Este caráter preponderante da religião no âmbito da organização da *polis*, acabou sendo demonstrado em alguns estudos de caso analisados por Polignac. Identificando e analisando locais de prática religiosa - os santuários - em várias *poleis* gregas, e identificando as modalidades de participação cultual, o autor conclui a que os ritos comunitários tiveram um papel fundamental no processo de coesão dos grupos populacionais, tanto na fase de formação das comunidades, quanto na manutenção dos laços entre os indivíduos. Além disso, os santuários, onde tais ritos eram praticados, se mostraram como um elemento fundamental no processo de apropriação do espaço.

O surgimento do santuário¹⁴⁶, ocorrido, segundo Polignac, no século VIII a.C, expressaria uma mudança na percepção do espaço, colocando um fim em seu estado de relativa desorganização, predominante em períodos anteriores. Entre os séculos XI e IX a.C, os espaços sagrados ainda não se encontravam delimitados. Em muitos casos, as atividades cultuais eram realizadas nas próprias moradias dos chefes regionais. Estes locais acabariam reunindo, ao mesmo tempo, funções de centro político e religioso¹⁴⁷. Este espaço indeterminado, não delimitado, no século VIII a.C tornar-se-ia organizado e repartido entre várias funções. Seria estabelecida uma fronteira entre o sagrado e o profano.

O surgimento do santuário também promoveria a estabilização do culto, enraizando-o ao solo. Desta forma, contribuiria para o processo de apropriação do território por parte do grupo. Surgia então um novo modelo de comunidade, cuja união entre os membros e a relação com o território eram intermediadas pelos cultos, agora materializados na forma dos santuários. Surgia, nas palavras do próprio Polignac, a "cidade cultual" ¹⁴⁸.

Um dos argumentos utilizados por Polignac para ressaltar a importância das práticas religiosas no contexto de surgimento da cidade-estado é a coincidência temporal existente entre o aparecimento dos primeiros santuários e o início da organização das *poleis*. Podemos até mesmo afirmar, seguindo o raciocínio do autor, que existe uma relação de retroalimentação entre o nascimento das primeiras cidades-estado e o aparecimento dos primeiros

Em nossa pesquisa adotamos a seguinte perspectiva quanto ao conceito de santuário. Trata-se de um complexo religioso, uma área delimitada, que contava com a presença de um altar, um muro cercando-a (períbolo) e, eventualmente, um templo. O altar seria a estrutura fundamental, a partir da qual se caracteriza o santuário. Nesse sentido, o santuário se identifica com o temenos grego

¹⁴⁷MAZARAKIS AINIAN, A.J. Early Greek Temples: Their Origin and Function In HAGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G. Early Greek Cult Pratice. Athens, 1986, Stockolm, 1988.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 30-31.

temenoi comunitários. Por um lado, essas práticas religiosas promoviam a convivência e, consequentemente, a integração dos habitantes de um determinado território, impulsionando a formação da *polis*. Por outro lado, a presença destes locais de culto pressupõe a existência de um corpo civil organizado o suficiente para a mobilização dos recursos necessários para a edificação dos locais. Em outras palavras, indica a presença de uma comunidade politicamente organizada, nem que se trate ainda de uma organização rudimentar¹⁴⁹.

No início do século VIII a.C, na Grécia, o que mais tarde seria uma *polis*, não passava de um agrupamento de vilarejos relativamente independentes, a não ser por uma relativa identificação cultural e religiosa. Nas décadas que se seguiram, porém, estes núcleos populacionais foram pouco a pouco se agrupando. No final do século VIII a.C até início do século VII a.C já estariam delineadas as características básicas de uma organização políade: o aparecimento dos primeiros espaços reservados para utilização pública, entre eles os primeiros templos de caráter monumental.

Dentre os mais antigos templos políades identificados podem ser citados: os templos de Hera, em Samos, edificado por volta de 720 a.C, e em Argos (cerca de 700 a.C); também por volta de 700 a.C foram construídos os templos de Apolo em Erétria e em Corinto. Em seguida (ainda no início do século VII a.C) aparece o templo de *Posseidon* no ístimo de Corinto. Na mesma época, na Lacônia, são construídos três santuários: de Ártemis *Orthia*, de Apolo *Amycléen* e de Atena *Poliouchos*.

Um exemplo interessante, que demonstra o papel dos santuários no processo de apropriação do território e, consequentemente, de constituição da *polis*, é o caso do *Heraion* de Argos. Localizado no setor extra-urbano da cidade, sua construção parece estar relacionada com a luta entre os argivos e as cidades vizinhas, Tirinto, Micenas e Nauplia, pela posse da fértil planície da Argólida. No caso específico do *Heraion*, este se posicionava no limite entre o território de Argos e o território de Micenas. Há indícios de que as atividades religiosas no local remontem a períodos anteriores à construção do templo e que ele já teria sido utilizado por micênicos e argivos conjuntamente. A construção do *Heraion*, tempos depois, parece ter

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 30.

simbolizado a apropriação da área (não apenas do santuário, mas também das terras férteis nos arredores) pela população de Argos¹⁵⁰.

Um outro exemplo, bastante contundente abordado por Polignac, é o caso da *polis* colonial de Gela¹⁵¹. Tal exemplo comprova o caráter mediador e integrador dos cultos no processo de formação da *polis*. Gela foi uma colônia surgida a partir da fixação de gregos na Sicília por volta do primeiro quartel do século VII a.C, segundo a tradição literária por volta de 680 a.C. A cidade em questão teria sido fundada por uma expedição conjunta de ródios e cretenses. Tinha, portanto, uma constituição populacional mista, o que, de acordo com Polignac, provocou uma série de conflitos entre os dois grupos, durante a primeira etapa da ocupação no local.

Cerca de uma geração após a fundação, em torno de 650 a.C, teve início, em Gela o desenvolvimento de um culto ctônico à deusa Deméter. O aparecimento dessa manifestação cultual marca o início do apaziguamento das disputas internas e da estabilização da comunidade. A prática cultual exerceu um importante papel integratório promovendo a união entre os dois grupos de colonos (ródios e cretenses) e, além disso, entre gregos e populações autóctones da região. Gela nos oferece um exemplo pertinente de como a prática religiosa atuava na coesão da comunidade durante o contexto de formação da *polis* grega.

Uma outra peculiaridade do Modelo de Polignac é a crítica que este autor faz à tendência historiográfica em analisar as *poleis* gregas a partir do padrão de ocupação espacial da *polis* de Atenas, ou seja, o chamado modelo ateniense. De acordo com o estudioso, a organização do espaço no complexo cultual de Atenas possui um caráter monocêntrico. Porém, tal padrão constituiu-se numa exceção se comparado às tendências das demais *poleis*.

Na Ática, a integração populacional em torno dos ritos e cultos comunitários ocorreu a partir de um único núcleo religioso, a acrópole ateniense, a qual era também com o núcleo cívico-político local. Segundo o autor a evolução das atividades religiosas atenienses teria ocorrido em círculos, partindo do centro (acrópole) em direção à periferia. O argumento usado por Polignac é que os santuários periféricos de Atenas ora surgiram em épocas posteriores, ora foram integrados ao complexo religioso da cidade tempos depois de seus análogos

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 42.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 118-121.

urbanos. Como exemplo, podemos citar o caso do santuário dedicado à deusa Deméter, localizado em Elêusis, uma comunidade politicamente independente, que foi incorporada por Atenas no decorrer do período Arcaico.

Em cerca de 90% das *poleis* gregas, porém, de acordo com o estudioso, prevaleceria um outro modelo de ocupação espacial, o chamado "modelo bipolar". Segundo este modelo a organização religiosa das cidades-estado gregas seria caracterizada pela existência de dois centros cultuais principais. O primeiro deles estaria localizado na *asty*, junto ao núcleo cívico-político, mais especificamente na acrópole ou na *agorá*. Já o segundo centro de culto estaria localizado na *chora*. Os dois centros principais prática religiosa, articulados, formariam o esqueleto do complexo cultual que seria complementado por vários outras áreas de culto, localizadas no espaço urbano (cultos urbanos), no espaço não-urbano (cultos extra-urbanos) ou mesmo no limite entre ambos (cultos peri-urbanos).

Entre os exemplos do modelo em questão está a cidade de Argos, considerada por Polignac um parâmetro de cidade bipolar. Nesta *polis* podemos verificar a existência de dois santuários dedicados à deusa Hera: um localizado na *chora*, nas proximidades da fronteira com Micenas, e outro localizado na *asty*. Os dois *Heraia* compunham os pólos principais do complexo religioso argivo. Uma das principais cerimônias religiosas realizadas em Argos era a procissão (*pompè*) que partia do santuário urbano em direção ao extra-urbano, promovendo a integração entre os dois pólos cultuais ¹⁵².

De acordo com Polignac, tanto na região metropolitana quanto nas áreas coloniais, estes dois núcleos religiosos parecem ter se estabelecido aproximadamente no mesmo estágio de desenvolvimento das comunidades, ou seja, um não teria precedido temporalmente o outro de forma significativa. De um modo geral, na Hélade, os primeiros santuários surgidos podem ter sido urbanos (como os santuários da acrópole ateniense ou como o santuário de Apolo em Corinto) ou extra-urbanos (como os templos de Hera em Samos e em Argos).

A simultaneidade no aparecimento destas duas categorias de santuários mostra que ambos foram fundamentais para as comunidades gregas no contexto de desenvolvimento da *polis*. Tal qual argumenta Polignac, não parece ter havido preponderância de um dos centros de culto, ou seja, ambos tinham a mesma importância dentro do complexo cultual políade. Se a acrópole de Atenas foi um dos mais conhecidos centros cultuais da Grécia clássica e arcaica,

. .

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 48.

outros famosos santuários localizavam-se em regiões extra-urbanas, como o *Heraion* de Argos e templo de *Posseidon* em Corinto.

Por outro lado, os papéis exercidos por estes santuários, bem como as modalidades de participação religiosas eram distintos e o principal: eram complementares. Tal complementaridade de funções garantia a coesão da comunidade.

O santuário urbano, como afirmamos acima, era localizado, na maior parte dos casos, na acrópole, a chamada "cidade alta". Porém, em algumas *poleis* não existia esse tipo de formação geográfica. Nestes casos o santuário urbano localizava-se na *agorá*¹⁵³. Um exemplo é o caso de Mégara *Hyblaea*, cidade isenta de acrópole, cujo núcleo cultual urbano estava localizado na *agorá* e nas suas proximidades. Este local de culto (santuário urbano) simbolizava a proteção divina ao centro cívico, daí sua localização estratégica: nas proximidades de onde eram tomadas as principais decisões político-administrativas.

Já o santuário principal extra-urbano tinha significado e funções diferentes. Por um lado, este centro cultual simbolizava a integração da população que vivia no campo ao complexo religioso políade. É importante salientar que, para as comunidades gregas arcaicas, era fundamental afirmar a ligação entre a *asty* e a *chora*, a fim de manter a coesão do grupo. Esta modalidade de santuário, de acordo com Polignac, também tinha o papel de afirmar a tomada de posse do território. Ora, é importante lembrar que a *polis* é constituída pela união entre o campo e a cidade, sem preponderância de um sobre o outro, já que as áreas extra-urbanas, como zonas de cultivo, eram fundamentais para a subsistência de toda a comunidade. A "presença" divina no universo não urbano, protegendo-o, torna-se, portanto, mister. Principalmente num contexto onde as disputas pelas terras férteis transformavam os pontos de fronteira numa região de constante conflito.

Além do *Heraion* argivo, santuário construído na região de fronteira entre Argos e Micenas, podemos citar o caso do *Posseidonion* coríntio. Construído nos limites entre Corinto e Mégara, simbolizava a apropriação, pelos coríntios, de um dos territórios mais disputados na antiga Hélade: a fértil planície da Megárida. O *Heraion* de Perachora apresenta-se como um outro exemplo, relacionado ao mesmo contexto: as disputas territoriais entre coríntios e

A agora era uma espécie de praça central comum a praticamente todas as cidades gregas. Era um local de grande importância cívica e comunitária. A agorá, juntamente como o porto, era o local onde era realizada boa parte das trocas comerciais. Tratava-se de um ponto de encontro entre os cidadãos. Nas suas proximidades podiam ser construídas edificações de caráter político, alem de santuários.

megarenses. Acredita-se que ambos os santuários, o *Heraion* ainda no período geométrico e o *Posseiodonion* já no início do período arcaico, tenham sido tomados dos megarenses pelos coríntios¹⁵⁴. Anteriormente tratava-se de áreas de culto utilizadas por ambas as populações, nos mesmos moldes do *Heraion* argivo. Vemos que, tanto no caso da Argólida quanto no caso da Megárida, o aparecimento ou a apropriação e reorganização dos santuários estão relacionados com disputas de fronteira e pela posse de terras férteis.

Lembremos que a Hélade vivenciava, no século VIII a.C (quando ocorreu o surgimento da *polis*), um momento de grande instabilidade social. Esta instabilidade se expressava tanto em conflitos no interior das próprias comunidades, como em conflitos intracomunitários. Tais questões se encontravam relacionadas principalmente ao notável crescimento demográfico ocorrido durante o século VIII a.C e a conseqüente disputa pelas terras férteis. Neste contexto, as conquistas territoriais e a demarcação das fronteiras eram de importância fundamental para a sobrevivência dos futuros grupos políades. Além disso, dentro da própria comunidade, ocorriam disputas pelas áreas de solo fértil, as quais poderiam minar a coesão populacional. É importante ressaltar que a manutenção da estabilidade social passava não somente pela ação política; principalmente no caso da Hélade, tornava-se mister a identificação cultural entre os habitantes. Indubitavelmente, a religião constitui-se um dos principais veículos de integração cultural e, consequentemente, da coesão do grupo.

Mas e no caso das *poleis* coloniais, teria a religião exercido um papel semelhante ao caso metropolitano? De acordo com Polignac, o complexo cultual das colônias seria formado pela interligação destes mesmos dois pólos de culto principais, o urbano e o extra-urbano, complementados por outras áreas de prática religiosas espalhadas pelo território. Todavia, o universo colonial possui suas especificidades, e para compreendê-las é fundamental analisar o contexto do movimento colonizatório grego.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 34.

4.3. O modelo de Polignac e as fundações coloniais.

O movimento colonizatório grego iniciado no século VIII a.C partiu da Hélade de forma mais precoce e intensa em direção à Magna Grécia (região litorânea localizada no centro-sul da Península Itálica) e à Sicília. Os integrantes dessas expedições colonizatórias eram, principalmente, indivíduos pertencentes a comunidades metropolitanas envolvidas em conflitos (territoriais, em sua maioria, em decorrência do crescimento demográfico, mas algumas vezes também em conflitos de caráter social e político), ou mesmo pessoas que abandonavam a Hélade devido à escassez de terras¹⁵⁵.

Nesse sentido, Polignac entende o movimento colonizatório predominantemente como um processo voltado para a aquisição de novas terras. Tal posição nos parece bastante procedente, tendo em vista que a colonização grega ocorreu num contexto de disputas pela aquisição de terras produtivas na Hélade. Além disso, a maior parte das *apoikiai* não parece ter apresentado uma vocação comercial muito intensa durante a primeira etapa de ocupação. Neste momento a atividade econômica parecia estar voltada principalmente para a subsistência da comunidade. O caso de Mégara *Hyblaea* nos fornece um exemplo. Durante a primeira geração, o território ocupado pelos colonos era pouco extenso e a atividade econômica, essencialmente de subsistência, estava restrita às áreas próximas ao núcleo central (ver figura 4, no capítulo 3). Neste período não existem indícios de grandes contatos culturais com populações vizinhas.

Todavia, embora o caráter territorial tenha sido o impulso inicial para a formação da maioria das novas *poleis*, em alguns casos, os interesses mercantis parecem ter sido os principais motivadores do processo. Algumas fundações – como é o caso de *Phitekussai*, estabelecimento fundado pelos eubeus na ilha de Ischia, próximo ao litoral ocidental da Península Itálica – tiveram um visível caráter comercial. Todavia o caso de *Phitekussai* parece tratar-se de uma exceção. A maior parte das expedições fundadoras (como é o caso de Mégara *Hyblaea*) objetivava conquistar terras, a fim de formar novas comunidades.

É importante ressaltar, entretanto, que a vocação econômica inicial de uma colônia (agrícola ou comercial) não foi totalmente determinante para as atividades desenvolvidas no decorrer de sua história. Tomando como exemplo a maioria das *apoikiai*: o fato do objetivo

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 93.

inicial ter sido a aquisição de novas terras não impede que novas práticas econômicas sejam, tempos depois, engendradas pelos colonos. Retomando o caso de Mégara *Hyblaea*, verificamos que a cidade, a partir da segunda metade do século VII a.C (ou seja, cerca de 80 anos após sua fundação), iniciou maiores contatos com populações indígenas locais. Alguns desses contatos provavelmente foram de cunho comercial. Por exemplo, foi identificado, referente a este período, material grego em sítios indígenas nas proximidades da colônia 156.

O estabelecimento das *apoikiai*, como os gregos chamavam os estabelecimentos coloniais, está entrelaçado ao desenvolvimento das *poleis*, não apenas no universo colonial, mas também no universo metropolitano. De acordo com Polignac, a colonização dos séculos VIII e VII a.C exerceu, indubitavelmente, um papel fundamental no processo de formação da *polis*, pois ao escoar parte do excedente populacional, contribuiu para o apaziguamento dos constantes conflitos territoriais que ocorriam na Hélade¹⁵⁷.

O equilíbrio dentro das comunidades gregas metropolitanas foi conquistado, num primeiro momento, a partir dos acordos entre os grupos assentados num determinado território. Estes acordos, segundo Polignac, foram mediados principalmente pelas práticas religiosas. Contudo, nem sempre estes acordos foram suficientes para apaziguar os conflitos. Ora, a ausência de terras férteis era um problema que afetava gravemente as comunidades gregas de algumas regiões. Faltando terras, tornavam-se necessárias novas soluções para que as disputas territoriais não mais comprometessem a coesão das comunidades. Dentre as alternativas encontradas, a mais importante delas, no período, parece ter sido as expedições colonizatórias, as quais auxiliaram substancialmente neste processo.

O caso de Mégara *Nisaia* é um exemplo. Envolvida em disputas territoriais com Corinto no século VIII a.C, Mégara parece ter sido prejudicada nestes conflitos, visto que perdeu a posse de dois importantes santuários, o *Posseidonion* do Ístimo e o *Heraion* de *Perachora*, para os coríntios. Juntamente com a perda destes *temenoi*, é muito provável que tenha perdido também terras férteis. Entre as soluções encontradas para as perdas territoriais sofridas pela cidade esteve a emigração de parte da população, numa expedição em busca de

DE ANGELIS, Franco. Mégara Hyblaea and Selinous. The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003, p. 77.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité grcque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 94.

novas terras. Esta expedição resultou na fundação de Mégara Hyblaea na costa leste da Sicília.

É interessante notar que Corinto também participou do processo colonizatório, fundando a cidade de Siracusa - esta, coincidentemente, estabelecida nas proximidades de Mégara *Hyblaea*, colônia de Mégara *Nisaia*. Apesar dos coríntios terem levado uma aparente vantagem na disputa pela planície da Megárida, um movimento migratório se fez necessário. Talvez porque houvesse conflitos sociais internos difíceis de serem solucionados ou mesmo porque um determinado setor da população encontrava-se privado da maior parte dos recursos. Mas é provável também que, diante do intenso crescimento populacional ocorrido no decorrer do século VIII a.C, mesmo a fértil Megárida não tenha sido suficiente para garantir a subsistência da população.

As disputas ocorridas na Hélade certamente foram fundamentais para o movimento colonizatório. Entretanto, a organização e o sucesso de uma expedição visando à emigração e o estabelecimento de uma *apoikia* não parece ter ocorrido somente em decorrência do contexto metropolitano. Em outras palavras, não bastavam os interesses e as necessidades comuns, como adquirir novas terras, fugir dos conflitos territoriais e sociais da região de origem, para que todo este processo tivesse como resultado a formação de uma nova *polis* nas regiões coloniais.

É inegável que a situação da metrópole e a eminente necessidade de conquistar terras férteis foram os grandes motivadores para os empreendimentos colonizatórios. No entanto, para que uma expedição de tal grandeza tivesse sucesso, tais fatores não eram suficientes. Era necessária a existência de um elemento que garantisse a identificação e a união dos integrantes.

De acordo com Polignac, no que concerne à formação dos grupos de colonos, a religião parece ter exercido um papel fundamental. A identidade cultual proporcionou a coesão dos indivíduos, contribuindo para o sucesso do empreendimento colonizatório 158. Em outras palavras, a religião exerceu, nas expedições coloniais, o mesmo papel que teve no processo de formação das *poleis* metropolitanas, onde as práticas cultuais mediaram o *sinoecismo* entre os indivíduos habitantes de um mesmo território.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 94.

A importância da religião na organização do grupo de colonos está explicitada numa prática quase onipresente entre expedições colonizatórias: a consulta, antes do início da viagem, ao oráculo de Delfos. Nesta consulta o *oikistes* (o líder da expedição) pedia proteção divina e questionava, por intermédio de sacerdotisas, ao deus Apolo sobre as possibilidades de sucesso do empreendimento. Os oráculos forneciam também coordenadas para as viagens e para a localização ideal das fundações.

Segundo Polignac, a autoridade conferida ao *oikistes* para a direção da expedição, para a escolha do local, para a fundação da *polis* e até mesmo para a liderança de possíveis combates pela posse do território é algo sem equivalente dentro da sociedade da qual ele faz parte¹⁵⁹. Cabia também ao *oikistes* a responsabilidade de transportar objetos considerados sagrados, oriundos da metrópole, até o local da nova fundação. A presença destes objetos sagrados nas expedições fundadoras expressa um vínculo de ordem religiosa entre a colônia e a metrópole. Sendo o *oikistes* o portador de tais objetos, é fortalecida ainda mais sua autoridade no âmbito social e também cultual.

Os elementos religiosos presentes na organização de uma expedição colonizatória (a consulta ao oráculo de Delfos, a presença de objetos sagrados metropolitanos e a liderança cultual do *oikistes*) reforçam a idéia da importância da religião no contexto de fundação das *poleis* coloniais. Trata-se de uma amostra de como a criação de uma *apoikia*, mais que um fenômeno político, era um fenômeno sócio-cultural, estando a religiosidade imbricada nesse processo.

Desde a ocupação inicial, passando por todo o processo de organização das novas comunidades - futuras *poleis* - nas regiões coloniais, a religião continuaria a exercer seu papel mediador e integrador. Nesse sentido, de acordo com Polignac, na área colonial, assim como na Hélade, seriam os cultos em comum que garantiriam a coesão do corpo populacional. O caso de Gela expressa de modo bastante pertinente, a importância das práticas cultuais no processo de coesão da comunidade. Conforme afirmamos anteriormente, o momento em que foi desenvolvido o culto ctônico à deusa Deméter coincide com a estabilização das disputas internas entre os dois grupos que formavam a colônia, os ródios e os cretenses.

É fundamental ressaltar que a coesão populacional nas colônias podia ser ainda mais problemática que no contexto metropolitano. Aqui se torna ainda mais imediata a necessidade

. .

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 145.

de conquista do território, o qual muitas vezes encontrava-se ocupado por populações autóctones ou mesmo por outros grupos vindos da Hélade. Estabelecer formas de convivência entre os indivíduos também era algo importante dentro da nova *polis*, já que às vezes esta era formada por expedições heterogêneas, como é o caso de Gela. É provável que este tenha sido o caso também de Selinunte, subcolônia fundada no século VII a.C pela colônia de Mégara *Hyblea*, mas que também contou com a participação de indivíduos provenientes da metrópole, Mégara *Nisaia*.

Era ainda fundamental a mediação entre os gregos e as comunidades vizinhas, tanto no que se refere às comunidades gregas, quanto - e principalmente - no que se refere às populações nativas. Os povos autóctones, independente de terem ou não estabelecido relações de convivência com os gregos, estavam presentes e era necessário algo que intermediasse esta relação. É provável que as expedições coloniais tenham sido compostas principalmente por indivíduos do sexo masculino. É também muito provável que estes homens tenham eventualmente tomado como esposas mulheres nativas. O elemento autóctone, portanto, encontrava-se entremeado no processo de estruturação das *poleis* coloniais. Novamente seria a religiosidade uma das grandes responsáveis por intermediar este contato e promover a convivência entre os grupos.

A atuação da religião no processo de integração das comunidades coloniais se daria por meio de determinadas modalidades de prática cultual, sendo estas, de acordo com o autor, semelhantes àquelas que estavam sendo desenvolvidas na própria Hélade. Evidentemente, os interesses e os objetivos dessas práticas não podem ser considerados totalmente coincidentes. Porém, respeitada a especificidade do contexto colonial, o complexo cultual das fundações pode ser considerado análogo ao das metrópoles.

De acordo com Polignac, os cultos praticados nas *poleis* coloniais podem ser analisados e classificados a partir do mesmo critério utilizado para o entendimento do complexo cultual da área metropolitana. A classificação proposta pelo autor inclui as mesmas quatro categorias principais de santuários utilizadas para o entendimento das práticas cultuais da Hélade, a saber: *santuários urbanos políades*, em geral monumentais, localizados na acrópole ou na *agorá*, em ambos os casos regiões centrais das cidades; *santuários extra-urbanos monumentais*, segundo Polignac, fundamentais para a compreensão da religiosidade políade, localizados na *chora* e, em certos casos, próxima a fronteira com uma comunidade

vizinha; santuários peri-urbanos, localizados nos limites entre a chora e a asty, e, por fim, os santuários extra-urbanos não monumentais, também localizados na chora e que, de acordo com o autor, foram fundamentais no processo de integração entre os gregos e as comunidades autóctones.

Analisaremos agora as especificidades destas principais categorias de santuários, a começar pelos santuários urbanos.

Os santuários urbanos.

Os santuários urbanos, localizados no centro político da cidade, representavam, segundo Polignac, um elo de ligação entre a colônia e a metrópole. Os cultos ali desenvolvidos, em geral, faziam menção à origem dos colonos¹⁶⁰. Esta categoria englobava: santuários dedicados a divindades políades; culto a objetos transplantados da metrópole para a colônia; o culto aos fundadores – os quais podem ser considerados como uma modalidade de culto heróico - instalado nos supostos enterramentos dos *oikistes*¹⁶¹.

No caso dos santuários urbanos, é notável a predominância de certas divindades¹⁶²: Apolo, cultuado em Tasos, Cirene, Naxos, Metaponto e provavelmente Selinunte, e Atena, cultuada em Tasos, Siracusa, Gela e Agrigento. Apolo é considerado por natureza uma divindade relacionada às fundações (a presença dos colonos ao oráculo de Delfos antes das viagens reforça esta característica) e o culto a Atena, protetora das cidades, garantia a helenidade da expedição e, posteriormente, do local onde a colônia seria fundada ¹⁶³.

Os santuários urbanos possuíam uma enorme importância no que se refere à afirmação da identidade dos colonos, manutenção dos laços com a região metropolitana à proteção ao centro político da cidade e até mesmo à ligação e identidade do grupo. Entretanto,

¹⁶¹ É importante reiterar que, em geral, trata-se de locais simbólicos. Não necessariamente os fundadores das cidades foram enterrados naquele local.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 103.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 103.

¹⁶² De acordo com Polignac, de um modo geral as quatro divindades mais cultuadas em santuários monumentais surgidos no período arcaico são: Atena, Hera, Apolo e Ártemis. Estas divindades, por sua vez, estão associadas a modalidades específicas de culto. Enquanto Hera apresentava-se predominantemente como uma divindade extra-urbana, Atena era cultuada, em geral, como a deusa da Acrópole. POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 34.

os cultos urbanos não tinham o atributo de atuar na proteção e na afirmação da posse sobre o território. Da mesma forma, não eram mediadores na relação entre os colonos e nas relações entre esses e os demais grupos populacionais, sejam estes formados por populações autóctones ou por gregos de *poleis* vizinhas¹⁶⁴.

Os santuários extra-urbanos monumentais.

Ao analisar os casos das *poleis* metropolitanas, Polignac enfatiza a importância dos santuários extra-urbanos monumentais, como veiculo de integração comunitária e de apropriação do território. De acordo como o estudioso, no caso do universo colonial, tais manifestações religiosas parecem ter sido também de enorme importância para a conformação das *apoikiai*. Ora, no universo colonial também se apresentava a necessidade de garantir a posse da área e de estabelecer limites em relação às outras colônias fundadas nas proximidades ou mesmo em relação às comunidades autóctones. A luta pela terra não era, nestes casos, menos importante, com o agravante da presença de populações não gregas, dificultando ainda mais o estabelecimento dos limites territoriais.

Na Hélade, os santuários extra-urbanos parecem ter sido instalados, de um modo geral, em locais onde há tempos já era desenvolvida uma continuidade de manifestações religiosas, que em certos casos chegam a remontar ao período geométrico, como os *Heraia* de *Perachora*, Samos e Argos¹⁶⁵. Há, portanto, uma tradição cultual que precede a formação da *polis*. Ainda, de acordo com Polignac praticamente todos os santuários, sobretudo os não urbanos foram construídos sobre ruínas da Idade do Bronze. Como exemplo, podemos citar o *Artemision* de Delos, o templo de Atenas *Pronaia* em Delfos e o templo dedicado a Dioniso localizado em Ceos¹⁶⁶.

Obviamente esta tradição cultual, que chega a remontar a épocas bem remotas, não pode ser considerada o fator único para o estabelecimento destes *temenoi* em determinados

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 104.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 23-30.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 37-38.

locais. Os santuários localizados em regiões de fronteira, por exemplo, parecem ter sido edificados estrategicamente de forma a demarcar o território das *poleis*.

Mas e no que se refere ao mundo colonial, onde não existiam locais de tradição religiosa grega como na região metropolitana? Sendo a chegada dos gregos o início e não a continuidade de um processo no local, quais fatores determinaram o estabelecimento dos santuários em certas áreas e não em outras? A fim de responder a tal questão, Polignac, a princípio faz uma revisão das principais hipóteses relativas a este assunto.

De acordo com uma destas hipóteses, os santuários extra-urbanos das colônias teriam sido instalados em locais que anteriormente eram destinados às práticas rituais indígenas. As manifestações religiosas gregas nestas áreas seriam, de acordo com esta hipótese, cultos indígenas superficialmente helenizados. Polignac, por sua vez, critica esta opinião. Segundo o estudioso, o contato entre os gregos e os indígenas não parece ter tomado forma, no caso dos santuários mais importantes da *chora*, nem de sincretismo nem de indigenização. Em nenhum dos grandes santuários extra-urbanos identificados parece haver continuidade em relação a quaisquer cultos autóctones precedentes¹⁶⁷.

Outra hipótese afirma que tais santuários teriam sido instalados em locais já freqüentados pelos gregos no período da Idade do Bronze; nessa perspectiva, os colonos estariam dando continuidade a cultos helênicos mais antigos. Esta hipótese, que é conhecida como hipótese micênica também não é considerada adequada por Polignac. O autor não nega completamente a reutilização de sítios micênicos pelos colonos gregos do século VIII a.C. Todavia, estes locais parecem ter sido ocupados sem que tenha existido qualquer compreensão, por parte dos colonos, acerca de como havia sido a presença de grupos da Hélade no local.

A ocupação de sítios micênicos era uma prática comum na própria Grécia. Os gregos do período arcaico se deslumbravam com os vestígios da civilização da Idade do Bronze, chegando a considerá-los como resquícios de uma civilização de heróis, que fizera parte de um passado glorioso na história da Hélade. É fundamental ressaltar que essa interpretação faz parte da cultura e do imaginário das populações gregas do Período Arcaico. No atual estágio dos conhecimentos acerca do Heládico grego, sabemos que há um abismo enorme entre o a aparente função destes locais na época em que eram utilizados e o significado atribuído pelos

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 99.

gregos dos séculos VIII e VII a.C a eles. Construir um santuário sobre uma tumba de um suposto herói de tempos passados era uma prática comum na Hélade e também uma maneira de afirmar a posse do território. A reutilização de estruturas micênicas nas colônias parece ter ocorrido de forma semelhante, com o mesmo objetivo¹⁶⁸.

Por fim, temos uma hipótese segundo a qual a escolha dos locais para a instalação dos santuários seguia critérios fortuitos, relacionados com as características naturais das regiões ¹⁶⁹. Os locais de culto seriam estabelecidos em regiões que contariam com a presença de elementos da natureza (como nascentes, morros, grutas, rios, etc.), considerados pelos gregos como pontos de ligação entre o universo humano e o divino. Não há dúvida que as características naturais de uma região constituem um fator que influencia na instalação de um santuário. Haja vista que as divindades gregas apresentavam em sua forma mais primitiva um caráter de forças naturais. Todavia, segundo Polignac, este não pode ser considerado o fator determinante para a instalação de santuários nas colônias gregas do Ocidente, assim como os outros fatores anteriormente citados.

De acordo com o autor, as razões para a instalação das áreas de culto nas *poleis* coloniais teriam sido mais práticas. A presença do santuário extra-urbano parece estar principalmente ligada à questão da definição do território e do espaço político¹⁷⁰. Nesse sentido, os centros cultuais parecem ter sido estabelecidos em certos locais por razões menos fortuitas e mais estratégicas, mais ligadas às necessidades dos colonos naquele momento¹⁷¹.

A fim de melhor compreender as razões relacionadas à implantação destes santuários, devemos analisar, primeiramente, as etapas do processo de implantação da *polis* no mundo colonial. De acordo com Polignac, podem ser identificadas duas etapas principais no processo de estabelecimento de uma colônia.

A primeira etapa seria a instalação provisória dos colonos no local escolhido, a qual teria, de acordo com o autor, a duração aproximada de uma ou mais gerações. Seria uma etapa

Em nota, Polignac cita o caso do imaginário grego que criou a idéia de que muitas das ruínas micênicas teriam sido locais de passagem de heróis como Hércules ou heróis em retorno da Guerra de Tróia. Este imaginário fomentou a construção de santuários sobre tais ruínas. POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 100.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 98.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 101.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 101.

na qual os colonos ainda não teriam se organizado completamente e ainda não teriam tomado posse definitiva sobre o território. Muitas vezes, as expedições colonizatórias eram formadas por indivíduos oriundos de diferentes localidades da Hélade (por exemplo, os casos de Gela e Selinunte). Além disso, mesmo conterrâneos, esses indivíduos ainda não vivenciavam, em sua terra de origem, uma organização social políade, visto que a *polis* ainda se encontrava em fases iniciais de organização ¹⁷². No terceiro capítulo da dissertação mencionamos o caso de Mégara *Nisaia*, cidade que no século VIII a.C ainda se encontrava em pleno processo de *sinoecismo* entre vários núcleos populacionais estabelecidos na Megárida.

Durante esta primeira etapa teria sido implantada pelo grupo de colonos uma *protocidade*, na qual, de acordo com Polignac, as relações sociais e culturais, que iriam se constituir na base da *polis*, ainda se encontravam no início do processo de evolução¹⁷³. Os laços entre os indivíduos, assim como os laços com o território estavam pouco a pouco sendo estabelecidos. Neste momento provavelmente ocorria um primeiro contato entre gregos e indígenas. Tal contato pode ter resultado tanto na expulsão dos autóctones quanto na sua escravização, como é o caso de Siracusa¹⁷⁴. Em outros casos pode ter ocorrido ainda uma tentativa de coexistência. A instalação provisória dos colonos vindos de Mégara, em Tapsos, antes da fundação de Mégara *Hyblaea* é um exemplo¹⁷⁵.

No momento da passagem da primeira etapa, pré-políade, para a segunda, a etapa políade propriamente dita, dar-se-ia a conquista e a demarcação territorial, além da organização sociopolítica da comunidade. Paralelamente – e intimamente relacionada com os processos acima - ocorreria também a organização da atividade cultual comunitária. Evidentemente, as manifestações religiosas não tiveram início nessa etapa. As primeiras praticas cultuais remontavam ao momento da chegada dos colonos. Contudo, estas manifestações ainda não haviam tomado forma nem dimensão de cultos políades.

As atividades religiosas comunitárias iriam surgir apenas durante segunda etapa de ocupação da cidade, quando ocorreria também a organização sócio-política da *polis*. Polignac

¹⁷² É importante salientar que estamos nos referindo aqui ao primeiro grupo de colônias, fundadas até a segunda metade do século VII a.C.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 101.

¹⁷⁴ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, p. 427.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, 101, nota 26.

ainda afirma que, assim como teria ocorrido com as *poleis* metropolitanas, a instalação dos santuários principais (urbanos e extra-urbanos) teria ocorrido ao mesmo tempo ou, no máximo, no intervalo de uma geração entre eles¹⁷⁶.

Em Siracusa, o *Olimpiéion*, santuário extra-urbano, foi estabelecido logo no início do século VII a.C, ou seja, uma geração após a fundação. Na mesma década, em Crotona, foi erguido um templo dedicado a Hera *Lacinia*, cuja construção se deu por volta de 700 a.C. Em Gela, enquanto os cultos da acrópole foram iniciados provavelmente por volta de 680 a.C, os cultos ctônicos à deusa Deméter tiveram início uma geração depois, em torno de 650 a.C ¹⁷⁷.

O surgimento de áreas de culto na *chora* das cidades coloniais contribuiu intensamente para o processo de demarcação do território. Tratava-se de um momento mais que propício para a instalação de um santuário monumental nas áreas de fronteira, o qual simbolizava e afirmava a ascensão da terra ocupada ao status de território da *polis* propriamente dita. Neste sentido, é procedente afirmar que a instalação do santuário extra-urbano não apenas coincidiu, mas foi fundamental para a estruturação social, territorial, cultural e religiosa das colônias e, consequentemente, para emergência da *polis*.

De um modo geral, os santuários monumentais extra-urbanos não parecem ter absorvido elementos das manifestações religiosas indígenas. Segundo Polignac o templo monumental erguido na *chora* é claramente um símbolo da soberania dos gregos, integrantes daquela comunidade, sobre o território e devem ser analisados sob o ponto de vista das cidades gregas e não das populações nativas locais¹⁷⁸.

O santuário extra-urbano também teria a função de estabelecer um limite entre o território da *polis* e o espaço externo, considerado pelos gregos como uma área selvagem, ou seja, não sujeita à ordenação da civilização agrária. Promovia ainda a proteção divina contra agressões externas, sejam elas humanas ou naturais. Nas palavras do autor, "comparable à son homologue dans l'aire gréco-égéenne, le sanctuaire monumental non urbain est donc à la

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 102.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 102.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 100.

fois l'emblème et le guardian de la civilization et de la cite, representation er protection de sés valeurs et de sés institutions" ¹⁷⁹.

A instalação de santuários extra-urbanos também era vista pelos gregos como uma maneira de garantir a fertilidade do solo, por meio da proteção divina. Tal proteção ocorria principalmente pela intermediação de cultos relacionados a divindades femininas. Nestes tipos de santuários, existe uma nítida predominância de Hera como a principal divindade cultuada, como mostra casos metropolitanos (Argos, Corinto e Samos) e também casos coloniais (Crotona, Metaponto e Posseidonia). Todavia não se trata de uma unanimidade, existindo também cultos extra-urbanos relacionados com divindades masculinas. Como exemplo, podemos citar o culto a Zeus Olímpico em Siracusa¹⁸⁰.

Santuários peri-urbanos e santuários extra-urbanos não monumentais.

Classificamos como santuários peri-urbanos aquelas áreas de culto, monumentais ou não, localizadas nas regiões intermediárias entre o espaço urbano e o espaço rural. Estes santuários podem estar localizados tanto nas periferias das cidades como em regiões relativamente próximas dos centros urbanos. Estes centros cultuais possuem importância e significado bastante diferente do santuário monumental extra-urbano, principalmente se comparados aos santuários localizados nas regiões de fronteira entre a cidade e as comunidades vizinhas.

De acordo com Polignac, se comparados com os santuários monumentais da *chora*, os santuários peri-urbanos possuem uma função inversa e, ao mesmo tempo, complementar¹⁸¹. O santuário extra-urbano, como já foi discutido anteriormente, possuía a função de afirmar a posse do território pelos colonos, além de intermediar a relação entre eles e as comunidades vizinhas. Por outro lado, os santuários peri-urbanos atuavam na manutenção da união entre a *asty* e a *chora*.

^{179&}quot;Comparado a seu homólogo na região greco-egéia o santuário monumental não urbano é portanto ao mesmo tempo o símbolo e o guardião do espaço da civilização e da cidade, representação e proteção de seus valores de suas instituições". POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.-VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 108.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 96.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 107.

Segundo afirma Polignac, o culto à Deméter *Malophoros*, em Selinunte, pode ser considerado como exemplar no que se refere aos santuários peri-urbanos. Foco de grande devoção popular, o culto apresentava características não ortodoxas, com uma Demeter suspeita de sicilianismo¹⁸². É provável que os santuários peri-urbanos tenham sido locais onde os elementos religiosos gregos tenham se misturado aos elementos indígenas.

Em muitos aspectos os santuários extra-urbanos não monumentais guardam semelhanças com os santuários peri-urbanos. A miscigenação entre elementos religiosos gregos e indígenas e a proeminência de cultos a divindades ctônicas são algumas delas. Ambos os cultos também parecem estar relacionados com a questão da fecundidade e da fertilidade do solo.

São classificadas como santuários extra-urbanos não monumentais as áreas de culto de menor porte localizadas na *chora* das cidades gregas. Tais santuários possuíam uma enorme importância para a comunidade, especialmente no que diz respeito aos grupos populacionais que viviam afastados do núcleo urbano. De um modo geral, nestas áreas de culto, existia uma predominância de divindades ctônicas, que, entre outros aspectos, relacionavam-se com a questão da fecundidade e da fertilidade do solo. Nas colônias gregas, assim como no caso dos santuários peri-urbanos, Deméter parece ser a divindade mais cultuada 183. Nesta categoria de santuários parece ter havido ainda uma incorporação mais intensa de elementos religiosos provenientes das populações indígenas.

É importante aqui entender as peculiaridades do universo colonial grego, pois embora os mecanismos cultuais sejam análogos aos da área metropolitana, o contexto difere. Enquanto na Grécia a tomada do território dependia da aglutinação de comunidades autônomas - mas culturalmente próximas, nas colônias havia a necessidade de estabelecer pontos de mediação em relação aos nativos, o que tornava a articulação cultural bem mais complexa.

Tal articulação era mais que necessária não apenas devido à coexistência de gregos e autóctones em territórios próximos. O casamento com mulheres indígenas era algo comum entre os colonos, já que nas expedições migratórias possivelmente havia uma predominância

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 112.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 96.

de indivíduos do sexo masculino. Assim sendo, a incorporação de elementos nativos era fundamental para promover a integração destes à comunidade e garantir o equilíbrio da *polis*. Os santuários mais modestos localizados na chora, ao lado dos santuários peri-urbanos, parecem ter exercido essa importante função, a de ser um "portal étnico cultual".

De acordo com Polignac, é em vista do processo de formação da *polis* que os santuários não-urbanos ganham sentido, tanto no caso do santuário monumental da *chora*, como no caso dos pequenos santuários rurais ou dos santuários peri-urbanos. Estas áreas de culto têm uma atuação fundamental no que se refere à coesão do corpo populacional, pois estão relacionados com o estreitamento de laços da população, tanto entre os colonos quanto entre estes e os nativos. Em segundo lugar, estes santuários promovem a ligação entre a comunidade e o local, que passa a receber proteção divina e é finalmente elevado à categoria de território da *polis*.

4.4. A formação da polis no universo colonial e o caso de Mégara Hyblaea.

A visão de François de Polignac no que se refere à formação da *polis* no universo colonial, nos remete muito mais a um lento processo do que a um evento. Para o pesquisador francês é fundamental entender que o nascimento da *polis* não se identificava necessariamente com o estabelecimento da colônia, mesmo em casos em que o território é conquistado e delimitado logo na primeira geração de habitantes.

Durante um primeiro momento, após a chegada dos colonos, o que ocorre é a organização de um núcleo inicial, de uma proto-cidade, já provida de seu território em alguns casos, mas sem um corpo social unificado. A organização políade propriamente dita seria criada posteriormente. Juntamente com ela – e imbricado a ela, fomentando-a – tomaria forma o complexo religioso, com a instalação de santuários voltados para a participação comunitária, sejam eles urbanos ou não urbanos.

O Modelo de Polignac se fundamenta na idéia de que foram exatamente as relações sociais intermediadas pelos cultos que garantiram a estabilidade necessária para que as comunidades, fruto das expedições coloniais, se tornassem *poleis*. Nas palavras do autor,

"...polis est le résultant d'une mise in place progressive de cohédions et de hiérarchisations socials sous forme d'une recherché d'ententes sur le choix de cultes médiateurs et les modalités de participation aux rites. Dans le monde gréco-égéen, la pression exercée par la crise de croissance poussait à la réalisation d'une nouvel agenciament à base territoriale pour la défense des terres; dans le monde colonial, c'est la conquête qui lê rendait également nécessaire." 184.

O caso de Mégara *Hyblaea* parece ir ao encontro de muitas proposições apresentadas por Polignac em seu modelo. Certas proposições colocadas pelo autor, entretanto, ainda não

[&]quot;… polis é o resultado de uma colocação progressiva de coesões e hierarquizações sociais sob a forma de uma busca de acordos sobre a escolha dos cultos mediadores e das modalidades de participação nos ritos. No mundo greco-egeu a pressão exercida pela crise de crescimento impôs a realização de um novo gerenciamento da base territorial pela defesa das terras, no mundo colonial essa conquista se fez igualmente necessária". POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 125.

podem ser comprovadas neste caso colonial específico, devido à carência de dados arqueológicos. Lembremos que Mégara *Hyblaea* ainda não se encontra completamente escavada, com exceção do bairro da *agorá*. Outras regiões do complexo urbano e praticamente toda área extra-urbana da cidade permanecem ainda sem receberem pesquisas arqueológicas sistemáticas ou, no caso destas pesquisas já terem se iniciado (por exemplo, o platô sul, no setor urbano), seus resultados ainda não foram publicados.

Observamos que, durante as primeiras décadas de ocupação, a colônia megarense apresentava-se como uma *polis* em via de estruturação – porém, não completamente organizada ¹⁸⁵. Os lotes já se encontravam preliminarmente divididos ¹⁸⁶. O plano urbanístico já estava traçado, principalmente no que se refere à trama de ruas e a organização dos quarteirões, as quais foram mantidas nos períodos posteriores, em suas linhas gerais. A área destinada à *agorá* parece ter sido reservada desde o início, o que é atestado pela ausência de construções referentes ao final do século VIII e a primeira metade do século VIII a.C (ver figura 4, no capítulo 3).

Entretanto, não existe indício de nenhuma construção pública de caráter monumental referente às primeiras sete décadas de ocupação (ver no capítulo 3 a figura 4), ou seja, entre 728 a.C – data da fundação, de acordo com Tucídides 187 - e 660 a.C. É importante ressaltar que a presença de grandes edifícios em uma comunidade grega do período arcaico pode ser considerada como um indício da formação da *polis*, já que pressupõe a existência de um corpo cívico suficientemente organizado para a arrecadação dos recursos necessários a um empreendimento de tal porte. A ausência deste tipo de edificação na comunidade megarense é, portanto, um argumento favorável à hipótese segundo a qual a estruturação sócio-política da comunidade ainda não havia se definido nestas primeiras décadas.

É interessante notar que, nas décadas seguintes (segunda metade do século VII a.C) pode ser verificado um grande aumento de construções cívicas monumentais em Mégara *Hyblaea*: : sobre a *agorá* foram construídos os templo g e h ("templo sul" e "templo sul com colunata central", datados, respectivamente, como do terceiro e do último quartel do século VII a.C), além das *stoai* norte e oeste; no quarteirão imediatamente a oeste, foi construído o

¹⁸⁵ Ver, no capítulo 3 da presente dissertação, a figura 4, referente ao bairro da *agorá* de Mégara *Hyblaea* no início do século VII a.C, ou seja, aproximadamente três a quatro décadas após a fundação.

¹⁸⁶ Nas décadas posteriores – especificamente a partir da segunda metade do século VII a.C – estes lotes seriam redivididos.

¹⁸⁷ TUCÍDIDES, VI

Heroon (datado de cerca de 630 a.C.) e o templo oeste (cerca de 600 a.C); ao norte da agorá foi construído o edifício j ("pequeno templo norte", datado do terceiro quartel do século VII a.C), por fim, a sudoeste da agorá, foi construído um edifício de caráter administrativo, denominado edifício i (ver figura 5, no capítulo 3)

Tal transformação urbanística foi realizada num intervalo de apenas cinco décadas, porém teve início quase oito decênios após a fundação. Diante desse panorama temporal de Mégara *Hyblaea*¹⁸⁸ acreditamos ser possível afirmar que a história da cidade encontrava-se dividida em dois momentos principais. Entre fins do século VIII a.C e a primeira metade do século VII a.C, a comunidade constituía uma proto-cidade ainda sem uma organização política do tipo políade e sem um corpo cívico unificado. Já a segunda metade do século VII a.C, foi o momento em que ocorreu a estruturação política de Mégara *Hyblaea*, como é atestado pela construção de edifícios administrativos (como o edifício i, ao sul da *agorá*) e de outros edifícios públicos (como os templos e as *stoai*).

Tal afirmação vai ao encontro da proposição de Polignac, segundo a qual a formação da *polis* nas áreas coloniais não coincidia necessariamente com o estabelecimento da colônia, tendo sido posterior a este evento 189. Como afirmamos anteriormente no presente capitulo "as relações sociais e culturais, que iriam se constituir na base da *polis*, ainda se encontravam no início do processo de evolução". Mégara *Hyblaea*, de acordo com os dados apresentados pelas escavações, expostos no capitulo três, parece ter passado por essa etapa pré-políade, etapa que, neste caso, foi razoavelmente longa. Apenas depois de sete a oito décadas após chegada dos colonos (momento da fundação) emergia a *polis* no local. Outras cidades coloniais, como Siracusa, por exemplo, parecem ter tido uma transição mais rápida para a etapa políade. Na colônia coríntia, cerca de três décadas (uma geração) após a fundação, apareceram os primeiros santuários monumentais comunitários, indícios da existência de um corpo cívico devidamente organizado.

¹⁸⁸ Ver plantas referentes ao início do século VII e início do século VI a.C, respectivamente as figuras 4 e 5 do capítulo 3.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 101.

O pressuposto acima, presente na obra de François de Polignac, segundo o qual a formação da polis foi fruto de um processo que chegava a se completar apenas após muitas décadas, foi criticado por alguns estudiosos, entre os quais se destaca o pesquisador suíço Irad Malkin 190. Especialista em religiosidade das poleis gregas coloniais, Malkin rejeita a perspectiva, presente na obra "La naissace de la cite grecque", segundo a qual a colonização de uma determinada região pelos gregos antigos não poderia ser considerada um evento temporalmente definido, mas sim uma consequência de um longo processo.

Segundo o estudioso, essa perspectiva é comum a alguns historiadores e arqueólogos, sendo o principal expoente Robin Osborne¹⁹¹. Essa linha de pensamento rejeita a idéia de fundação devido ao seu caráter factual. Tal postura está relacionada às tendências historiográficas difundidas pela Escola dos *Annales*¹⁹², principalmente a profunda rejeição do grupo ao que é chamado de "História Eventual". Os autores que seguem essa perspectiva vêem a colonização grega não como um evento organizado, premeditado, mas como um processo lento e até mesmo desorganizado, do qual não participava apenas a comunidade grega, podendo envolver populações culturalmente e espacialmente variadas. As datas precisas e os eventos relacionados à fundação da polis seriam criações dos habitantes do local, estabelecidas, de um modo geral, muito depois da chegada dos colonos. O que afirmam estes estudiosos¹⁹³ é que tais informações, incluindo datas e nomes de fundadores pouco correspondiam à realidade.

Segundo essa tendência historiográfica, o próprio conceito de colonização não seria adequado ao caso da formação das poleis coloniais porque ele nos remeteria a colonização moderna, ocorrida da Europa em direção a outros continentes (como a América e a Oceania),

¹⁹⁰ MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara Hyblaea. Brill. Leiden, 2002, p. 195-225.

¹⁹¹ OSBORNE, R. Early Greek Colonization, in Archaic Greece: New Approaches and New Evidence, ed. N. Fisher and W. van Wees, London, 1998, p. 251-269.

¹⁹² A Escola dos Annales é um movimento historiográfico surgido a partir do periódico Annales d'histoire économique te sociale, publicado pela primeira vez em 1929, agora nomeado Annales. Histoire, Sciences Sociales. Foi criado no final da década de 20 por Marc Bloch e Lucien Febvre. A Escola dos Annales é conhecida por incorporar elementos das Ciências Sociais à História. Entre os membros mais eminentes na atualidade deste grupo estão Jacques Le Goff e Georges Duby. Para uma análise mais aprofundada dos Annales ver: BURKE, Peter. The French Historical Revolution: The Annales School, 1929-1989. Stanford University Press. 1991.

Entre os estudiosos, citados por Irad Malkin, que adotam esta perspectiva não factual, processual para o surgimento da polis grega no universo colonial estão Robin Osborne e os pesquisadores da Escola Britânica de um modo geral, e François Polignac. MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara Hyblaea. Brill. Leiden, 2002, p. 195-197.

a partir do século XV. De acordo com Robin Osborne e outros seguidores desta linha teórica, a colonização da Idade Moderna e a fundação das *apoikai* gregas seriam processos completamente diferentes.

A fundação de novas *poleis* no universo grego antigo poderia ser comparada, de acordo com a perspective destes autores, ao caso dos estabelecimentos fundados pelas populações *vikings*, nas Ilhas Britânicas e no norte da França, nos séculos IX e X, os quais eram consequência da iniciativa privadas de alguns indivíduos e seus seguidores, não havendo intervenção por parte do Estado¹⁹⁴. Neste sentido, a chamada "Historia eventual", que propõe, para o caso das *apoikai* gregas, uma estreita ligação - e até mesmo uma continuidade - em relação à história de suas metrópoles, estaria equivocada.

Irad Malkin opõe-se a esta linha teórica, ao afirmar que as colônias gregas surgiram como conseqüência de um processo organizado, temporalmente definido e que acarretou não apenas na fundação do estabelecimento, mas na formação da *polis* no local. O estudioso afirma ainda que o caso capaz de refutar esta tendência historiográfica exageradamente antifactual seria exatamente o caso de Mégara *Hyblaea*¹⁹⁵.

De acordo com Malkin, Mégara *Hyblaea* estaria longe de ser um exemplo de um estabelecimento desorganizado. O autor argumenta que, desde os primeiros anos após a chegada dos colonos, a cidade teria apresentado um arranjo urbanístico com altíssimo grau de sofisticação, com ruas, casas, espaços públicos e religiosos delimitados, tanto no centro da cidade (*agorá*) como nos confins¹⁹⁶. Os lotes de Mégara, de acordo com as pesquisas de Malkin, teriam sido divididos (em áreas públicas, privadas e cultuais) já nas primeiras gerações de colonos. Além disso, desde o princípio, as áreas destinadas às divindades teriam se espalhado por todo o território da comunidade megarense, podendo estar localizadas no centro, na periferia ou mesmo em áreas mais distantes.

Algumas objeções, entretanto, devem ser feitas à proposição de Malkin. Em primeiro lugar, o fato dos lotes de Mégara *Hyblaea* terem sido divididos logo após o estabelecimento dos colonos não parece ser necessariamente o pressuposto da elaboração de uma organização

MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002, p. 196.

¹⁹⁵ MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002, p. 197.

MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002, p. 197.

do tipo políade. Tal qual afirma Polignac, a *polis* não se revela na existência de um complexo urbanístico organizado e sim nas relações entre os indivíduos, nos acordos estabelecidos pelo grupo, nas hierarquizações, que tinham o objetivo de manter a unidade do grupo e garantir a posse do território¹⁹⁷.

Acreditamos que estas relações, as quais pressupõem a existência de uma *polis* organizada, não podem ser exemplificadas meramente a partir dos acordos referentes à divisão do território. A divisão inicial dos lotes, indubitavelmente fundamental em uma colônia desde o primeiro momento, tinha como objetivo repartir a terra entre os integrantes da expedição colonial e não necessariamente expressava que este grupo de indivíduos estava dando início aos acordos políticos, sociais e religiosos típicos de uma *polis*.

Outro argumento utilizado por Malkin é que, desde o princípio, já existia uma organização das áreas cultuais, com santuários de uso comunitário espalhados por toda a cidade. Apesar de não terem sido construídos templos e outras edificações monumentais nestes *temenos*, eles já seriam um indício de uma atividade cívico-religiosa estruturada. Os principais exemplos utilizados pelo estudioso para comprovar esta proposição são os casos do templo oeste (edifício c), localizado no quarteirão imediatamente a oeste da *agora* (ver figuras 7 e 8, no capítulo 3), e do pequeno templo norte (edifício j), localizado ao norte da *agorá* (ver figura 12 no capítulo 3).

No caso do templo oeste ¹⁹⁸, temos o exemplo de um edifício construído apenas na última metade do séc. VII a.C ¹⁹⁹, mas cujo espaço, ao que parece, já havia sido delimitado anteriormente. A existência de um altar construído no século VIII a.C caracterizaria, segundo Malkin, a área como reservada desde a primeira geração de colonos para uso cultual. O mesmo parece ter ocorrido, segundo o autor, com pequeno templo norte (edifício j) ²⁰⁰. Tratam-se, em ambos os casos, de santuários instalados logo após a fundação da cidade, mas que só receberam construções monumentais tempos depois²⁰¹.

A datação do edifício c foi possível, pois, em meio aos fragmentos da fundação, foram recolhidos cacos cerâmicos do século VII a.C de origem local e estrangeira.

MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002, p. 206-207.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 125.

¹⁹⁸ Ver, no capítulo 3, a figura 8, referente ao templo c.

Quanto ao templo i, a datação (terceiro quartel do século VII a.C) baseou-se no fato de ter sido encontrado, na trincheira de fundação do edifício, fragmentos de cerâmica local e protocoríntia, datadas de desde o início do VII a.C até o terceiro quartel do mesmo século. Ver, no capítulo 3, a figura 12, referente ao templo i.

Os dados arqueológicos parecem indicar que, muito provavelmente, ocorreram atividades cultuais nos referidos santuários em períodos anteriores à construção dos templos²⁰². Entretanto, o fato do local sido utilizado nas primeiras décadas de ocupação da cidade (final do século VIII a.C e início do século VII a.C) para funções religiosas não parece significar necessariamente que já se tratava de santuários de uso comunitário, de santuários políades. É importante ressaltar que os gregos tendiam a organizar santuários em locais que já tivessem uma função sagrada, nos quais já houvesse uma "presença divina". Neste sentido, é provável que os templos tivessem sido construídos em áreas que já recebessem atividades cultuais, mesmo se tratando de cultos familiares ou restritos a um determinado grupo. Ou seja, de cultos que não envolviam a totalidade da população e que não tinham um caráter cívico.

Mais tarde, no momento da elaboração política da cidade, estes santuários possivelmente foram integrados ao complexo religioso da *polis*. Reiterando, ao contrário do que afirma Malkin, não acreditamos ser possível classificar estes santuários em uso entre os séculos VIII a.C e início do século VII a.C como políades, unicamente porque meio século depois os locais assumiriam esta função. A presença de manifestações cultuais em locais que mais adiante assumiriam uma função clara de *temenos* comunitário, não nos parece ser um indício de que, nas primeiras décadas de ocupação, já havia um complexo cívico-religioso devidamente organizado.

De acordo com Irad Malkin, a *agorá* de Mégara *Hyblaea* teria sido organizada desde a fundação como um espaço público, em oposição às áreas privadas²⁰³. Apesar de o local só ter recebido construções de caráter monumental cerca de três gerações após a chegada dos colonos, ele já teria sido previamente reservado. Segundo o autor, não parece haver outra forma de explicar o porquê de uma ampla área localizada no centro da cidade não ter sido utilizada logo de início. Obviamente as particularidades do uso deste local não devem ter sido programadas, mas foram determinadas na medida em que os edifícios foram sendo construídos. Contudo, sua função geral (espaço público e religioso) deve ter sido estabelecida desde a primeira geração.

No caso do pequeno templo norte, foram encontrados no local fragmentos de cerâmica do início do século VII a.C. No caso do templo oeste, foram encontrados vestígios de um altar, datado de fins do século VIII a.C ou do início do século VII a.C.

²⁰³ Ver no capítulo 3 as figuras 4, 5 e 6, nas quais é apresentado um panorama da *agorá* de Mégara Hyblea, respectivamente, no início dos séculos VII a.C, VI a.C e V a.C.

Os indícios arqueológicos (ver a figura 4 no capítulo 3) nos levam a concordar com a proposição de Malkin, segundo a qual o local onde mais tarde seria organizada a *agorá* parece ter sido reservado desde as primeiras gerações de colonos e, possivelmente, para uso comunitário. É até mesmo possível, tal qual afirmamos no capítulo três que "mesmo antes das edificações, o local já fosse utilizado como um tipo de *agorá* primitiva".

Entretanto, apenas a presença de uma área de uso comunitário – como parece ter sido a *agorá* - não nos parece ser um indicativo de que a *polis* encontrava-se plenamente estruturada. O que dizer sobre a ausência de edifícios administrativos, indícios de uma organização política? E, principalmente, o que dizer sobre a ausência de áreas sagradas de função comprovadamente cívico-religiosa? Acreditamos, como argumenta Polignac, que a *polis* é fruto de um conjunto de transformações. Estas transformações se processam não de um momento para o outro, mas num intervalo de tempo que pode variar de comunidade para comunidade. A *polis* só pode ser considerada estruturada quando existem indícios claros de um corpo civil organizado, o que se manifesta principalmente através de praticas religiosas. Estas práticas religiosas, por sua vez, podem ser verificadas a partir da presença de santuários políades.

Como já afirmamos, não há indício de nenhum santuário políade anterior a segunda metade do século VII a.C (ver figura 4, no capítulo 3). No bairro da *agorá* todos os templos foram erguidos depois desta data: o templo oeste foi construído por volta de 600 a.C; os templos sobre a agora (templo sul e templo sul com colunata central), por volta do terceiro e do quarto quartel do século VII a.C; o *Heroon* parece ter sido construído por volta de 630 a.C; o pequeno templo norte é do terceiro quartel do século VII, mesma data em que foi construído o templo sudeste (edifício 1).

Fora do bairro da *agorá*, mas ainda no setor intra-mural a situação não é muito diferente. No setor noroeste do sítio, no maior santuário conhecido de Mégara *Hyblaea*, encontra-se o chamado templo A, construído provavelmente início do século VI a.C. No setor litorâneo, ao norte, foram descobertos vestígios de um templo, denominado templo C, datado de cerca de 570 a.C. Por fim, no setor central do sítio amuralhado, 400m a oeste do templo l,

foram encontrados indícios de mais um templo (denominado templo B) datado do início do século VI a.C²⁰⁴ (ver figura 16, no capítulo 3).

Como afirmamos no capítulo três, os únicos indícios de atividade religiosa encontrados para este período (primeiras décadas após a chegada dos colonos) são: área cultual delimitada, datada do início do século VII a.C, localizado no segundo quarteirão a oeste da *agorá*; um altar (fins do século VIII a.C ao início do século VII a.C) localizado numa área delimitada, na qual, um século depois, seria construído o templo c; no extremo sul da área intra-mural foram encontrados vestígios de um santuário em atividade desde o final do VIII a.C até a fase final de ocupação arcaica; por fim, um depósito votivo datado do final do século VIII a.C ao início do VII a.C, localizado no extremo norte da área intra-mural. Nenhuma destas áreas de culto possui características que nos permitam classificá-las como santuários políades. Pelas dimensões e características materiais, pode ter se tratado de santuários utilizados por um pequeno número de pessoas e sem relação com a elaboração política da cidade.

Todavia, um dado nos parece intrigante. Entre os vestígios de áreas cultuais mais interessantes de Mégara *Hyblaea* encontram-se o depósito votivo localizado no extremo norte da área intra-mural e os vestígios de um outro santuário no extremo sul da mesma área, todos em uso entre fins do século VIII a.C e início do século VII a.C. Seria uma tentativa de delimitar o assentamento principal a partir destas práticas cultuais? Sabemos, por meio das projeções de Franco De Angelis que, durante as primeiras décadas de ocupação, o território de Mégara se restringia ao que mais tarde seria a área amuralhada. Teriam estas áreas cultuais realizado uma função provisória de santuários extra-urbanos de fronteira, seguindo a classificação de Polignac?

Segundo Irad Malkin existiriam diferenças fundamentais entre o processo de delimitação territorial nos casos metropolitano e colonial. Em se tratando das fundações, a tomada de posse do território teria sido muito mais delicada e lenta que nas metrópoles. A *chora* de uma colônia, de acordo com Malkin, foi sendo ocupada gradativamente, sendo que sua organização final foi posterior ao estabelecimento da *polis*, que era formada, de início, a partir do núcleo central, pelo setor urbano e por um território provisório, o qual foi pouco a pouco se expandindo. Nesse sentido, retomando o caso de Mégara *Hyblaea*, estes depósitos

Ver, no capítulo 3, a figura 16, referente aos locais de prática religiosa da área intra-mural de Mégara Hyblaea.

votivos poderiam, naquele momento (fins do século VIII a.C e início do século VII a.C) cumprir a função de santuários de fronteira.

Entretanto, é importante ressaltar que os referidos depósitos votivos poderiam cumprir a função de santuários de fronteira desde que apresentassem características de um santuário extra-urbano de fronteira. De acordo com Polignac, o santuário extra-urbano de fronteira simbolizava a soberania dos gregos no local, daí, por exemplo, a ausência de elementos religiosos indígenas²⁰⁵. Da sua importância como "guardião da civilização e da cidade" ²⁰⁶, vem sua seu caráter monumental. No caso dos vestígios cultuais localizados no extremo sul e norte da área intra-mural de Mégara *Hyblaea* (considerando que esta possa ter sido o território da cidade entre o fim do século VIII a.C e início do século VII a.), não existe nenhum indício de monumentalidade.

O caso destes santuários parece ser semelhante ao das outras áreas cultuais localizadas no bairro da *agorá* em uso durante o primeiro período de ocupação da colônia. Se tomados em conjunto, estes locais de culto apresentam a mesma característica fundamental da organização urbanística de Mégara *Hyblaea*, a qual, mesmo com a existência de um traçado de ruas bem elaborado, mostra-se dispersa. Em outras palavras, essas pequenas manifestações cultuais não dão indícios claros da existência de uma estruturação do complexo cívico-religioso da cidade.

Um outro ponto essencial do Modelo de Polignac é a importância do santuário monumental extra-urbano no complexo religioso da cidade e, consequentemente, no processo de emergência da *polis*. Esta categoria de *temenos* teria as importantes funções de, por um lado, integrar a população que vivia no campo e, consequentemente unir a *asty* e a *chora*, mantendo a coesão do grupo e, por outro, garantir a posse e a proteção divina ao território, o que se tornava ainda mais fundamental em uma região de fronteira. De acordo com Polignac, tanto no contexto metropolitano quanto no colonial, predominaria nas *poleis* uma organização religiosa cujos núcleos principais seriam o santuário localizado no centro político da cidade e um santuário principal extra-urbano, ou seja, predominaria uma organização religiosa bipolar.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 100.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 108.

Não é possível verificar esta bipolaridade em Mégara *Hyblaea* e nem analisar a importância, nesta colônia, dos santuários extra-urbanos. A razão é simples: ausência de documentação arqueológica. A *chora* megarense ainda não se encontra devidamente escavada, exceção feita a poucos setores. O único santuário descoberto no setor extra-urbano é um pequeno templo, datado do século VI a.C, localizado cerca de 2 Km a norte do núcleo central de habitação (ver, no capítulo 3, a figura 17). É muito pouco provável que este tenha sido o único santuário extra-urbano da cidade. Portanto, o complexo religioso extra-urbano megarense encontra-se quase completamente desconhecido. Neste sentido, diante da ausência de documentação arqueológica, torna-se impossível analisar como se organizava a atividade cultual extra-urbana da cidade.

Entre os aspectos mais discutidos pelos estudiosos em relação à Mégara *Hyblaea* está a possível influência da situação política da metrópole no processo de organização da colônia²⁰⁷. De acordo com fontes textuais, Mégara *Nisaia* estaria, como várias outras comunidades gregas, passando por um processo de *sinoecismo* ao longo do século VIII a.C. Tal processo, do qual participaram várias comunidades dispersas da Megárida, teria sido, por conseguinte, contemporâneo à fundação da colônia siciliota.

Plutarco²⁰⁸ afirma que, em épocas antigas, os habitantes da Megárida estariam divididos em cinco tribos: *Megara*, *Heraia*, *Peraia*, *Kynosoura* e *Tripodiskos*. Já Estrabão²⁰⁹ trás uma nomeação diferente para estas tribos: *Krommyon*, *Polichne*, *Aigeiroussa*, *Nisea* e *Tripodes*. Entretanto, nenhum destes dois autores fornecem uma datação precisa²¹⁰. Diante destas informações esparsas e contraditórias, como afirmam Vallet, Villard e Auberson²¹¹,

_

Esta hipótese foi proposta por vários estudiosos. Entre eles J. Svembro, Franco De Angelis, François de Polignac e o próprio grupo responsável pelas escavações de Mégara *Hyblaea* na década de 50, liderado por Georges Vallet, François Villard e Paul Auberson. Ver: SVEMBRO, J. "A Mégara *Hyblaea*: le corps géomètre". **Analles ESC** 37, 1982, p. 953-964; DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* **and Selinous.** The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2004, p. 47-48; POLIGNAC, F. L' Installation des dieux. *In* **La colonisation grecque en Mediterranée ocidentale** (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999; VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, 403-427.

²⁰⁸ PLUTARCO. **Questões gregas**, 17, *apud* VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, p. 406.

²⁰⁹ ESTRABÃO, 8,6,22; 9,1,10. *apud:* VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 406.

Plutarco afirma que esta divisão pertenceria a uma "data antiga" (τὸ παλαιόν). PLUTARCO. Questões gregas, 17, apud VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976, p. 406.

²¹¹ VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara *Hyblaea* 1: **Le quartier de l'ágora archaïque.** Paris, 1976, 403-426.

não é possível determinar nem a data, nem as modalidades do processo de *sinoecismo* de Mégara *Nisaia*, tornando difícil determinar até que ponto ele teve influencia no processo de estruturação política de Mégara *Hyblaea*.

Irad Malkin rejeita a hipótese de que a Mégara *Hyblaea* tenha sofrido reflexos da dispersão política de sua metrópole²¹². Embora aceite a possibilidade do grupo inicial de colonos ser formado por famílias oriundas de várias dessas supostas tribos, Malkin acredita que o evento colonizatório por si só já pressupõe uma união dos colonos tendo em vista a conquista do território. Em outras palavras, já pressupõe o estabelecimento de acordos e de cooperação visando interesses comuns ao grupo o que seria o prenúncio de uma organização políade.

De acordo com Malkin, o *oikistes* teria exercido um papel fundamental no que concerne a coesão do grupo de colonos. Este indivíduo seria o responsável por liderar os colonos durante a viagem ao local da futura *polis* e também na conquista do território. Território inicial conquistado, o *oikistes* ainda cuidaria da divisão inicial dos lotes, separando áreas públicas, religiosas (*temenoi*), e os lotes entre os colonos. A existência do *oikistes*, para Malkin, pode ser considerada um indício claro de que a expedição colonizatória possuía um considerável grau de organização.

Mas, como comprovar a existência de um *oikistes*, principalmente no caso das fundações do século VIII a.C, em relação às quais as fontes escritas são tardias? Malkin afirma que é justamente a obscuridade e a natureza não legendária destes líderes que garantem sua autenticidade. Seria este o caso, segundo o autor, de Lamis, o *oikistes* de Mégara *Hyblaea*, em relação ao qual as referências são esparsas, porém objetivas. Não parecem existir, relacionadas a este personagem, histórias de caráter fantasioso, as quais são típicas de criações lendárias tardias²¹³.

Entre os processos de formação da *polis* ocorridos na região metropolitana e na região colonial, de acordo com Malkin, existiriam profundas diferenças. No caso dos grupos da Hélade, a *polis* se formou a partir da evolução de comunidades estabelecidas há um longo tempo naquela região. A aglutinação populacional foi ocorrendo pouco a pouco. Neste caso, é

²¹² MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002, p. 207.

MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002, p. 212.

possível afirmar que a organização políade foi se constituindo paulatinamente, a partir de um longo processo e não de um evento temporalmente delimitado.

Por outro lado, o estabelecimento das *poleis* coloniais decorreria de um acontecimento organizado e premeditado. A formação das expedições ocorreria a partir de um objetivo específico: fundar uma nova comunidade. Consequentemente, segundo Malkin, os colonos já se encontravam previamente organizados, tendo inclusive uma liderança, o *oikistes*, o qual iria exercer um papel fundamental não apenas na expedição em si, mas na organização e delimitação do território inicial. Nas palavras do estudioso, "eu vejo a situação colonial como muito dinâmica, orientada para a fronteira, onde a autoridade de um indivíduo proeminente pode ser facilmente balanceada" ²¹⁴.

Concordamos com a afirmação de Malkin segundo a qual as expedições colonizatórias possuíam um considerável grau de organização, expresso, por exemplo, na liderança do *oikistes*. Concordamos ainda que houvesse um objetivo claro: a conquista de terras visando à estruturação de um tipo de comunidade. É pertinente ainda a proposição do autor suíço segundo a qual existem diferenças fundamentais entre processo de organização da *polis* no universo metropolitano e no universo colonial. A aglutinação populacional na Hélade foi fruto de um processo mais lento, que se desenrolou ao longo de todo o século VIII a.C e início do século VII a.C. Já no universo colonial este processo parece ter se completado num intervalo menor de tempo²¹⁵, poucas gerações após a chegada dos colonos.

Por outro lado, ao contrário de Malkin, acreditamos que a organização das colônias - nos âmbitos social, político e cultural - deve ter sofrido uma influência considerável da situação da Hélade, cuja realidade era de um processo inconcluso de *sinoecismo*. De Angelis aponta para a importância de considerar a experiência dos colonos em terras metropolitanas como parte integrante do processo de organização da nova cidade²¹⁶. A mesma posição parece ser assumida por Polignac que, ao analisar o caso de Mégara *Nisaia*, sugere que a organização espacial da colônia siciliota tenha sofrido reflexos de tal fragmentação²¹⁷.

²¹⁴ MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002, p. 210.

Que, evidentemente, variava de comunidade para comunidade.

DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and **Selinous.** The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2004, p. 47.

POLIGNAC, F. L' Installation des dieux. *In* La colonisation grecque en Mediterranée ocidentale (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999, p. 217.

Antes de se estabelecerem no local onde seria fundada Mégara *Hyblaea*, os colonos haviam se estabelecido na península de Tapsos, tendo sido expulsos pelos siracusianos do local, segundo afirma a tradição textual²¹⁸. Ora, Siracusa foi uma colônia fundada na Sicília por migrantes coríntios. Sabemos que Mégara *Nisaia* e Corinto vivenciaram freqüentes disputas territoriais ao longo do século VIII a.C. Nesse sentido, podemos considerar o confronto em Tapsos, em grande parte, como uma conseqüência, de uma disputa que já havia se iniciado na metrópole²¹⁹. Acreditamos que este fato pode ser considerado uma pequena amostra de como a experiência metropolitana influenciava no universo colonial.

Acreditamos que a formação das comunidades no universo colonial deve ter ocorrido a partir de um modelo, de um padrão de assentamento. E que padrão seria esse senão o da comunidade de origem dos colonos? Nesse sentido, concordamos com De Angelis e Polignac, os quais afirmam que a organização de Mégara *Hyblaea* durante as primeiras décadas de ocupação possuía, provavelmente, reflexos da organização da Mégara *Nisaia* do momento da saída dos colonos.

Além disso, os próprios vestígios matérias da colônia siciliota indicam a ausência de uma organização centralizada durante fins do século VIII a.C e início do século VII a.C: pequeno número de moradias, organizadas de forma dispersa em torno do local onde futuramente seria erguida a *agorá*; nos lotes das moradias provavelmente teriam sido desenvolvidas atividades agrícolas, caracterizando a comunidade como estando num estágio semi-urbano; as moradias não sugerem nenhuma diferenciação social, indicando que a hierarquização, típica da polis, ainda não havia se estabelecido²²⁰; não existe nenhum indício de edificações administrativas e tampouco cívico-religiosas na comunidade para este período.

Todas estas características parecem demonstrar que a *polis*, em Mégara *Hyblaea*, não se desenvolveu concomitantemente à fundação da colônia. O caso megarense mostra a existência de um processo no qual as mudanças foram ocorrendo paulatinamente, em direção a estruturação de uma comunidade políade. Tal processo só se completaria na metade do século VII a.C., cerca de três gerações após a chegada dos primeiros colonos.

DE ANGELIS, Franco. **Mégara** *Hyblaea* and Selinous. The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2004, p. 48.

²¹⁸ TUCÍDIDES, VI, 3-5.

De acordo com o conceito de polis expresso por François de Polignac: "... a 'polis' é o resultado de uma colocação progressiva de coesões e hierarquizações sociais sob a forma de uma busca de acordos sobre a escolha dos cultos mediadores e das modalidades de participação nos ritos." POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe. VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 125.

Não há dúvidas, tal qual afirma Malkin, de que os colonos vindos de Mégara *Nisaia* tinham um objetivo pré-determinado: o de fundar uma comunidade. Mas o fato deles pretenderem estabelecer uma nova comunidade não significa necessariamente que eles pretendiam fundar uma comunidade do tipo políade. Mesmo porque eles não possuíam elementos para fundar uma comunidade políade, já que esse padrão de organização social ainda não existia na metrópole. Foram as experiências vivenciadas pelo grupo megarense na Sicília, as "mise in place progressive de cohédions et de hiérarchisations socials" que proporcionaram o nascimento da polis no local.

Retomando um dos pontos principais do modelo de Polignac, o principal indício do desenvolvimento de uma organização políade é o aparecimento dos primeiros espaços reservados para utilização pública, principalmente os primeiros santuários de caráter monumental. Estes edifícios cultuais seriam a expressão da existência de práticas cívico-religiosas, o que pressupunha, de acordo com o autor francês, uma comunidade politicamente organizada²²¹. Os cultos comunitários foram fundamentais no processo de coesão do grupo e de tomada de posse do território – conquista fundamental, como afirma Polignac, não apenas no universo metropolitano como no colonial²²².

Em Mégara *Hyblaea*, os vestígios arqueológicos demonstram que as primeiras manifestações cívico-religiosas surgiriam apenas a partir da segunda metade do século VII a.C, assim como os demais elementos típicos políades (estruturação do território, edificações administrativas, inicio de um processo de hierarquização social). Em vista disso, concluímos que, somente nesse segundo momento de ocupação da cidade, os passos – não necessariamente conscientes - em direção a *polis* tinham alcançado seu propósito. O que parece ter existido antes, entre fins do século VIII a.C e o início do século VII a.C., é uma comunidade relativamente organizada, mas cuja organização ainda não caracterizava a instituição grega típica dos períodos arcaico e clássico, a cidade-estado, a *polis*, ou "*la cité cultuelle*", nas palavras de François De Polignac.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 30.

POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe.- VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984, p. 125.

CONCLUSÃO

De acordo com nossas pesquisas, verificamos que Mégara *Hyblaea* apresenta um típico panorama de uma colônia grega do período arcaico. Fundada em uma das primeiras ondas migratórias saídas da Grécia, ainda no século VIII a.C, em direção ao Ocidente, a cidade acompanhou o desenvolvimento sócio-político que ocorria também em outras *apoikiai* e no contexto metropolitano. Trata-se do momento em que a *polis*, instituição política típica grega, estava paulatinamente se estruturando, na Hélade e nas cidades coloniais. Os conflitos sociais e políticos eram significativos naquele período, principalmente devido ao excedente populacional e à disputa por terras férteis. Tal disputa era intensa entre os grupos populacionais vizinhos, mas também ocorria no interior das comunidades.

O nascimento da *polis* integra um processo complexo que abrange a necessidade de administrar estes conflitos e promover a conciliação entre os habitantes de um mesmo território. Nesta conjuntura, a religião parece ter tido uma importância fundamental, pois promovia a união entre os indivíduos que se identificavam a partir dos cultos em comum. Além disso, os locais de prática religiosa tornavam-se pontos de encontro entre a população, fomentando a realização de acordos negociados entre os vários grupos sociais por vezes envolvidos em disputas. É fundamental ainda ressaltar a importância da religião como elemento identificador de uma comunidade, promovendo o desenvolvimento do ideal cívico. Reconhecendo-se como pertencentes a um mesmo grupo, os habitantes de uma região eram estimulados a lutar por seu território, buscando obter a posse das terras. A implantação de santuários nas áreas de fronteira, algo bastante freqüente entre os habitantes da Hélade no período arcaico, possui um intento claro de apropriação do território, utilizando a religião – cultos políades de caráter cívico - como meio.

No caso das *apoikiai*, este processo de *identificação* da comunidade e de apropriação do território ocorria de uma forma diferente, já que se tratava de um outro contexto, o colonial. Distantes de sua terra de origem, os gregos tinham que se estabelecer em locais praticamente desconhecidos, enfrentando a oposição de populações autóctones, além de ter que administrar a acomodação de novas levas de colonos gregos que não cessavam de chegar. Nesta situação, a união do grupo fazia-se ainda mais necessária.

É necessário salientar que a própria presença de uma expedição fundadora já demonstrava a existência de certa organização e de certo grau de união do grupo. Nesse sentido, as colônias gregas já surgiam com um corpo populacional relativamente interligado,

cujos laços eram oriundos principalmente do esforço migratório realizado em comum. Entretanto, este tipo de união não garantia a implantação imediata de uma *polis*; ela era apenas um passo para que futuramente ocorresse uma integração do tipo políade. Após a fundação da colônia, era necessário que fossem sendo estabelecidos os acordos entre os indivíduos, mediados pelos cultos, para que a organização sócio-política pudesse ser consolidada e a *polis* se tornasse viável.

O processo de formação da *polis* ocorreu contemporaneamente entre os gregos, tanto no contexto metropolitano quanto no colônial. Mas como verificar as etapas deste processo a partir dos dados arqueológicos? Ora, sabemos que, principalmente para o período arcaico, a documentação escrita é escassa em se tratando da maioria das comunidades gregas (como é o caso de Mégara *Hyblaea*). O caminho para o entendimento da evolução destas comunidades, portanto, só pode ser trilhado a partir de dados oriundos da Arqueologia. Nesse sentido, a compreensão da evolução sócio-política e do desenvolvimento econômico, cultural ou religioso de muitas comunidades gregas do período arcaico passa, inevitavelmente, pela analise de documentos materiais. Nossa pesquisa caminhou, então, nesta direção, fundamentada pelas novas perspectivas que a Arqueologia Clássica tem abarcado nos últimos anos.

Assim, como já afirmamos anteriormente, a dimensão espacial foi a referencia básica para o desenvolvimento de nossas análises: é no espaço que se desenvolvem as ações humanas e nele os homens deixam registrados os seus vestígios. O espaço é transformado pelo homem conforme suas necessidades, é criado e recriado constantemente. O espaço natural, principalmente no que se refere às civilizações antigas, pode orientar ou mesmo limitar o desenvolvimento econômico de uma comunidade. Além disso, depois de modificado pelo homem, o espaço orienta as ações e o comportamentos sociais, pois nele estão inseridas regras de comportamento e hierarquizações sociais. Seja ele construído ou modificado pelo homem, o espaço fossiliza idéias que têm participação ativa na sociedade. A sociedade cria o espaço e ele, de certa forma e até certo ponto, recria a sociedade. No primeiro capitulo da dissertação, "Os Estudos Espaciais e a Arqueologia Clássica", procuramos demonstrar de uma forma mais aprofundada a importância do espaço como agente explicativo e ativo nas sociedades.

A seguir, no capítulo dois, "*Uma cidade-estado grega arcaica:o caso de Mégara Hyblaea*", buscamos apresentar um panorama histórico da expansão grega no Mediterrâneo Ocidental com especial destaque para Mégra Hyblaea.: a partir desta análise contextual verificamos que a fundação de Mégara *Hyblaea*, assim como de várias outras colônias gregas, foi fruto de um processo migratório bastante intenso ocorrido entre os séculos VIII a.C e VII a.C, partindo da Hélade em direção a várias regiões em torno do mar Mediterrâneo e mar Negro. O sul da península Itálica e a Sicília estavam entre as regiões que mais receberiam colonos gregos. É importante salientar que não houve apenas uma causa para essa emigração. Dentre os fatores importantes estão interesses comerciais e as disputas políticas que vinham ocorrendo em várias comunidades da Hélade. Entretanto, talvez o mais relevante dentre estes fatores parece ter sido os conflitos ocasionados pela escassez de terras férteis, num contexto de grande aumento populacional²²³.

No terceiro capítulo, "O desenvolvimento urbanístico de Mégara Hyblaea: repertório de mapas, plantas e estruturas", verificamos, a partir das imagens coletadas, como se deu o desenvolvimento espacial e urbanístico de Mégara para, a partir daí, analisarmos sua evolução social, econômica e religiosa. A partir deste estudo, identificamos a existência de duas etapas principais de ocupação e organização espacial na colônia.

Numa primeira etapa²²⁴, com a duração de aproximadamente duas a três gerações, fundou-se uma assentamento, uma proto-cidade. Todavia, ainda não podem ser verificados indícios de uma organização do tipo políade. Dentre as principais características dessa etapa está a construção de um pequeno número de moradias em lotes proporcionalmente grandes. Esta informação parece indicar que esses lotes podiam ser utilizados, eventualmente, para atividades agrícolas. Nesse sentido, Mégara apresentava uma organização pré-urbana. As moradias edificadas nessa fase são quase idênticas, indicando que provavelmente inexistiam grandes diferenças sociais.

-

Conforme mostram os estudos de Anthony Snodrass, a população grega, ao longo do século VIII a.C, aumentou, em algumas regiões, num coeficiente sete. A existência de tais conflitos impunha a necessidade de que fossem estabelecidos acordos sociais e políticos no interior das comunidades. Esses acordos parecem ter sido mediados pelas práticas religiosas em comum, tendo como resultado o nascimento da *polis*, fenômeno que ocorreu não apenas no contexto metropolitano, como no colonial. SNODGRASS, A. M. Archaic Greece: The age of Experiment. Londres, 1981

²²⁴ Ver, no capítulo três a figura 4, referente a área urbana central de Mégara *Hyblaea* no início do século VII a.C.

Outra característica do período é que não foram encontrados indícios da edificação de grandes santuários. Dentre os vestígios de prática religiosa encontram-se apenas alguns enterramentos votivos, poucos altares e algumas áreas cultuais delimitadas. No entanto, nenhum destes vestígios indica a existência de práticas cultuais coletivas do tipo políade. Também, não foi edificada nesta fase nenhuma construção de caráter administrativo e, sob a agorá, não há estruturas, embora a área pareça ter sido reservada desde o início do povoamento. Em suma, não se verifica em Mégara Hyblaea, para a primeira etapa da ocupação, indícios de organização cívica, religiosa e de hierarquização social típicas de uma polis.

A segunda etapa²²⁵ de ocupação teve início na segunda metade do século VII a.C e perdurou até a destruição da cidade no final do século V a.C. Nesse período, Mégara *Hyblaea* parece ter vivenciado uma significativa expansão territorial. Há indícios da presença dos megarenses em regiões mais distantes do núcleo central de habitação. Dentre estes indícios está a utilização de reservas de pedras em locais entre 4 e 10 Km distantes do bairro da *agorá* ²²⁶, conforme indicam os estudos de Franco De Angelis²²⁷. A partir da segunda metade do século VII a.C também teve início a construção de edificações de caráter cívico e religioso da cidade.

A *agorá* foi estruturada nesse período, com a construção das *stoai* e dos templos. Também nessa fase as residências existentes foram ampliadas e novas casas foram erguidas, sendo que já se torna possível verificar certa hierarquização social a partir das moradias. As necrópoles também foram organizadas a partir da segunda metade do século VII a.C; para o período anterior só podiam ser verificados enterramentos dispersos. Por fim, no final do século VI a.C foi construída uma muralha em torno do setor urbano de Mégara *Hyblaea*, o que parece ser um indício da existência de conflitos em relação às comunidades vizinhas²²⁸.

Todas as características verificadas no desenvolvimento urbanístico e espacial de Mégara a partir da segunda metade do século VII a.C parecem indicar que este foi o momento em que a cidade encontrava-se politicamente estruturada ou, em outras palavras, o momento

Ver, no capítulo três a figura 5, referente a área urbana central de Mégara *Hyblaea* no início do século VI a.C.
 Ver, no capítulo três a figura 2, referente ao provável território megarense.

DE ANGELIS, Franco. **Mégara Hyblaea and Selinous.** The Development of two Greek City-States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003.

²²⁸ Alguns documentos escritos também fazem menção à existência de conflitos entre Mégara e cidades vizinhas como Siracusa e Leontinos.

em que a *polis* encontrava-se organizada no local. Dentre os principais indícios espaciais da existência de uma organização políade podem ser citados: a diferenciação das moradias, indicando hierarquização social; a existência de áreas de necrópoles organizadas; a existências de edifícios cívicos e administrativos; a presença de uma *agorá* com estruturas, como *stoai* e templos, construídas, e a presença de edificações religiosas ou santuários coletivos. Pode também ser considerado um indício de postura cívica – e conseqüentemente da existência da *polis* - a presença de conflitos com as comunidades vizinhas. Todas essas características só se fazem presentes em Mégara Hyblaea a partir do segundo momento de ocupação, caracterizando o desenvolvimento da *polis* no local.

O quarto e último capitulo desta dissertação, "O modelo de Polignac e o caso de Mégara Hyblaea", foi dedicado à análise do Modelo de Polignac e às suas possibilidades de aplicação ao caso de Mégara Hyblaea. Notamos que o modelo em questão apresenta-se adequado para explicar a evolução urbanística e social de Mégara. Por exemplo, de acordo com Polignac, a formação das poleis no contexto colonial ocorria em duas etapas: uma etapa pré-políade, com a formação de um núcleo inicial de habitação, uma "proto-cidade" e uma segunda etapa, na qual seria estruturada uma organização do tipo políade e, ao lado dela, o complexo religioso da cidade. Verificamos no caso de Mégara Hyblaea a existência destas duas etapas de ocupação.

Alguns aspectos do Modelo de Polignac, entretanto, não puderam ser analisados no caso de Mégara Hyblaea. De acordo com o autor francês, por exemplo, as práticas religiosas da *polis* teriam dois centros de culto principais: um santuário urbano, localizado na acrópole ou na *agorá*, e um santuário extra-urbano, localizado na *chora*. Não foi possível verificar a presença desta estrutura bipolar em Mégara *Hyblaea*, pelo fato do setor extra-urbano da colônia ainda não ter sido sistematicamente escavado.

A realização da presente dissertação, resultado de nossa pesquisa de mestrado, encontrou alguns empecilhos, resultantes principalmente da escassez de dados arqueológicos referentes ao setor extra-urbano. Entretanto, foi possível a realização de suas propostas iniciais, a saber: analisar a organização dos espaços sagrados em Mégara *Hyblaea* e verificar neste caso específico as possibilidades de aplicação do Modelo de Polignac.

Ao termino da dissertação, notamos que o caso de Mégara apresenta inúmeras possibilidades de estudo, mas, no que concerne a uma compreensão plena do desenvolvimento urbanístico e espacial da cidade, seria necessária a ampliação dos trabalhos de escavação, além da publicação do resultado das pesquisas que já estejam sendo realizadas. Por outro lado, verificamos que o modelo elaborado por François de Polignac apresenta hipóteses bastante pertinentes para o surgimento da *poleis* coloniais. Nesse sentido, apesar das limitações impostas pelo andamento dos trabalhos arqueológicos em Mégara, os dados existentes permitiram-nos verificar a procedência do modelo em muitos aspectos.

Concluímos, enfim, que Mégara *Hyblaea*, a partir do momento de sua fundação, vivenciou uma profunda transformação em sua organização espacial e social, passando de um mero aglomerado populacional a uma organização do tipo políade. Tal transformação foi permeada pela elaboração de uma identidade cívica, a qual teve como principal agente fomentador a religiosidade. De uma expedição de colonos vindos de Mégara *Nisaia* e instalados na Sicília surgiria a colônia. Mas somente após um processo de *sinoecismo*, ocorrido a partir de acordos mediados pelos cultos comunitários, surgiria, em Mégara *Hyblaea*, "la cité cultuelle" ou, em outras palavras, a *polis*.

Referências Bibliográficas

Fontes textuais:

HESIODO. Os Trabalhos e os dias. São Paulo: Iluminuras, 1991.

PLUTARCO. Oeuvres de Plutarque. Paris : Jean-Baptiste Cussac, 1787

POLIBIO. **Historias.** Madrid: Guedos, 1981 (trad.: M. B. Recort).

STRABON. Geographie. Paris: Les Belles Lettres, 1981 (trad.: F. Lesserre).

TUCÍDIDES. História da guerra do Peloponeso. Brasília: UnB, 1987 (trad.: M.G. Kury).

Obras gerais:

- AINIAN, A. M. From ruller 's dwellings to temples. Architecture, Religion and society in Early Iron Age (1100-700 BC) Studies in Mediterranean Archeology, CXXI, 1997.
- ALCOCK, S; OSBORNE, R. **Placing the gods.** Sanctuaires and Sacred Space in anciente Greece. Londres, 1996.
- ANTONACCIO, C. **Archaeology of Ancestors.** Tomb cult and Héro cult in Early Greece. Londres, 1995.
- ASHERI, D. **Distribuzioni di terre nell'antica Grécia**, Memoria dell'Accademia della Scienze di Torino, Série 4, no. 10, 1966.
- BÉRARD, J. **L'Expansion et la colonisation grecques.** Jusqu'aux Guerres Médiques. Paris, 1960.
- BOARDMAN, J. Les Grecs outre-mer. Colonisation et commerce archaïques. Paris: Centre Jean Bérard, 1973.
- BROISE, H; GRAS, M.; TRÉZINY, H. Bilan des fouilles récentes sur le plateau sud, **MEFRA**, 95, 1983.
- BURKE, Peter. **The French Historical Revolution: The Annales School, 1929-1989**. Stanford University Press. 1991.
- BURKERT, W. Creation of the sacred. Traces of Biology in Early Religions. Harvard, 1996.
- BURKERT, W. Greek Religion. Archaic and Classical. Trad. Ingl. 1985.

- COLDSTREAM, J. M. Geometric greece. Cambridge, 1977.
- COULANGES, Fustel. **A Cidade- Estado Antiga**. Ediouro, 2004 (primeira edição: *La Cité antique*: Paris, Hachette, 1864)
- DE ANGELIS, Franco. **Mégara Hyblaea and Selinous.** The Development of two Greek City- States in Archaic Sicily. Oxford University School of Archaeology, 2003.
- DE ANGELIS, Franco. Foundation of Selinous: overpopulation or opportunities? In **The Archaeology of Greek Colonisation.** Oxford University School of Archaeology, 1994.
- ÉTIENNE, R; MULLER, C; PROST, F. Archéologie historique de la Grèce Antique. Paris, 2000.
- FINLEY, M. I. A cidade antiga de Fustel de Coulanges a Max Weber. **Economia e sociedade na Grécia antiga.** Lisboa: Martins Fontes, 1989.
- GRAS, M. Ricerche sul pianoro meridionale dell'abitato di Mégara Hyblaea, In **Kokalos**, 30-31, 1984-1985.
- GRAS, M. Nécropole et histoire: quelques réflexions à propôs de Mégara Hyblaea, In **Kokalos**, 21, 1975, p. 37-53.
- GRECO, E.; TORELLI, M. Storia dell'Urbanistica Greca. Rome, 1983.
- HAGG, R. (ed) The role of religion in the early Greek polis. Stockholm, 1996.
- HAGG, R. (org) Greek Renaissance: The Greek Renaissance of the 8th cent. B.C. Tradition and inovation. Stockolm, 1983.
- HAGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G. Early Greek Cult Pratice. Athens, 1986, Stockolm, 1988.
- HERMANN, W. Santuari di Magna Grecia. Atti IV ° convegno. Tarente, 1964.
- HOLLOWAY, Ross. The Archaeology of Ancient Sicily. Routledge, London, 1991.
- IACOVELLA, Andréa. Les premières fouilles à Mégara *Hyblaea* (1860-1897), *dans* **MEFRA**, 113-1-2001, p. 401-469.
- KOLB, F. La ciudad en la Antiguedad. Barcelona, Gredos, 1992.
- LAWRENCE, Denise; LOW, Setha. The built environment and spatial form. **Annual Review Anthropology**, 1990,19.
- LEPORE, E. La cità greca. Em P. Rossi. Modelli de la città. Torino, 1987.

- Les Grecs et l'Occident. Actes du colloque de la villa "Kérylos". (Collection de l'École Française de Rome), Rome, 1995.
- MALKIN, Irad. Exploring the validity of the concept of 'foundation': a visit to Megara *Hyblaea*. Brill. Leiden, 2002, p. 195-197.
- MALKIN, Irad. Religion and colonization. Brill Academic Pub, 1987.
- MARINATOS, N.; HÄGG, R. Greek santuaires. New approaches. Londres, 1993.
- MARTIN, R. L'espace civique et profane dans es cités grecques de l'arcahisme à l'époque hellenistique. **Arquitecture et Urbanisme.** Coll. École Française de Rome, 84, 1987.
- MARTIN, R. L'Urbanisme dans la Grèce Antique. Paris, 1974.
- MARTIN, R. Probèmes d'urbanisme des cités grecques de Sicile. **Kokalos**, XVIII-XIX, 1972-1973.
- MAZARAKIS AINIAN, A.J. Early Greek Temples: Their Origin and Function In HAGG, R.; MARINATOS, N.; NORDQUIST, G. Early Greek Cult Pratice. Athens, 1986, Stockolm, 1988.
- MONEDERO, Adolfo J. Dominguez. La Polis y la expansión colonial griega. Siglos VIII-VII. Madrid, Editorial Síntesis, 1993.
- MORGAN, Catherine. **Athletes and oracles.** The formation of Olimpia and Delphi ai the eight century BC. London: Cambridge University Press, 1994.
- MORRIS, I. Greece. Death-Ritual and Social Structure in Classical Antiquity. Cambridge, 1992.
- NICHOLS, D; CHARLTON, T. (ed.) **The Archaeology of City-States.** Cross-Cultural approaches. Smithsonian instituition press, London and Washington.
- OSBORNE, R. *Early Greek Colonization, in Archaic Greece: New Approaches and New Evidence,* ed. N. Fisher and W. van Wees, London, 1998, p. 251-269.
- OWENS, E.J. The city in the Greek and Roman world. Cap. 3, London, Routledge, 1992
- POLIGNAC, F. L' Installation des dieux. In La colonisation grecque en Mediterranée Ocidentale (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999.
- POLIGNAC, F. La naissance de la cité greque. Cultes, espace et société VIIIe. VIIe. Siècles avant J. C. Paris, 1984.
- RAPOPORT, Amos. The meaning of built environment: an non verbal communication approach" Univ. of Arizona, 1982.

- Recchèrches sur les cultes grecs et l'Occident I. Cahiers du centre Jean Bérard V, Naples, 1979.
- RENFREW, C. The Archaeology of cult. The Sanctuary at Phylakopi. Londres, 1995.
- RENFREW, C; BAHN, P. **Arqueología. Teorias, métodos y prática.** Trad. Esp. Madrid, 1993. (1ª ed. 1991)
- RICH, J.; WALLACE-HADRILL, A. City and Country in the Ancient World. Londres, Routledge, 1992.
- SNODGRASS, A. M. Archaeology and the rise of the greek state. Cambridge, 1977.
- SNODGRASS, A. M. Archaic Greece: The age of Experiment. Londres, 1981.
- SNODGRASS, A. M. **Arqueología de Grecia:** Presente y futuro de una disciplina. Editorial Crítica, Barcelona, 1990.
- SNODGRASS, A. M. The Dark Age of Greece. Edimburg, 1971.
- SORVINOU-INWOOD, C. Further aspects of polis religion. In Oxford Readings in Greek Religion, (R. Buxton, ed.), pp. 38-55.
- SORVINOU-INWOOD, C. **The Greek city from Homer to Alexander** (O. Muray e S. Prince, eds.) Oxford, 1990.
- STILLWELL, R. (ed.). **The Princeton Encyclopedia of Classical Sites.** Princeton University Press, 1976.
- SVEMBRO, J. "A Mégara *Hyblaea*: le corps géomètre". **Analles ESC** 37, 1982, p. 953-964. Torino, Série 4, n°. 10, 1966.
- TRÈSINY, Henri. Les ilôts dans Mégara *Hyblaea*. In **La Colonisation Grecque en Mediterranée Occidentale.** (Coll. École Française de Rome), 251, 1999
- TSETSKHLADZE, G.R.; ANGELIS, F. (ed). The Archaeology of Greek Colonization. Essays dedicated to Sir John Boardman, Oxford, 1994.
- VALET, G. La cité et son territoire. **Atti del 7o Convegno**. Tarente, 1967.
- VALET, G. Le monde grec colonial d'Italie du Sud et de Sicile, (Collection de l'École Française de Rome, 218), Rome, 1996.
- VALET, G. Metropole et colonies. **Atti Io Convegno**, Tarente, 1961, p. 209.
- VALET, G. Topographie historique de Mégara Hyblaea et problèmes d'urbanisme colonial, dans **MEFRA**, 95, 1983.

- VALET, G. Travaux et recherches à Mégara Hyblaea. Kokalos, XXVI-XXVII, 1980-1981.
- VALLET, G.; VILLARD, F. Fouilles de Mégara Hyblaea. **MEFRA**, LXIV, 1952; LXV, 1953; LXVI, 1954; LXXXI, 1969.
- VALLET, G.; VILLARD, F. Guide de Mégara. Rome, 1983.
- VALLET, G.; VILLARD, F. Les fouilles de Mégara Hyblaea, dans **Bolletino d'Arte**, 45, 1960.
- VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Expériences coloniales et urbanisme: les fouilles de Mégara Hyblaea, dans **Annales ESC**, 1970.
- VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 1: Le quartier de l'ágora archaïque. Paris, 1976.
- VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 2: La céramique archaïque. Paris, 1979.
- VALLET, G.; VILLARD, F.; AUBERSON, P.; Mégara Hyblaea 3: **Guide des fouilles.** Paris, 1983.
- VILLARD, F. Sicilia Greca, Palermo: Arnaldo Lombardi, 1990
- VILLARD, F. Le cas de Mégara Hyblaea est-il Exemplaire? *In* La Colonisation Grecque en Mediterranée Occidentale. (Coll. École Française de Rome), 251, 1999.
- WARD-PERKINS, J.B. Cities of ancient greece and Italy. Sdgwick and Jackson, London, 1974
- WASOWICZ, Aleksandra. Problèmes du plan régulier dans lês colonies de la mer Noire. Dans La colonisation grecque en Mediterranée ocidentale (Collection de L' É cole Française de Rome), 1999.
- WEATLEY, Paul. *The concept of urbanism* in UCKO, Peter; TRINGHAM, Ruth; DIMBLEBY, G.W. (ed.) **Man, settlement and urbanism.** Londres, Duckworth,
- WYCHERLEY, R. E. How the Greeks build cities. London, MacMillian Press, 1962.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

<u>Baixar</u>	livros	de	Adm	<u>inis</u>	tra	ção

Baixar livros de Agronomia

Baixar livros de Arquitetura

Baixar livros de Artes

Baixar livros de Astronomia

Baixar livros de Biologia Geral

Baixar livros de Ciência da Computação

Baixar livros de Ciência da Informação

Baixar livros de Ciência Política

Baixar livros de Ciências da Saúde

Baixar livros de Comunicação

Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE

Baixar livros de Defesa civil

Baixar livros de Direito

Baixar livros de Direitos humanos

Baixar livros de Economia

Baixar livros de Economia Doméstica

Baixar livros de Educação

Baixar livros de Educação - Trânsito

Baixar livros de Educação Física

Baixar livros de Engenharia Aeroespacial

Baixar livros de Farmácia

Baixar livros de Filosofia

Baixar livros de Física

Baixar livros de Geociências

Baixar livros de Geografia

Baixar livros de História

Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura

Baixar livros de Literatura de Cordel

Baixar livros de Literatura Infantil

Baixar livros de Matemática

Baixar livros de Medicina

Baixar livros de Medicina Veterinária

Baixar livros de Meio Ambiente

Baixar livros de Meteorologia

Baixar Monografias e TCC

Baixar livros Multidisciplinar

Baixar livros de Música

Baixar livros de Psicologia

Baixar livros de Química

Baixar livros de Saúde Coletiva

Baixar livros de Serviço Social

Baixar livros de Sociologia

Baixar livros de Teologia

Baixar livros de Trabalho

Baixar livros de Turismo